



Retratos de camafeu

Antologia de escritoras sul-rio-grandenses

MARIA EUNICE MOREIRA
organizadora

61



Retratos de camafeu

Antologia
de escritoras sul-rio-grandenses



COLEÇÃO
RIO-GRANDENSE



CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

MARIA EUNICE MOREIRA

- organizadora -

Retratos de camafeu

Antologia

de escritoras sul-rio-grandenses



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



**BIBLIOTECA
RIO-GRADENSE**

Lisboa / Rio Grande
2023

**DIRETORIA DA
CÁTEDRA DE
ESTUDOS GLOBAIS
DA UNIVERSIDADE
ABERTA/CIPSH/
UNESCO**

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

**DIRETORIA DA
BIBLIOTECA RIO-
GRANDENSE**

Presidente: Francisco das Neves
Alves

Vice-Presidente: Pedro Alberto
Távora Brasil

Diretor de Acervo: Ronaldo Oliveira
Gerundo

1º Secretário: Luiz Henrique Torres

2º Secretário: Marcelo França de
Oliveira

1º Tesoureiro: Valdir Barroco

2º Tesoureiro: Mauro Nicola Póvoas

Ficha Técnica

- Título: Retratos de camafeu: antologia de escritoras sul-rio-grandenses
- Organizadora: Maria Eunice Moreira
- Coleção Rio-Grandense, 61
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Maio de 2023

ISBN – 978-65-89557-52-4

Capa: imagem gerada a partir de I.A. em starry.ai

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
ANÁLIA VIEIRA DO NASCIMENTO	11
CECIL JEANINE ALBERT ZINANI	
JULIETA DE MELO MONTEIRO.....	39
FRANCISCO DAS NEVES ALVES	
CÂNDIDA FORTES BRANDÃO	59
MARIA EUNICE MOREIRA	
TERCÍLIA NUNES LOBO	101
MAURO NICOLA PÓVOAS	
LUÍSA CAVALCANTI GUIMARÃES E JÚLIA CÉSAR CAVALCANTI	115
REGINA KOHLRAUSCH	
ANDRADINA AMÉRICA ANDRADE DE OLIVEIRA	139
SALETE ROSA PEZZI DOS SANTOS	
IBRANTINA CARDONA	165
VIVIANE VIEBRANTZ HERCHMANN	
SOBRE OS AUTORES.....	191



APRESENTAÇÃO

Motivados por um edital da CAPES que lançou uma proposta de pesquisa sobre a memória brasileira, enfocando especialmente a escrita de biografias, professores gaúchos, coordenados pela PUCRS e vinculados à UCS e à FURG, submeteram o projeto de pesquisa intitulado **Retratos de camafeu: biografias de escritoras sul-rio-grandenses** para concorrer ao referido edital. Iniciava-se, assim, uma trajetória muito bem-sucedida: não só a pesquisa reuniu os investigadores do Rio Grande do Sul, mas contou com a participação de outro grupo, associado ao CLEPUL, da Universidade de Lisboa, que estudava o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* e as escritoras que ali publicaram, no século XIX.

No *Almanaque*, como passou a ser identificada a publicação pelo grupo, havia um elenco de mulheres gaúchas praticamente desconhecidas das páginas da história da literatura brasileira, embora algumas tivessem publicado em jornais do Rio Grande do Sul e de outros estados brasileiros. Foi para esse periódico que professores e alunos, vinculados aos programas de graduação e pós-graduação em Letras das instituições conveniadas voltaram seus olhos.

O *corpus* de pesquisa foi, então, delineado: no *Almanaque* foram registradas produções de onze escritoras gaúchas, que escreveram entre 1873 a 1903 poemas, charadas, logogrifos e textos em prosa. São elas: Anália Vieira do Nascimento (Porto Alegre), Andradina de América de Oliveira (Porto Alegre); Arminda (sem identificação de sobrenome – Itaquí), Cândida Fortes Brandão (Cachoeira do Sul), Ibrantina Cardona (Porto Alegre), Júlia César Cavalcanti (Pelotas), Julieta de Melo Monteiro (Rio Grande), Luísa Cavalcanti Guimarães (Pelotas), Maria Clara da Cunha (Pelotas), Sofia A. Benny (Pelotas) e Tercília Nunes Lobo (Rio Grande). A pesquisa foi intensa: rastream-se bibliotecas gaúchas e de outros estados brasileiros, biblioteca de Lisboa; foram entrevistados familiares de algumas escritoras ou pessoas a elas ligadas; bolsistas de Iniciação Científica leram páginas e páginas de jornais e periódicos, em busca de informações; mestrandos e doutorandos analisaram fontes e referências; pesquisadores em pós-doutoramento revisaram referências, perscrutaram arquivos em cartórios e igrejas; pesquisadores lançaram perguntas, interpretaram dados e analisaram o material.

Como resultado dessa rede de informações, sobressaíram nove escritoras, que constituíram o livro *Retratos de camafeu: biografias de escritoras sul-rio-grandenses*¹, integrante da Coleção Rio-Grandense, da Biblioteca Rio-Grandense, de Rio Grande, que obteve o apoio da Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização (CIDH) e da CAPES/Brasil. O livro foi agraciado com o Prêmio Especial da Associação Gaúcha de Escritores (AGES), em 2022.

Concluída a primeira etapa dessa investigação, o grupo de pesquisadores, de modo individual ou ainda coletivo, motivado pelos bons resultados obtidos, deu continuidade ao trabalho, ampliando a esfera da pesquisa, buscando novas informações sobre as autoras. Nessa direção, outras contribuições até então inéditas ou com rara circulação em periódicos brasileiros, foram sendo aglutinados ao acervo de textos. Surgiram daí, algumas questões que orientam esta Antologia. Por que não fazer circular a produção dessas autoras? Por que não trazer

1 São as seguintes as escritoras cujas biografias integraram o volume *Retratos de camafeu: biografias de escritoras sul-rio-grandenses*: Andradina América Andrade de Oliveira, Anália Vieira do Nascimento, Cândida Fortes Brandão, Ibrantina Cardona, Júlia César Cavalcanti, Julieta de Melo Monteiro, Luísa Cavalcanti Guimarães, Maria Clara da Cunha e Tercília Nunes Lobo.

à luz textos pouco conhecidos ou textos que, pela dificuldade de sua localização – alguns estão publicados em revistas ou jornais de difícil acesso – para conhecimento dos leitores? Por que não socializar o material literário obtido nas diferentes fases da investigação?

A Antologia que ora apresentamos procura responder a essas questões e, principalmente, objetiva compartilhar com o público leitor a produção de um grupo de mulheres que, agora distanciadas de nossa contemporaneidade, tiveram papel preponderante na difusão da literatura do Rio Grande do Sul. Neste volume, encontram-se, pois, os textos elaborados por autoras (quase) esquecidas, mostrando que os temas por elas aproveitados dizem respeito à sua condição de escritora, à sua posição como mulher, mas também comprovam sua ligação com os assuntos de seu tempo, fossem eles literários, políticos ou sociais.

Mais uma vez, PUCRS, FURG e UCS unem-se para socializar o resultado de uma pesquisa que colabora para a expansão do patrimônio literário rio-grandense e, em especial, para divulgar o trabalho de escritoras gaúchas que, no século XIX ou já no século XX, mostraram-se pioneiras no fazer literário.

A organizadora



ANÁLIA VIEIRA DO NASCIMENTO

CECIL JEANINE ALBERT ZINANI

Anália Vieira do Nascimento nasceu em Porto Alegre, em 2 de setembro de 1854, falecendo, na mesma cidade, em 24 de janeiro de 1911. Casada com o bacharel em Direito Rodrigo Antônio Fernandes Lima e irmã do poeta Damasceno Vieira, integrante da Sociedade Partenon Literário, Anália pertencia a uma família que prezava a educação, tendo cursado a Escola Normal de Porto Alegre, atual Instituto de Educação Flores da Cunha, juntamente com seus irmãos. Professora concursada, aposentou-se em 1907, devido a problemas de saúde.

A autora contribuiu durante 22 anos, primeiramente, com o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, depois com o *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, iniciando uma colaboração que se estendeu desde o anuário para 1871 até a edição para o ano de 1893. A participação de Anália no *Almanaque* totaliza 27 trabalhos: 1 texto em prosa, 20 poemas e 16 passatempos, os quais incluem logogrifos, charadas e enigmas. A primeira colaboração ocorre com o “Logogrifo XI”, dedicado a um logografista de Portugal, Sr. Manuel Maria Lúcio, e a última consiste no poema “Avante”, oferecido a uma renomada escritora sul-rio-grandense, Andradina de Oliveira.

Pouco se sabe de outras publicações de Anália, ainda que haja menções dessa existência, por exemplo, no *Dicionário Bibliográfico*

Brasileiro, de Sacramento Blake, de 1883, ou no *Dicionário crítico de escritoras Brasileiras*, de Nelly Novaes Coelho (2002), em que são mencionados escritos esparsos na imprensa gaúcha. O único dado efetivo foi encontrado na Hemeroteca Digital, no *Almanach popular* para 1878, editado por Hipólito da Silva, em que são publicados os poemas “Soin” (presente no *NALLB* para o ano de 1874) e “Num álbum” (publicado no *NALLB* também no ano de 1878).

A recepção dos textos de Anália pode ser aferida pelas inúmeras respostas a seus passatempos, nos poemas a ela destinados e também nas homenagens das quais foi alvo. Muitos trabalhos da autora foram dedicados a outros colaboradores do *Almanaque* o que possibilitou uma interlocução duradoura.

Para esta Antologia, foram selecionados alguns textos significativos, como o primeiro e o último trabalho da autora; um logogrifo e uma charada, representando os passatempos; o único texto em prosa, em que se evidenciam abordagens crítica e feminista; poemas líricos, no melhor estilo oitocentista; um poema com alusão ao Realismo, poemas de ocasião, na modalidade de acróstico, em resposta a outros logogrifistas ou a provocações que a autora havia recebido, como é o caso do poema “Epístola” em que Anália demonstra o conhecimento que afirma lhe faltar, bem como sua habilidade no trato poético, utilizando diversas modalidades de rima e de métrica, tudo isso para demonstrar sua opinião de que não tinha capacidade para voos mais elevados do que ser apenas uma logogrifista, como afirma no final do poema.

PRIMEIRO TRABALHO DE ANÁLIA: LOGOGRIFO

LOGOGRIFO XI¹

Ao Senhor Manuel Maria Lúcio,
Veja-se o A. de 67, pág. 329, e o A. de 69, pág. 222

Da quinta, entre quarta e sexta,

Uma letra tiraria:

Era assim que noutro tempo

A humildade se cingia?

Da primeira com a quarta

Uma letra mudaria:

Se às vezes produz desgostos,

Causa excessos d'alegria!

Para ter bicho rebelde,

Quinta e sexta quereria;

E do cabo da vassoura

Inda metade uniria!

A primeira com a quinta

Em francês é ventania;

E esta mesma com a sexta

Dá luz que muito alumia!

A primeira e a segunda

Com tércia e sexta uniria,

Se este mal contagiasse...

E ninguém descansaria!

1 Primeira colaboração de Anália Vieira do Nascimento no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, edição para o ano de 1871, p. 220-221. Trata-se de um logogrifo dedicado a um colaborador do *Almanaque* Sr. Manuel Maria Lúcio, a propósito de suas publicações em anos anteriores: 1867 e 1869. A autora é nomeada como D. Amelia Vieira do Nascimento. Acesso em 15 jul.. 2021. Disponível em <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=hvd.32044048707202&view=1up&seq=19&skin=2021>

Unindo a quarta co'a sexta,
Oh! que rubro não seria!
P'ra completar a palavra
Inda uma letra uniria!

Une a tércia com a quarta;
Uma letra eu tiraria –
(Mesmo sendo ignorante)
Homem de grande valia!

Porém a quarta isolada,
Que mimosa não seria!
Para mostrar que a modéstia
De pudor se revestia!

Segunda, terceira e sexta,
Que carranca não faria!
Mas em dadas circunstâncias
O furor me precedia!

À sexta juntando a quarta,
E um sinal mais, bastaria
Para ser de brandas aves
Detestável companhia.

Se eu quisesse ver um chefe,
Primeira e tércia uniria,
Tirando desta uma letra,
E o da Pérsia então veria!

A prima co'a sexta e quarta
E uma letra cortaria,
É a cidade do Oriente
Que tem uma academia,

Junta a quinta com a sexta:
Que sou grega, quem diria?
Sendo uma preposição,
Posso estar na farmacia².

A quarta com quinta e sexta,
Uma letra quereria,
Se tu estivesses doente,
Isto te confortaria.

Se eu quisesse ver que n'Ásia,
Só no mar tem serventia,
Juntava a quarta co'a sexta
E depois repetiria.

Se nos homens dominasse
Muito mal se evitaria! ...
(Dizem todas as sensatas
Que a minha escola só cria)
Eis aqui o logogrifo
Já tão claro como o dia,
Que ofereço humildemente
*Ao Senhor Manuel Maria.*³

2 Alteração da sílaba tônica devido à rima.

3 Resposta do logogrifo: MISERICÓRDIA.

PRIMEIRO POEMA LÍRICO

LUCÍLIA⁴

Pomba da minha paz, porque morreste,
deixando-me tão só na arca sem rumo,
sobre o infinito mar?
(Tomás Ribeiro – *Dom Jaime*)

Lucília, minha irmã, por que tão cedo
te envolveste no pó da sepultura?
Pois pudeste trocar um sonho ledó
por uma realidade sem ventura?
Ai! sei que foste vítima inocente
de atroz fatalidade, e tristemente
te envolveste no pó da sepultura.

E morreste, e caíste nesse abismo...
do sepulcro na tétrica voragem,
que sorve nossas crenças co'o cinismo
de um torpe coração de vassalagem!
Tua aurora gentil trocou-se em noute!
Maldito o arcanjo mau que despenhou-te
do sepulcro na tétrica voragem!

Maldito!... mas agora que repousas
na fria solidão de tua campa,
não quero blasfemar ante essas lousas
em que a morte o poder feral estampa.
Ai! dorme querubim c'roado em rosas!
Não perturbo o sossego que tu gozas
na fria solidão de tua campa.

⁴ Poema de Anália publicado no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* para 1873, p. 379.
Acesso em 15 jul. 2021. Disponível em
<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=nyp.33433084717010&view=1up&seq=7>

ACRÓSTICO

NUM ÁLBUM⁵

De votre nom j'embelirais mes vers
Parny⁶

Linda donzela de um olhar tão puro
É teu futuro de esplendores cheio;
O teu semblante jovial não mente,
Passas contenta, és feliz: eu creio.
Olha o presente – que viçosas flores!
Lindas nas cores, no sutil perfume,
Deixa, não ames; o amor mais terno,
Imenso, eterno, no Senhor resume!
Não ames nunca, que o viver de amores
A alma condena a cruciantes dores!⁷

PASSATEMPO: CHARADA

CHARADA XLVII⁸

Eu estou em todo o corpo – 2
Eu entretenho a mulher;
Também posso ser espada,
ou rochedo se quiser. – 2

5 Poema publicado no *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, denominado a partir daqui por NALLB, para o ano de 1874, p. 332. Disponível em <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=hvd.32044048706873&view=1up&seq=340&skin=2021> Acesso em 10 ago. 2021.

Esse poema também foi publicado no *Almanach Populaire*, de Campinas/SP, editado Hypolito da Silva, para 1878.

6 Évariste Desiré de Forges, Visconde de Parny (1753-1814), militar famoso por sua obra *Poésies érotiques*, de 1778.

7 As letras destacadas no início dos versos formam o nome Leopoldina, modalidade de poema denominada acróstico.

8 Passatempo publicado no NALLB para 1874, p. 365. Disponível em <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=hvd.32044048706873&view=1up&seq=340&skin=2021> Acesso em 10 ago. 2021.

Sou grande, terrível, na foz do Amazonas
as águas revoltas às nuvens levanto!
O nauta nem ousa mirar-me de perto,
Pois foge p'ra longe, transido de espanto.⁹

POEMA LÍRICO

NO MAR¹⁰

(Fragmentos)

No dia de meus anos, 2 de setembro de 1873.

A Juventude

É muitas vezes a estação das dores

Magalhães¹¹ – *Otelo*

.....
A natureza toda era um sorriso!
O mar – todo bonança... O frágil lenho
sulcava o dorso do oceano... As ondas
dormiam no silêncio interrompido
pelo grito ligeiro das gaivotas,
que passavam roçando as asas brancas
na verde superfície... Brandas auras
enfunavam as velas docemente...
Todo o céu recamava-se de nuvens,
doiradas pelos vívidos fulgores
do astro que pendia no Ocidente...
O mar era um espelho de esmeralda
refletindo as celestes maravilhas...
Alegre a marinhagem contemplava
este quadro sublime de grandezas,
e engolfava-se em místicos cismares...

9 Resposta: PORÓROCA.

10 Poema publicado no *NALLB*, para 1875, p. 242-243. Disponível em <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=nyp.33433084716905&view=1up&cseq=9&skin=2021>
Acesso em 10 ago. 2021.

11 Fragmento da tragédia *Otelo*, de Shakespeare, em tradução de Gonçalves de Magalhães.

.....

Só eu me recostava na amurada
sem desfitar os olhos do horizonte,
em que vira sumirem-se as montanhas
de meu pátrio torrão... Nesse momento,
sentia deslizar-se pelas faces
o pranto da saudade e da tristeza...
Chorava a perda de meus lares santos
tão cheios de celestes atrativos!
Chorava a morte d'ilusões bem caras
que eu julgava talvez imorredouras...
Sim! chorava!... Eram lágrimas profundas
vertidas em silêncio... gota a gota
perdendo-se no seio do oceano...
As auras que passavam não ouviram
um só protesto contra a sina ingrata
que me arrastava para um longo exílio.
Um queixume sequer não desprende-se
dos seios de minh'alma angustiada.
Nem um gemido se exalou do peito,
nem um suspiro revelou meu luto!

.....

E eu chorava fitando os horizontes,
em que vira sumirem-se as montanhas
de meu pátrio torrão... Só eu chorava!
Era assim que eu saudava os esplendores,
de que se revestira a natureza
nesse dia infeliz em que eu contava
dezoito primaveras de existência!¹²

12 Esse verso ensejou o equívoco na data de nascimento de Anália, que, de acordo com registro na Cúria Metropolitana de Porto Alegre, ocorreu em 2 de setembro de 1854 e não 1855 como sugere o poema.

RESPOSTA AOS LOGOGRIFISTAS

QUADRAS¹³

Aos ilustrados cavalheiros de que trata
o *Almanaque* de 1875, à página 17.14

Eu sinto com mágoa extrema
não ser um ente exemplar,
que tenha o dote sublime
de poder adivinhar!

Só assim eu saberia
que tão distintos senhores,
foram do meu logogrifo
sagazes decifradores!

E mandar-lhes-ia logo
(pois não falto ao que prometo)
quatorze versos truncados
com pretensões a soneto!¹⁵

Mas não sou nova Cassandra,
nem consulto as nigromantes,
nem tenho as asas ligeiras
dos aéreos habitantes!

Além disso vejo pouco:
desta terra de Cabral
não distingo o que se passa

13 Publicado no *NALLB* para 1876, p. 15 Disponível em <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=nyp.33433084717028&view=1up&cseq=1&skin=2021>. Acesso em 15 de ago 2021. Antecede o poema estas advertências: “Ainda as últimas explicações acerca do logogrifo de pág. 194 do *Almanaque* de 1874”. “Por honra e primazia que lhe cabe, demos a palavra a Ex.ma. Sr^a. D. Anália Vieira do Nascimento”.

14 Os cavalheiros citados são: Antônio Machado, Júlio Caldeira, Luís Carlos de Araújo Pereira Palma, Antônio M. C. Almeida Ferraz, Anônimo Batalhense, Padre Luís Antônio da Fonseca Moreira, José Joaquim de Matos, André do Quental e Antônio de Sá Soares Leite.

15 Como fiz a todas pessoas que tiveram a delicadeza d escrever-me, as quais perfizeram a soma total de 125! Quase um batalhão! Da costa d’África, poucas; de Portugal, muitas; do Brasil, então, nem falemos! Vinham às dezenas! Nunca me vi tão requestada! Alguns afirmavam que eu era *ninfa*, outros acreditavam que eu era estrela: a maior parte ficou indecisa: não sabia se eu era *divindade* ou simplesmente flor! Mas não me vi embaraçada em satisfazer o meu compromisso, porque tinha já de antemão mandado imprimir 200 exemplares de um soneto laudatório, que compus conforme Deus me ajudou, e que fui remetendo como o doutor Holloway remete as suas pílulas – com o maior desinteresse do mundo!

no Reino de Portugal!

Quis a sorte que eu nascesse
criatura bem vulgar,
porque, além de muito míope,
nunca posso adivinhar!

Se quiserem ter o prêmio,
cada qual por mais ladino
me escreva pelo correio!
Pelo fio submarino!

RESPOSTA A ANDRÉ DE QUENTAL

SONETO¹⁶

Ao distinto logografista Sr. André do Quental

Decifrei seu ardente *aerólito*
depois de revolvê-lo quatro horas;
e nesta ocasião dou-lhe os emboras
por esse seu trabalho tão bonito.

Porém acho o senhor muito esquisito:
como é que a mais humilde das senhoras,
que conta vinte invernos por auroras,
lhe pôde merecer tão belo escrito?

E deseja o senhor que eu lhe responda...
como hei de responder-lhe, sem engenho,
nem estro nem riquezas de Golconda?

Eu peço-lhe, por Deus! Não faça empenho
que eu, chorosa, qual outra Desdemonda¹⁷,
lhe remeta um soneto dos que tenho!...

16 Publicado no NALLB para 1876, p. 219. Disponível em:
<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=nyp.33433084717028&view=1up&xseq=1&skin=2021>.
Acesso em 10 ago. 2021.

17 Possivelmente, trata-se da personagem shakespeariana Desdêmona, termo modificado por questões métricas.

POEMA DE OCASIÃO

LEMBRANÇA¹⁸

No álbum de minha íntima amiga
Rafaela Barreto de Azambuja.

Recorda-te de mim! Se um dia a sorte
levar-te aos lares da família, ao longe,
nessas florestas solitárias, mudas,
cercadas de montanhas, onde os ventos
agitam de contínuo as verdes folhas
das árvores silvestres, onde a vida
se escoia no silêncio e na tristeza,
sem alboradas de prazer, sem noites
banhadas de luar; se te ausentares
desta terra feliz, em que tu vives
alegre e descuidosa como as aves,
risonha como as flores que te ornam
a fronte juvenil: – leva contigo
lembranças desses dias venturosos,
em que noss'alma divagou sorrindo
nas castas regiões dos devaneios!
Quando tu'alma se banhar de prantos
em horas de tristeza e de saudade,
recorda-te de mim!

18 Publicado no *NALLB* para 1877, p. 114. Disponível em
<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=nyp.33433084716913&view=1up&cseq=1&skin=2021>.
Acesso em 10 ago.2021.

POEMA LÍRICO

O CANTO DO SABIÁ¹⁹

Ao distinto logografista Ilmo. Sr. José
Felgueiras (de Guimarães – Portugal)²⁰.

Nas tardes calmosas, sem pálidas brumas,
que n'alma produzem tristonha impressão,
cantor do mistério, sacodes as plumas
e soltas um hino de funda paixão!

As notas harmoniosas
de teu celeste cantar
são como as vozes queixosas
de um arcanjo a soluçar!

Por entre a folhagem da verde aroeira
que trovas cadentes desatas a flux!
que escalas divinas! que voz feiticeira
que a todas as almas cativa e seduz!

O que sentes no teu seio?
Tens saudades a te pungir?
O que exprime esse gorjeio
que eu não posso definir?

Minh'alma, se escuta teus cantos divinos,
transporta-se a um mundo de eterna ilusão!
repete em silêncio teus sons argentinos,
e quer na memória retê-los... em vão!

Avezinha que me encantas
com teu doce gorjear,
quem te deu trovas tão santas?
Quem te faz assim cantar?

Que misto da mágoas, de amor e de carinho!

19 Publicado no *NALLB* para 1877, p. 222-223. Disponível em:
<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=nyp.33433084716913&view=1up&seq=1&skin=2021>.
Acesso em 10 ago. 2021.

20 Foi o primeiro cavaleiro que me comunicou haver decifrado o meu logogrifo de pág. 237
do *Alm.* de 1876.

que fundas saudades exprimes na voz!
cantor namorado, feliz passarinho,
tu sempre dissipas a dor mais atroz!

Que vivente ou criatura
neste mundo existirá,
que na voz tenha a doçura
que tu tens meu sabiá?

POEMA LÍRICO EM PORTUGUÊS E FRANCÊS

*SOIM*²¹

À minha amiga D. Heloísa de la Tour Dufresne.

Cara amiga, se me estimas
avec un profond amour,
dá licença que estas rimas
puissent entrer dans tout séjour!

Sim, permita que estas frases,
sans aucune construction,
possam ir agora, audazes,
attirer ton attention.

Se o mundo chamar-te
formosa e gentil,
vê bem que te cercam
beaucoup de périls!

Considera, minha amiga,
que ce monde est bien cruel!
quase sempre, o vício, a intriga,
s'enveloppent dans le miel!

Quantas rosas perfumadas
aux abîmes sont tombées!
pelos prantos orvalhada

21 Publicado no *NALLB* para 1878, p. 348. Disponível em:
<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=nyp.33433084717036&view=1up&seq=7&skin=2021>.
Acesso: 10 ago. 2021. Esse poema também foi publicado no periódico *Almanach populaire*, editado
por Hypolito da Silva, em Campinas/SP, para o mesmo ano.

de leurs tiges detachées!

Em vi muitas vezes
em linda manhã
dormir sob as flores
de très laid serpents!

Ai! por Deus, nunca tropeces;
aux épines du chemin!
ao Senhor envia preces,
en priant toujours le bien!

Vejas sempre na virtude
ta compagne et seule amie!
é sincera, não te ilude,
ni te donne pas d'ennuie!

Há muito quem saiba
somente fingir!
o mundo é comédia,
Qui fait tressaillir!

RESPOSTA À PROVOCAÇÃO DO EDITOR DO *ALMANAQUE*

EPÍSTOLA²²

Ao Sr. António Xavier Rodrigues Cordeiro.

Ao vosso grito de *Avante!*
para a honra do Brasil!
eu senti no mesmo instante
grande inquietação febril!

Abandonei as charadas,
os logogrifos escuros!
Quis ver outras alvoradas

22 Publicado no *NALLB* para o ano de 1880, p. 228-230. Como o original não foi localizado, foi utilizada a versão transcrita em WEIGERT, Beatriz. *Andlia Vieira do Nascimento: 1854-1911* – estudo e antologia. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal: CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas Europeias: CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, 2017. (ebook), p. 105-111.

com horizontes mais puros!
Porém a qual das escolas
me devo ir alistar?
À musa das barcarolas
e dos cantos ao luar?

Ou à nova musa austera
que canta somente heróis?
em cujo olhar reverbera
a fulgente luz dos sóis?

Uma é toda sentimento,
outra é toda razão;
aquela canta ao relento,
esta prega à multidão!

Dum lado ternos lirismos
bem medidos, a cordel;
porém doutro realismos
cada qual o mais cruel!

Se à primeira me filio
cheia de funda emoção,
e a versejar princípio
neste grave diapasão:

Curvada sobre o marco do caminho,
exposta às iras da tormenta insana,
sinto em roda de mim o torvelinho,
que envolve no deserto a caravana!

O que vai aspirar à fútil glória,
procurar a ventura desejada,
se tudo, nesta vida transitória,
reduz-se a cinzas – expressão do nada?

“Isto é muito pungitivo!
(Dirão da moda os leões)
antes um recitativo
para ser lido em salões!”

Satisfaço esse pedido,
sem custar-me quase nada:
vai o verso bem medido
com a rima bem dobrada:

O mar inquieto que o luar prateia,
a branca areia que circunda o mar,
a luz, as flores, o cadente arpejo,
eu tudo vejo que nos diz: amar!

O canoeiro que esquecendo as mágoas
vem sobre as águas resvalando à flor,
lembrando a calma dos queridos lares,
desprende aos ares a canção de amor!

Se compondo versos ternos
penso em ter a glória assim,
os trovadores modernos
dão logo cabo de mim!

Dirão todos. “Criancices!
o romantismo morreu!
quem fala mais nas pieguices
do falecido Romeu?”

Alguns deles, por despeito,
abrasado o estro em chamas,
se julgarão com direito
de dirigir-me epigramas...

Se desprezando o sarcasmo,
solto ao povo uma canção,
fremente de entusiasmo
como uma proclamação,

Prefiro os alexandrinos
de rima fluente e cheia
para ser dos paladinos
atleta da *Nova Ideia*:

Ó povo! Deixa ao longe a densa escuridade,
fita o sol da razão! a diva luz não temas!
Despedaça a teus pés o ferro das algemas
e canta um hino imenso à deusa Liberdade!

Não curves a cerviz ao torvo despotismo!
Já basta de dormir no leito da baixeza!
Desfralda o teu pendão com todo o brilhantismo
E lança-te ao futuro ao som da *Marselhesa*!

Porém não: tenho entendido,
poetar dessa maneira
era ter como apelido
comunista, petroleira...

Seria melhor pensado
usar doutros elementos
e deste séc'lo ilustrado
cantar os grandes inventos:

O vapor, telegrafia,
telescópios e barômetros,
drenagem, fotografia,
para-raios e termômetros!

Descer ao centro da terra,
tendo a ciência por guia,
dizer os metais que encerra
e que há anos rodopia!

Revolver da natureza
os grandes laboratórios,
e discutir com clareza
a vida dos infusórios!

Pôr peias à fantasia,
ler Littré, Comte, Renan,
seguindo a filosofia
racionalista – alemã!

Descrever os vastos mares
com segura exatidão,
e depois subir aos ares,
pendente dalgum balão!

Citar nomes de doutores
e de esforçados artistas,
a cujos muitos labores
deve a ciência conquistas!

Mencionar os vultos grandes:
Morse, Watt e Benjamin,
os Daguerres, os Lalandes,
não esquecendo Darwin!

Resolver graves problemas
das ciências naturais,
mostrando em todos os temas
recursos não triviais!

Trabalho tão aturado
para mim bem fácil fora,
se eu tivesse conquistado
pergaminhos de doutora!

Como seguir a poesia
dos modernos Briareus,
se não tive academia
nem frequentei liceus?!

Como rever as estantes,
ir desvendar a ciência,
sem ter estudos bastantes,
nem dotes de inteligência?

Poderei acaso um dia,
no caminho triunfal,
ter a luz que se irradia
de Junqueiro e de Quental?!

Jamais! As grandes alturas
vedadas, me são, bem sei;
caminharei nas planuras
e disso não passarei!

Não basta ter sentimento,
elevada inspiração:
é mister muito talento
com profunda erudição!

Não posso ao lirismo dar-me
nem posso ser realista:
é minha sina ocupar-me
sempre em ser logogrifista!

ÚNICO TEXTO EM PROSA

VICTOR HUGO²³

(CARTA)

Curvo-me submissa ante o fulgor olímpico desta majestade literária. Acentuaram-se de tal forma no meu espírito os grandes e profundos traços do autor das *Orientais* que não posso ler-lhe uma página, sem que experimente uma forte impressão de deslumbramento.

Tomemos-lhe ao acaso um livro.

Queres que te dê meu juízo imparcial acerca dos *Trabalhadores do mar*? Essa obra, à parte as superfluidades de erudição que por vezes entibiam o entusiasmo do leitor, tem para mim a feição de um pequeno poema.

Gilliatt, sob a sua forma rude, agreste, selvagem, é um coração de poeta e um caráter acima do comum. O amor ideal, profundamente sincero que vota à Déruchette, exprime perfeitamente o desconhecido que se passa em nós quando esse sentimento apaixonado se apossa de todas as nossas faculdades. Amar, com todo o estremecimento, toda devoção sagrada e mística, sem outro ideal, sem outro culto, tal era a existência do pobre marinheiro que aos olhos do vulgo passava por um visionário, um miserável.

Lethierry é a encarnação perfeita do homem supersticioso e vulgar, positivo e prático como um engenheiro inglês.

Gilliatt e Lethierry são por consequência duas entidades notavelmente distintas. Uma divaga no mundo fantástico do sonho, em que contempla o ideal da justiça e do bem; a outra habita o mundo real com todos os seus vícios e prejuízos.

Separa-os um abismo.

Se ambos pudessem vibrar liras e exprimir em determinado metro as suas impressões, o primeiro seria Casimiro de Abreu, sonhador de utopias, procurando em toda a parte a visão que aformoseara na sua imaginação enfebreçada, ao passo que o outro seria Guerra Junqueiro, menos arrojado talvez nas suas apreciações, mas igualmente sincero.

23 Publicado no *ALLB* para 1882, p. 153. Disponível: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=hvd.32044048706956&view=1up&seq=405&skin=2021&q1=Annalia%20Vieira> Acesso em 10 ago. 2021.

Do fundo do quadro destaca-se uma sombra negra – a hipocrisia simbolizada em Clubin. Esse, como todos os outros tipos, é delineado com o pincel de mestre: julgo ler naquela fisionomia alegre, traidora, repugnantemente afável, a paciência demorada e tenebrosa com que o tigre espreita a presa que há de forçosamente passar-lhe no caminho.

E a paixão inocente, cheia de devaneios, de Ebenezer para com Déruchette! Há nada mais comovente, mais lamartiniano?

Para os espíritos educados na moderna escola será tudo piegas, sedição, risível. Eu, porém, como não estou ainda de todo compenetrada do realismo que presentemente anda em moda nas regiões literárias, simpatizo imensamente com aquele mimoso e suave idílio.

O congaçamento imaculado e puro de duas almas eleva-as acima do mundo vulgar, o qual não pode compreender o requinte de sentimentos expresso por semelhante forma. O amor como nós, as mulheres, o compreendemos, isola-se assim, em uma reconcentração toda sagrada.

O desfecho da obra é lindíssimo. Gilliatt sacrifica a própria existência à profunda paixão que Déruchette soube inspirar-lhe.

A tudo isto, entristece-me reconhecer que a corrupção que lavra por toda a parte, corroendo os alicerces da sociedade, demonstra praticamente que Gilliatt é uma individualidade que, se existe, tende a desaparecer completamente em breve prazo!

Quem sabe se em época não muito remota não será ele objeto de profundo estudo por parte de sábios antropologistas alemães, que irão consultar-lhe o arcabouço em algum museu?!

POEMA REALISTA

A UMA INFELIZ²⁴

(PÁGINA REALISTA)

Ao contemplar teu grande isolamento,
a tua companheira doutras eras
vem dedicar-te um triste pensamento,
vendo mortas tão lindas primaveras.

Quiseste reviver; porém foi tarde!
fez-se em volta de ti profunda noute!
um bandido feroz, alma covarde,
sem remorsos, na sombra, apunhalou-te!

Derramou sobre a chaga dolorosa,
qual serpente, mortífera peçonha...
e sorriu-se ao deixar-te lacrimosa,
confrangida de dor e de vergonha...

Há entes assim vis, feitos de lodo,
sempre inspirados de brutal desejo;
cinicamente já têm gasto todo
o sentimento que se chama pejo!

Ai de quem os acolhe condoído
e quem livrá-los de morrer a fome!
Traidores como Judas fementido,
dão-nos em prêmio ingratidão sem nome!

Hipócritas, com gestos pungitivos,
entram no lar, na recatada estância,
depois, perversos animais nocivos,
mordem a mão que os tira da ignorância!

Arrastando a virtude ingênua e casta
ao pelourinho de um cruel desgosto,
só coram quando os golpes da vergasta
lhes abrem sulcos no estanhado rosto!
Foste agora, em degredo, condenar-te

24 Publicado no *NALLB* para 1883, p. 234. Disponível em <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=wu.89005166947&view=1up&seq=462&skin=2021> Acesso em 30 jul. 2021.

às densas trevas de profunda noute!
porém crê que o bom Deus há de vingar-te,
punindo a quem sem pejo apunhalou-te!

POEMA DE OCASIÃO

GOIVOS²⁵

Sobre a campa da Exma. Sra. Maria da Piedade Moreira Freire de
Aboim Cordeiro, esposa do Dr. António Xavier Rodrigues Cordeiro.

*Eu conheci essa senhora, quando ela tinha 15 anos, com
o rosto brando do mate das camélias, os olhos escuros,
meigos, encantadores. No sorriso alegre e bom falava-lhe
a alma sempre solícita em socorrer os infelizes.*

Bulhão Pato.

Musa! sócia das minhas alegrias,
De todos os meus íntimos pesares!
Ó Musa, a cuja voz esqueço azares
Enlevada nas santas harmonias;

Não receies do Oceano as ventanias!
Agita as plumas, e, cruzando os ares,
Vai teus prantos verter nos ermos lares
De quem soluça em fundas agonias!

Procura após, a mal cerrada lousa
Em que, longe dos seus, ela repousa,
Saudosa, envolta num sonhar celeste!

Não chores ante o plácido retiro!
Não despertes a mártir! Teu suspiro
Se confunda ao suspiro do cipreste!²⁶

25 Publicado no *NALLB* para 1887, suplemento, p. 211. Disponível em <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uc1.b0000046102&view=1up&seq=221&skin=2021> Acesso: 01 ago.2021.

26 Esse poema foi publicado novamente no *NALLB* para o ano de 1888, p. 463.

RETORNO DA AUTORA APÓS ENFERMIDADE

RESPOSTA^{27 28}

Ao poeta baiano João Bastos²⁹ – da Vila de Maracá.

Chamastes-me, senhor, à luta *fulgurante*,
Que, depois da família, eu amo sobre a terra,
E o vibrante clarim, com *mágicos acentos*,
Revelou-me o valor que vosso peito *encerra!*

Eu não dormia, não! Ouvia vossos *aplausos*
Já cerrada a fileira em busca de *vitória!*
Marchava sem temor, além, quando *tocastes*
Avante! Avante! Para mim, num cântico de *glória!*

Já tinha me empenhado à máscula *peleja*
Em que somente o estro, a pena são *as armas!*
É que eu não posso estar sozinha *indiferente*
Ouvindo em derredor *o grito dos alarmas!*

Voltei pujante à liça, e vi como *trilháveis*
A estrada, e a conquistar a glória, essa *invencível!*
Sim, vi com que fulgor cingiu-se a vossa *fronte*
Qual d'um herói romano, c'roa *imarcescível!*

Eu devera, bem sei, em verso a voz *soltando*,
Vosso culto apontar as nobres *multidões*,
Roubar, qual Prometeu, um resplendor *divino*
E fazer palpitar de gozo os *corações!*

27 Publicado no *NALLB* para 1886, p. 406.

28 Nota do *Almanaque*: “Vide Almanaque de 1885, pág.219” no qual o poeta dedica a Anália o poema “Avante! Avante!”

29 Nota do *Almanaque*: “Aos srs. Moisés Bensaúde (dos Açores), Joaquim Pestana (da Ilha da Madeira), Zacarias Nunes da Silva Freire (da Bahia) e Cristiano José do Nascimento (de Ilhéus – Bahia) abrange a dedicatória dos presentes versos, pelas obsequiosas palavras de animação que me dirigiram: o primeiro, à pág. 348 do *Almanaque* anterior, e os outros em cartas.”

Qu'importa que não tenha a voz dos *grandes gênios*,
A luz, a inspiração, os mil encantos seus?
Mas posso vos bradar: – sem trégua, sem *repouso*,
*Avante! diz a Pátria, avante! exclama Deus!*³⁰

ÚLTIMO TRABALHO DA AUTORA

AVANTE!³¹

À escritora rio-grandense D. Andradina de Oliveira.

Denodada morena de olhos pretos
E compleição gentil,
Perdoa se em meus versos indiscretos
Desenho-te o perfil!

Qual fêrvida amazona combatente,
Sem vacilar sequer,
Inscreveste no gládio refulgente
Defesa da mulher!

Resgatando direitos conculcados
Por tirania atroz,
Ergueste nos torneios arrojados
A sedutora voz!

Inspirada aos fulgores do talento,
Em luta desigual,
Fizeste triunfar o sentimento
– Nosso grande ideal!

30 Esse poema não foi localizado no *Almanaque* para o ano de 1886, tendo sido transcrito na versão de WEIGERT, Beatriz. *Andalia Vieira do Nascimento: 1854-1911 – estudo e antologia*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal: CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas Europeias: CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, 2017. (ebook), p. 118-119.

31 Publicado no *NALLB* para 1893, p. 181. Disponível em <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=wu.89005166814&view=1up&seq=189&skin=2021> Acesso: 30 jul.2021. Trata-se da última colaboração da escritora para o *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*.

Ao penetrar nos pórticos da História,
A descobrir painéis,
Recolheste mil palmas de vitória
Nas descrições fiéis!

Artemísia, Cornélia – a mãe briosa
Dos Gracos imortais,
Lucrécia, a mártir, surge esplendorosa
Em traços divinais!

Eia! Prossegue com ardor pujante,
Cultora do ideal,
Rendilhando na frase coruscante
Teu mérito real!

Defensora gentil de nosso sexo,
Que marchas a sorrir,
De minh'alma recebe o terno amplexo
E arroja-te ao porvir!



JULIETA DE MELO MONTEIRO

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Poetisa e jornalista brasileira Julieta Nativa de Melo nasceu a 21 de outubro de 1855, na cidade do Rio Grande (Rio Grande do Sul/Brasil). Pertencia a uma família fortemente vinculada às letras, envolvendo o avô Manoel dos Passos Figueroa, escritor e jornalista; a mãe, Revocata dos Passos Figueroa Melo, professora e poetisa; o tio Manoel dos Passos Figueroa, engenheiro e escritor; outro tio, Deodato dos Passos Figueroa, professor e escritor; e a tia Amália Figueroa, poetisa. Além disso, havia o irmão, Otaviano Augusto de Melo, poeta que manteve um jornal literário e Revocata Heloísa de Melo, escritora e periodista, ao lado da qual empreendeu incansavelmente a batalha através da palavra escrita. Para completar, ela se casou com o jornalista e poeta Francisco Pinto Monteiro, incorporando o sobrenome do marido, vindo a assumir o nome pelo qual ficaria mais conhecida – Julieta de Melo Monteiro.

Desde cedo, Julieta Monteiro passou a atuar como colaboradora junto à imprensa periódica, escrevendo para os mais variados gêneros jornalísticos, mormente junto das publicações literárias, mas também em jornais informativos, comemorativos, ilustrados e até caricatos. Ao final dos anos setenta, entre 1878 e 1879, ela se lançou no caminho que

não mais abandonaria, fundando a *Violeta*, um semanário literário cuja redação e colaboradoras eram do sexo feminino, bem como tinha por público alvo as mulheres. Apesar das pequenas dimensões, o periódico obteve certa projeção, notadamente no que tange ao intercâmbio promovido o qual atingiu a maior parte das regiões brasileiras e chegou mesmo ao exterior. Em seguida, no ano de 1883, Julieta esteve ao lado da irmã Revocata na execução de uma das mais importantes publicações literárias e femininas, tanto no contexto regional, quanto no nacional, através da edição do *Corimbo*, folha que marcou época em termos de escrita feminina, na difusão da leitura entre as mulheres e na busca por transformações no papel social feminino, vindo a circular até 1944. Auxiliando a irmã no gerenciamento do jornal ou atuando diretamente na redação, Julieta Monteiro permaneceu no *Corimbo* até a sua morte, em 27 de janeiro de 1928.

Ainda que as forças da escritora estivessem centradas na execução desta folha, ela não deixou de colaborar recorrentemente com outros jornais na conjuntura regional, nacional e até internacional. Além de atuar incessantemente junto à imprensa, Julieta de Melo Monteiro publicou vários livros, como *Prelúdios* (1881), *Oscilantes* (1891), *Coração de mãe* – em coautoria com Revocata de Melo (1893), *Alma e coração* (1897), *Berilos* – em coautoria com Revocata de Melo (1911) e *Terra Sáfara* (1928 – edição póstuma). Como típica representante da intelectualidade de sua época, Julieta Monteiro teve uma ação amplamente diversificada, pois, além de poetisa e jornalista, foi contista, cronista e dramaturga. Também no campo profissional, durante boa parte de sua vida, permaneceu ao lado da irmã Revocata na função de professora. Em termos políticos, foi aliada das forças partidárias liberais que enfrentaram o autoritário modelo castilhistaborgista, predominante no Rio Grande do Sul, ao longo da República Velha. Julieta de Melo Monteiro teve uma longa carreira, com aproximadamente meio século de ampla dedicação à escritura, contribuindo decisivamente para a difusão da escrita e da leitura feminina. Ela conquistou reconhecimento e lançou mão do mesmo para difundir suas ideias, notadamente vinculadas a um novo papel social para a mulher. Ainda que tivesse uma visão moderada, a autora

defendeu mudanças, principalmente a partir da educação feminil, caminho único, segundo ela, para a emancipação feminina.

Os textos selecionados para esta coletânea têm por base um critério temático, envolvendo a ação de Julieta como editora; as suas bandeiras de luta voltadas à emancipação feminina e à postura de oposição ao castilhismo-borgismo; ao principal conteúdo de sua obra poética – a melancolia; e à sua colaboração para o *Almanaque de lembranças luso brasileiro*.

VIOLETA – PROGRAMA

É mais uma tábua, uma prancha, lançada ao grande naufrágio em que vai a literatura nesta patriótica província; naufrágio que se evidencia, não por falta de amor às letras e à liberdade, nem pela minguagem de talentos, mas sim por essa frieza sistemática que a tudo enregela e pretende sufocar.

A literatura, essa pérola divina escapada dos lábios da Providência; a poesia, essa linguagem melíflua que nos fala com todos os acordes de uma harpa encordoada no céu, se tem um horizonte, se tem uma arena vasta para os seus elegantes devaneios, nenhum e nenhuma mais férteis em sazonar e produzir resultados que esta nobre e invicta província; onde por um dote como que natural das musas, a mocidade inspira-se, ora nos grandes faustos de um glorioso passado, ora nessa natureza esplendente e sempre pródiga de maravilhas sublimes.

Infelizmente, porém, o egoísmo, essa máscara de gelo com que se embuça a face do obscurantismo, não quer e não consente, que nem por simples ensaio as jovens de hoje travem de suas mimosas penas e venham preencher nas lutas grandiosas da ideia, o lugar de honra que lhes destina o natural impulso.

Como em outros tempos, o vocábulo do LITERATO, era tomado à esguelha pela ignorância dos papalvos aristocratas, verdadeiros empadões políticos de outrora, parece que também hoje se desenvolve a epidemia malina; se bem que muitos de nossos literatos rio-grandenses, se tenham elevado à altura a que não podem atingir os grossos volumes de LOIRAS a que hoje se venera e... respeita.

Querendo por esse motivo a *Violeta* cometer uma cruzada toda de interesse público e utilidade instrutiva, sai altamente bela, logo que também o ilustrado público lhe preste o apoio de que necessita.

Na arena literária, a nossa profissão de fé é a seguinte:

Aceitarmos os escritos que tendam a interesse instrutivo e por consequência útil.

Submeterem-se os autógrafos a uma comissão de revisão, isto a fim de que não se confundam escritos de mérito reconhecido, por outros que nada têm de aceitação.

Com estas ideias, e com outras que em artigos subsequentes iremos traçando acerca do nosso programa, está estabelecida a modesta *Violeta*, para a qual pedimos a proteção pública, por vir ela concorrer para o grande sucesso, qual o de instruir, recrear e deleitar a todas as classes da sociedade.

Esperamos, pois, se a felicidade coroar nossos esforços, em breve tempo, melhorarmos de material, bem como aumentarmos o formato deste jornalzinho.¹

O ESTUDO

É no estudo apurado das letras
Que a mulher procurar deve a luz,
Não nos bailes, nas salas festivas,
Onde a louca vaidade transluz.

Estudar é buscar um futuro
Nobre, santo, querido por Deus,
Estudar é buscar no trabalho
Desvendar das ciências os véus.

Estudai, pois oh! flores singelas,
Meigas virgens que em trevas viveis;
Que áureo prêmio de vossos trabalhos,
No saber muito breve achareis.²

1 O COMERCIAL. Rio Grande, 18-19 mar. 1878, p. 1.

2 VIOLETA. Rio Grande, 20 abr. 1879, p. 4.

A MULHER

A mulher tem sido, é, e será sempre o assunto predileto do homem.

Quer endeusando-a, quer emprestando-lhe defeitos que está ela longe de possuir, muitas são as penas que diariamente aparecem para descrevê-la, tratarem de sua primeira missão – a do lar, e darem justo ou errôneo parecer sobre as habilitações e empresas concernentes ao seu sexo.

Opina grande parte dos homens, e especialmente aqueles cujo espírito não tem o necessário desenvolvimento, pela decantada trilogia *filha, esposa e mãe*.

Não podem, não querem concordar em que, esse ente apelidado fraco, possa desempenhar no vasto cenário do mundo um papel igual e até muitas vezes superior ao deles.

Disse a autora do *Tratado da emancipação da mulher e direito de votar*: “É uma arrogância do homem pensar que a cabeça feminina não pode rivalizar com a dele”.

E incontestavelmente assim é.

A história de todos os tempos mostra-nos um sem número de exemplos da capacidade intelectual da mulher; exemplos que se repetiriam diariamente, se fossem outros os elementos de que dispõe a companheira inseparável do homem, cuja educação tem sido até hoje tão cruelmente descurada, e cuja liberdade de proceder na sociedade, tem encontrado sempre as mais rigorosas peias, especialmente, em nosso país.

Não nos parece, no entanto, que haja razão para isso, e folgamos em ver que a nosso lado batalham grandes espíritos, que lutam em prol da educação e emancipação da mulher.

Como o homem, ela tem direito: como ele, ela pode pensar e agir.

Condorcet, Godwin e Bentham, etc., ilustres democratas europeus, reconheceram o direito da mulher.

Os mais alevantados talentos da Alemanha, França e Inglaterra, concordam na igualdade de inteligência entre os dois sexos.

Deixem-na, pois, dar livre curso às suas ideias: trabalhar e pensar por si.

Escreveu uma ilustrada pena: “Enquanto a mulher subsistir somente pelo trabalho do marido, sua condição será sempre triste, não representará na sociedade, e estará sempre exposta e maltratada especialmente pela classe dos homens pouco ilustrados”.

É necessário, pois, que ela, rompendo os ridículos preconceitos a que infelizmente por uma mal entendida submissão, teima em prestar culto, apareça tal qual é, inteligente, ativa, empreendedora, não esquecendo o santuário da família, mas tomando parte empenhada em todos os tentames proveitosos, onde pode salientar-se pelo seu critério, pela sua eloquência persuasiva, pela sua fácil compreensão, pelo modo judicioso com que encara certas questões, onde os homens se lançam apaixonadamente e sem tempo por conseguinte de verem e estudarem o principal caminho a tomar.

Julgam-nas fracas, incapazes de regenerarem-se por si, e por esse motivo fazem-nas absolutamente dependentes do pai, do tutor, do esposo, de um homem enfim que lhes possa abrir os olhos, para que se não precipitem no abismo onde a sua proverbial ignorância e falta de prática as pode lançar! Engano.

A mulher não nasceu simplesmente para obedecer: a história nos mostra que muitas delas têm dado irrecusáveis provas de sua capacidade para governar.

Catarina, da Rússia, Maria Tereza, da Hungria, Cristina, da Suécia, Joana d'Albret, mãe de Henrique IV, Elizabete, da Inglaterra, e mais Blanche, mãe de Luiz IX, da França, Isabel de Catela, etc., deram excelentes testemunhos do quanto pode a inteligência, o critério, a força de vontade, a tática da mulher!

Recorrendo ainda à história, ela nos diz que, a célebre oradora Susana Drassowich, no mais crítico período da Hungria, no reinado de Fernando e Isabel, em Salamanca e Alcalá, conseguiu, penetrando na Assembleia, salvar o país com os seus sábios conselhos, com a sua palavra fluente e arrebatadora, e com as luminosas orações em latim, com que enchia os jornais diariamente.

Não há muito, uma folha fluminense cujo nome não nos acode na ocasião, falou dos nenhuns testemunhos apresentados até hoje, da capacidade da mulher nas letras, nas artes e nas ciências!

Causa pasmo que uma ilustrada pena, deixe cair de seus bicos tão saliente contrassenso!

Acaso a senhora Hiesha, filha de Mahomed-ben-Ladum não foi tida pelo maior gênio do século X?

O primeiro jornal diário conhecido, não teve como redatora Isabel Mallet?

E Margarida Crapper, após o falecimento de seu esposo e redator da folha *Massachusetts Gazette and Newsletter*, não tomou o seu lugar, mantendo o jornal corajosamente, tanto que foi ele o único a não suspender a publicação quando Boston esteve em sítio?

Quem em 1773, à frente do *Diário Colonial*, nos Estados Unidos, defendeu heroicamente a liberdade pátria?

Não foi Clementina Reid?

Como, pois, negar à mulher influência nos grandes cometimentos universais?!

Os homens, especialmente aqueles cujo espírito é um foco de ilustração, devem antes animar a mulher a que estude, eduque-se, ilustre-se, para que possa ocupar na sociedade o lugar que lhe compete, do que estar procurando desprestigiá-la, rindo dessa ignorância cruel no século de Victor Hugo, no século das luzes!!

É certo que a mulher brasileira, quase que no geral pertence ao número daquelas que nos fala *Ignotus*, o ilustrado jornalista fluminense: Desconhece Aluizio de Azevedo, Machado de Assis, Rodolfo Bernardelli, e outras tantas glórias de seu florescentes país.

Porém, a quem cabe maior soma de responsabilidade dessa fatal cegueira, dessa calamitosa treva em que ela vive tateando?

Incontestavelmente ao homem.

A ele compete o mostrar-lhe a luz, porque para isso não será necessária nenhuma luta titânica, pois, a mulher, repetimos, é inteligente, e, convenientemente educada poderá, dizemo-lo afoitamente, estar sempre a par do homem no grande convívio social.

Joaquim Nabuco, essa cabeça gigante, esse talento adorável, escreveu: *A posição da mulher na vida moderna tende a rivalizar com a do homem; a indústria não conhece sexos; inteligência, aptidão, honestidade, são grandes qualidades de operário que a mulher possui em elevado grau.*

E a inolvidável pena do poeta das *Revelações* traçou em caracteres de ouro esta grande verdade:

*Procurar instruir os homens, e deixar na ignorância as mulheres, é um erro e um crime.*³

3 MONTEIRO, Julieta de Melo. *Alma e coração: livro do passado*. Rio Grande: Tipografia Trocadero, 1897. p. 165-171.

DUAS FACES

Há duas formas inteiramente opostas de educar a mulher:

Mostrando-lhe todos os horrores do mundo, todas as perversidades de que é capaz o homem, ou cobrindo-a com denso véu sempre que tiver de enfrentar com as misérias que a sociedade nos aponta diariamente.

O fim em ambas as formas é o mesmo: afastá-la do caminho do crime.

Victor Hugo disse: “O único perigo social é a escuridão”; é, portanto, necessário que seja feita a luz para que possamos ver a vereda por onde trilhamos. Mas será dever dos pais desvendar os mais negros quadros da existência desses entes que passam pela vida sem colherem senão maldições e motejos, sorrisos de desprezo e asco, para dizerem às delicadas flores que são metade de sua existência, a doirada cadeia que os liga ao mundo: – vede, olhai, escutai todas essas blasfêmias, e agora que sabeis tudo, agora que conheceis o lodo, afastai-vos dele; fugi para bem longe, mas... não o olvideis a fim de terdes sempre diante de vós os efeitos de quem nele se lança?!

Não nos parece que sim. Educada sob outros princípios tendo como mentora uma mulher virtuosa e ilustrada, que carregava o sobrolho ao ouvir pronunciar por uma menina uma palavra menos casta; que não entregava em mãos de uma filha, um livro cuja leitura não houvesse ainda sido feita por ela, e que as ensinava a erguerem-se da sala logo que a conversação recaía sobre assuntos que as mesmas devessem ignorar, não nos podemos habituar a esse modo de encarar a educação feminil. Tem ele, no entanto, bastante adeptos.

Se a mulher desconhece o mal, como há de abster-se de praticá-lo, dizem eles?

Se nunca ouviu falar das ciladas armadas a cada passo pelos réprobos do mundo, como fugir-lhes?

Não nos damos por convencida com semelhantes argumentos.

Há muito quem não visse o *lodo* e não se deixe contudo cair nele, se um dia o deparar em seu caminho.

É certo que quem caminha nas trevas tem maior probabilidade de cair; mas, a quantas inditosas crianças, tem seduzido o pó doirado de que se cobrem muitas dessas desgraças em que a fatalidade lança infelizes criaturas que como nós tiveram no berço afagos e carinhos?

Adoramos as almas puras, os corações sem nuvens tenebrosas a ensombrarem os seus róseos sonhos, os sorrisos cândidos.

Detestamos *os maliciosos* e repugnam-nos *as maliciosas*; afastamo-nos dos que trocam olhares expressivos quando alguém inocentemente pronuncia um termo a que eles dão significação diversa, e dispensamos de bom grado os *autores da moda* que fazem garbo em desnudar as chagas, as úlceras mais repugnantes.

Serão retrógradas as nossas ideias? Talvez.

Não há muito, na capital federal, um jornalista disse:

A mulher deve saber tudo.

Respondam-nos, pois, os que puderem nos mostrar o erro em que labutamos.

É-nos tão grato o aprender...⁴

OS HERÓIS

Eu não classifico de heróis aqueles que marchando tão somente para obedecer às ordens de supremos mandões, vão sem calor, sem entusiasmo apresentar o peito às balas inimigas.

Eu não desperdiço o expressivo epíteto, tão dificilmente colhido no ardor das pugnas, aplicando-o àqueles que, correndo atrás de conveniências próprias e principalmente de conveniências pecuniárias, procuram capacitar os pobres de espírito de que obram façanhas por amor à pátria.

Eu nunca lançarei palmas nem flores às plantas desses *bravos* que fazem estremecer a terra com o eco de seus *triunfos*, *triunfos gloriosos* colhidos em respeitosa distância do inimigo, porque, em presença dele, somem-se como que por encanto.

Eu nunca deixarei de ter um sorriso de desprezo, para esses *heróis* de pena ou espada, que, blasonando de independência de caráter, pureza de ideias, altivez nunca mentida, recebem sorrateiramente grosso subsídio, de mãos enluvadas e que empunham o bastão do governo, para sustentarem aquilo que muitas vezes não compreendem e estão longe, muito longe de discutir.

4 MONTEIRO, Julieta de Melo. *Alma e coração: livro do passado*. Rio Grande: Tipografia Trocadero, 1897. p. 157-160.

Para mim, essa classe de homens, só deve receber da sociedade honesta, sociedade dos homens que se prezam, o desprezo, a repugnância que inspiram os répteis.

Mas, eu serei sempre, sempre entusiasta fervorosa, adepta sincera, leal, daqueles que, diante dos sofrimentos da pátria, dos abusos, das arbitrariedades, dos crimes monstruosos, das ignominias que filhos desnaturados atiram-lhe às faces, esquecem tudo, amor de família, tranquilidade do lar, posição social, interesses públicos e particulares, para correrem em defesa dessa segunda mãe.

Esses sim, esses merecem o glorioso título de heróis.

Eles que não vacilam ante o perigo, que não tremem ante o feroz inimigo, que trocam as suas noites serenas e despreocupadas no abençoado seio da família, pela vigília, pelo sobressalto, pela marcha acelerada por ínvios caminhos.

Eles que, envoltos no manto do patriotismo, esquecem-se de si para pensar nos martírios de seus irmãos, no esfacelamento do seu torrão natal.

Eles que lutam com a fome, as intempéries do tempo, as mil vicissitudes de uma longa e penosa jornada, tendo sempre na mente a rosada missão do triunfo.

Eles que saltam barreiras quase insuperáveis, buscando afanosamente plantar na terra abençoada da pátria, o fulgurante lábaro da paz.

Eles que oferecem generosa e voluntariamente o seu ardoroso sangue em holocausto, são, ninguém ousará negá-lo, são os únicos, patriotas, os abnegados soldados da liberdade, os invencíveis heróis.⁵

AO GLORIOSO PARTIDO FEDERALISTA

Passando hoje o lutuoso trigésimo dia do desaparecimento eterno do venerando e ilustre coronel Zeca Tavares, esse ativo lutador que constituiu com seus preclaros irmãos Dr. Francisco Tavares e o impoluto e o laureado general Joca Tavares, uma trilogia radiante, na história da briosa pátria rio-grandense, ser-nos-ia impossível deixar de enlaçar as

⁵ CORIMBO, Rio Grande, 17 fev. 1894, p. 1.

simbólicas flores do nosso vivíssimo pesar, àquelas que a pujante legião federalista espalha nesta data, sobre o túmulo do grande morto.

Costumadas há largos anos, à caríssima convivência desse espírito e desse coração de Romeu Melo, extremamente patriotas, esse adorado irmão que nos deixou nesta saudade desesperadora, que abriu em nosso coração uma constante epopeia de dor; costumadas a vê-lo cheio de energias, com o mais eloquente dos cultos, em plena sagração de civismo, distinguir todos esses heroicos paladinos da nobre cruzada federalista, desde o insubstituível patriarca da liberdade gaúcha, Gaspar Martins, como poderíamos deixar de romper, hoje, a pesada sombra do nosso triste retiro, para rendermos uma homenagem de dor à saudosa memória (...) Zeca Tavares, recordando-o ao lado do querido Partido Federalista e na impressionável reminiscência de que foi ele também um pronunciado amigo do nosso amado Romeu, com quem manteve valiosa correspondência, quer de amizade, quer de confiança, como franco e leal correligionário. A nossa alma jamais poderá silenciar ante as sensações do indômito Partido Federalista, – fora mesmo do nosso apurado sentir cívico, – como que vimos ainda palpitar nessa coletividade, o espírito daquele querido lutador, que a cruciante morte arrebatou-nos para sempre!

Sobre a lápide onde beijamos em lágrimas o nome idolatrado desse inolvidável irmão, enlaça-se o expressivo preto do grande Partido, que lhe foi um ideal de todos os instantes!

Ainda agora, trazendo-nos o ardoroso e laureado chefe coronel Rafael Cabeda, seu sentidíssimo amplexo de dor pela perda desse companheiro que reputou das mais raras dedicações, asseguramos-lhe estar vinculado às nossas despedaçadas almas, o intemerato Partido que o tem como um dos seus abençoados astros guiadores.

Aqui ficam, pois, as nossas modestas rosas, irmanadas às flores da legião federalista, sobre o túmulo do valoroso coronel Zeca Tavares.⁶

6 ECO DO SUL, Rio Grande, 28 ago. 1912, p. 1 (em coautoria com Revocata de Melo).

GASPAR MARTINS

Denodado gaúcho, o tempo sobranceiro
Passa, corre veloz sem descansar um dia,
Nem o suplício, a dor, os prantos da agonia
Fazem sustar seu voo, altivo, condoreiro

O sorriso infantil, ingênuo, feiticeiro,
No berço de cetim, se a morte atroz, ímpia
Vem sem dó apagar, não julgues que o entibia.
Ashawerus prossegue, eterno caminheiro!

Enfrenta os mausoléus e apaga-lhes sorrindo
Com seu gélido sopro, a data gloriosa
No mármore ou no bronze há muito já, fulgindo.

Derruba no passar a árvore frondosa,
Mas respeita o teu nome, oh mestre, e vai subindo
Com ele, entre clarões, à história luminosa!⁷

SILVEIRA MARTINS – FRAGMENTO

O nome que nos serve de epígrafe não devia jamais ser traçado com a tinta vulgar com que se escrevem os nomes dos obscuros; com a tinta com que se passam para o papel, diariamente, mil banalidades que enchem tiras e tiras e onde não há, muitas vezes, um pensamento, um só, que nos seja de utilidade.

O nome do emérito brasileiro devia ser burilado, se possível fosse, com os raios constantes do sol!

Ele brilha. Ele fulge. Ele rutila na História da nossa grande pátria!

Sim, porque como disse um ilustre jornalista “Do norte ao sul, de leste a oeste do nosso vasto país, não há nome que seja pronunciado mais vezes, com mais entusiasmo e confiança, do que o do grande rio-grandense”.

7 O MARAGATO, Rivera, 23 jul. 1913, p. 3.

Ele, o gaúcho estremecido de um povo de valentes. Ele, o patriota venerado por uma legião ativa e única na grandeza de seus brios. Ele que representou uma geração inteira, porque era a síntese de todos os sentimentos, de todas as qualidades nobres e puras deste povo de heróis nunca vencidos. Ele, o grande entre os grandes, soube elevar e dignificar tanto o seu nome já há muito aureolado, que hoje ninguém, ninguém, embora o tente, conseguirá por momentos sequer, não obumbrá-lo, mas eclipsá-lo apenas.

Não é a nossa pena humilde que o diz; não é o nosso entusiasmo que nos cega não, dizem-no todos que o conheceram, todos que o ouviram, todos que acompanharam, de longe, embora, o seu voo gigantesco.⁸

SILVEIRA MARTINS

Era grande demais para este mundo
De torpes ambições e de misérias,
Onde as paixões mais negras deletérias,
Crescem do homem no íntimo profundo.

Das regiões sublimes oriundo
Condor altivo, às vastidões etéreas
Alou-se, abrindo as imortais, sidéreas
Asas de luz, sobre esse abismo fundo!

Julgam talvez que ele cansou! engano;
Ele quis desvendar de além o arcano
Indo embora viver longe de nós!

Porém lá nas alturas, triunfante,
Fantástica visão! há de o gigante
Mandar aos pampas a gaúcha voz!⁹

8 ECHO DO SUL, Rio Grande, 23 ago. 1920, p. 1.

9 MONTEIRO, Julieta de Melo. *Terra sáfara*. Rio Grande: Livraria Universal, 1928. p. 111-112.

SALDANHA DA GAMA – HERÓI E MÁRTIR

Mais uma ano passou depois que ele descansa
À sombra triunfal dos louros da vitória;
Mas não pode abafar o tempo que não cansa
Esse nome imortal que se cobriu de glória!

Ele fulge, ele brilha impávido na História,
Subindo sem cessar, hora por hora avança;
E o povo ajoelhado o grava na memória;
E a pátria a soluçar o guarda na lembrança!

Morreu como um herói, morreu como um valente!
Vós, moços, aprendei naquele exemplo ingente
A derramar como ele o vosso sangue amado;

A pátria é nossa mãe, corramos se ela chora,
Tal fez esse titã por quem soluça agora
O grande coração de um povo denodado!¹⁰

SOU TRISTE

*Sou triste como o adeus de um moribundo,
Como em noite sem fim incerto lume;
E minha alma se apaga neste mundo
Como a chama sutil de um vagalume.*
(Pinto Monteiro)

Sou triste como o eco de um gemido,
Dum seio já sem crença e sem amor;
Como em meio de um bosque solitário,
A saudosa cantiga do pastor.

10 MONTEIRO, 1928, p. 115-116

Sou triste como o goivo do sepulcro
Banhado pelas lágrimas do céu:
Como o pranto dorido da viúva,
Chorando o terno esposo que perdeu.

Sou triste como a frágil parasita,
Que o vento na passagem derrubou;
Como é triste lembrarmos essa quadra,
Que tão bela nos foi, mas que passou!

Sou triste como ouvir em horas mortas,
Nas janelas o vento sibilar;
Como em meio de um campo solitário,
Da coruja o terrível gargalhar!

Sou triste como em meio do naufrágio,
Ouvir do marinheiro a voz queixosa,
Só tendo por resposta a voz do vento,
E o bramido da onda revoltosa.

Sou triste como a planta que definha,
Sem orvalho, sem sol, só entre abrolhos;
E como ela eu morreria muito cedo,
Se não visse uma luz, a de teus olhos.¹¹

11 VIOLETA, Rio Grande, 18 ago. 1878, p. 2-3.

DOIS DE NOVEMBRO – NO CEMITÉRIO

Quanto pranto meu Deus, quanta tristeza,
Que insondável mistério de ansiedade;
Quanta esperança desfeita num momento
Quanto goivo enlaçado de saudade?
Quanto pranto meu Deus! quanta tristeza,
Que insondável mistério de ansiedade.

Quanto rosado sonho de futuro,
Quanta ilusão ali no pó descansa;
Quanto anelo de glória, quanta crença
Dorme em seio de vate e de criança;
Quanto rosado sonho de futuro,
Quanta ilusão ali no pó descansa!

Tudo fala de dor, tudo são sonhos
Traduzindo mistérios de amargura;
Em cada campa encerra-se uma história
Que lembra a um coração doce ventura;
Tudo fala de dor, tudo são sonhos
Traduzindo mistérios de amargura.

Aqui era uma flor que desabrochava
Aos bafejos sutis do amor materno;
Ali meiga criança que inocente,
Só vivia a sonhar com o lar paterno;
Aqui era uma flor que desabrochava
Aos bafejos sutis do amor materno.

Mais além, terna esposa que saudosa
No coração levou dor penetrante,
Depois um seio virgem um poeta,
Uma mãe alva estrela deslumbrante;
Mais além, terna esposa que saudosa
No coração levou dor penetrante.

E de tantas imagens adoradas
 De tantos seres caros à nossa alma,
 Restam cinzas geladas num sepulcro
 Restam prantos de dor que não se acalma;
 Ai de tantas imagens adoradas
 De tantos seres caros à nossa alma.

Oremos pois, os prantos e os suspiros
 Misturemos às queixas do arvoredor,
 Aos agourentos pios da coruja,
 Aos mistérios cruéis desse degredo;
 Oremos, pois, os prantos e os suspiros
 Misturemos às queixas do arvoredor.¹²

NÃO DESCREIAS

Poeta que sofrer te dilacera,
 Que dor tão fundo o seio teu oprime!
 Acaso as glórias que sonhaste um dia
 O amor, os sonhos de ideal sublime
 Vistes desfeitos pelo pó rolares?!
 Porque soluças?

Que martírio oculto
 Dorme em teu seio de poeta ardente?
 Porque a descença com seu longo manto
 Há de teus sonhos envolver tão cedo?...
 Não vês que a glória te acenando ufana
 Diz-te: – caminha que eu feliz te espero...
 Porque descreer quanto o futuro é lindo?!

Se em meio aos lírios perfumosos, belos,
 Que em tua estrada hás deparado, acaso
 Tristonho goivo se enlaçou choroso:
 É que o poeta tem de dor a sina;

12 VIOLETA. Rio Grande, 3 nov. 1878, p. 3.

Entes fadados a viver cantando,
Misturam rosas aos ferais ciprestes,
Tristes suspiros a sorrisos ledos.

Canta poeta, mas não só tristezas,
Deixa a esperança vir de quando em quando
Terna e mimosa bafejar teus cantos;
Porque há de a frente que nasceu quem sabe,
Para ser coroada de virentes louros
Tombar gelada sobre um chão sem crenças?!

Oh este vale a que chamamos mundo,
Este deserto só de mágoas cheio,
Não, não merece teus sentidos prantos,
Pois não compreende tão profundas dores.¹³

NA SOLIDÃO

Eu amo tudo o que é triste
Que traz em si luto e dor,
Eu amo os goivos das tumbas,
Amo os suspiros de amor;
Mais os acordes sentidos
Do peito de um trovador!

Se eu amo tudo o que é triste
Deixai-me agora cantar;
Meu canto é triste e sentido
Como o de um sino a dobrar;
Aqui na paz, no silêncio.
Oh! como é doce cismar!¹⁴

13 VIOLETA. Rio Grande, 20 abr. 1879, p. 3.

14 MONTEIRO, Julieta de Melo. *Prelúdios*. Rio de Janeiro: Tipografia Cosmopolita, 1881. p. 22-23.

CROMO

A Damasceno Vieira.

O sol descamba orgulhoso
Por trás do cerro altaneiro;
Ouve-se ao longe o tropeiro
Soltar seu canto saudoso.

Um cão de pelo lustroso
Fareja alegre, ligeiro,
O dono, um moço trigueiro,
Que anda a caçar descuidoso.

Da horta abrindo a cancela,
Surge o bom velho, sorrindo
Ao ver a neta à janela.

O dia e a noite se unindo,
À luz do sol uma estrela:
Que quadro aquele tão lindo!¹⁵

15 NOVO ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS LUSO-BRASILEIRO PARA O ANO DE 1889. Lisboa, 1888, p. 372.



CÂNDIDA FORTES BRANDÃO

MARIA EUNICE MOREIRA

Em uma época em que às mulheres a possibilidade de estudar e obter um diploma era quase impossível e impensável, Cândida Fortes saiu de sua cidade natal, a pequena Cachoeira do Sul, para cursar o Magistério na capital da antiga Província do Rio Grande. A conquista do diploma custou-lhe muitos sacrifícios a uma vida que, embora curta, já contava com alguns desgostos: órfã de mãe, ainda criança, e tendo perdido o pai quando mocinha, Cândida limitou-se ao ambiente da escola, nos seus anos porto-alegrenses, e da capital somente saiu quando voltou à sua cidade para iniciar as atividades de professora.

Nascida no interior da Província, em 23 de abril de 1862, em uma cidade localizada na região central e berço de figuras importantes, como o político Antônio Vicente da Fontoura, o poeta Alarico Ribeiro e o escritor Ramiro Fortes de Barcelos, Cândida formou-se professora pelo Instituto de Educação General Flores da Cunha. Recém-formada, em 28 de janeiro de 1885, foi nomeada professora pública na 1ª. Cadeira Mista de cachoeira, iniciando, assim, sua carreira no magistério. Em 1901, casou com o Promotor Augusto Brandão, passando a se chamar Cândida Fortes Brandão. Juntos, tiveram papel de destaque na vida cultural da cidade, atuando também na imprensa e participando dos eventos culturais do pequeno burgo.

Cachoeira recebia a visita de políticos, escritores e figuras proeminentes da sociedade brasileira e gaúcha. Cândida foi responsável pela saudação a Coelho Neto, quando o escritor visitou a cidade, a Olavo Bilac, quando o poeta viajou pelo interior do Rio Grande, cumprindo uma trajetória por várias cidades interioranas. Em 1912, Cândida obteve reconhecimento nacional, quando o poema “Elegia”, de sua autoria, foi aprovado em concurso de homenagem ao Barão de Rio Branco, por motivo de seu falecimento, e lido junto à sua sepultura, no 30º. dia de sua morte.

Professora até a data de morte, em 4 de novembro de 1922, Cândida manteve colaboração assídua nas páginas do jornal cachoeirense, *O Commercio*, e publicou também em jornais das cidades de Rio Grande, Pelotas, e no *Almanaque Literário e Estatístico, de Pelotas, e o Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*. Além disso, seus textos foram publicados em jornais do Rio de Janeiro, Curitiba, Florianópolis, São Paulo, Vitória, e em revistas de São Paulo. Sua obra literária é, porém, restrita: nela consta apenas um livro de poesias, *Fantasia*, publicado em 1897. Dividido em duas partes, a obra enfeixa, sob o título “Revérberos”, 57 poemas, escritas com o pseudônimo Canoliflor, e 22 narrativas curtas e de temática variada, sob o título “Contos a minhas irmãs”, escritas sob o pseudônimo “Marina”.

Apesar da pouca acolhida por sua obra nas páginas da história literária brasileira e rio-grandense, Cândida teve seus versos conhecidos em Portugal, pelas páginas do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Ali, deixou registrados três poemas – “Lutas”, “Os dois anjos” e “Catástrofe”, todos publicados em 1886.

Sua produção dá conta de que foi uma autora que investiu em gêneros diversos – prosa e poesia – optou por temas variados, ou seja, dos poemas românticos a textos de caráter formativo, com conselhos às mães de família sobre educação dos filhos, como em “Cartas à Lúcia”, publicados em jornal, bem como expressou sua opinião sobre assuntos temas candentes de sua época: a República e o Espiritismo.

Os textos selecionados para esta Antologia procuram mostrar a diversidade dos veículos nos quais sua produção foi publicada, bem como a diversidade de gêneros e temas.

DO LIVRO *FANTASIA* (1897):

SORRISO¹

Para o berço curvada, onde a filhinha
– um tesouro de graças – dormitava,
ela cheia de mágoa não sustinha
a blasfêmia que no lábio lhe assomava.

“Como sois, ó Senhor; o bem supremo
se deixais uma esposa ao desamparo?!
Por que negais a morte que não temo,
sem dó me arrebatando o ser mais caro?!”

Mas a filha, que havia despertado,
contente lhe sorriu. Fora preciso
não ser mãe! Para logo transformado

viu seu triste viver num paraíso.
“Ó! perdoa-me, Deus! Me hás perdoado
bem o sinto, que é teu este sorriso!

PASSEIO

I

Por sobre os degraus de pedra,
que as águas vinham beijar,
a lua risonha e bela
parecia desmaiar,
quando o bote, abrindo a veia,
afastou-se a bordejar...

1 FORTES, Cândida d'Oliveira. *Fantasia*. Porto Alegre: Oficinas do Correio do Povo, 1897.
Todas as citações serão retiradas dessa edição.

A noite – rainha augusta –
de estrelas o manto erguia
e à terra – feliz dormente –
com amor toda envolvia,
quando o bote docemente
nas ondas veloz corria...

Pela proa foge a brisa
e a vela curvada anseia...
o remo folgando à toa
fios de pérola enleia
e o bote por fim aproa
de um porto na branca areia.

Ditoso, ditoso sítio!
Qual morada só de amores
ou habitação de fadas,
a Natura, entre esplendores,
de esmeralda fez-se arcadas
e o chão tapizou de flores.

II

Saltitam os passarinhos
trinando pela ramagem;
desprendem perfume as flores
aos beijos da fresca aragem
e uma faixa de fulgores
percorre o cristal da margem.

.....

Corre o dia entre folguedos.
As moças, prendendo as tranças,
brincam loucas de alegria
como um rancho de crianças,
já sobre a relva macia,
já entre as compridas franças.

III

Vai-se o dia, vem-se a tarde;
 mas antes que a luz se vá,
 partamos, que o céu escuro
 parece irritado já:
 é que o tempo mal seguro,
 tormenta indicando está.

No líquido espelho agora
 resvala a sutil canoa,
 como ligeira piroga
 do tupi numa lagoa,
 que as asas do remo afoga
 e corre, desliza, voa...

A noite – rainha em luto –
 toda em crepe se envolvia
 e a terra profundamente
 compungida parecia,
 quando à volta nossa gente
 às casas se recolhia.

CACHOEIRA NEGRA

Maravilha de meu torrão natal,
 ó tempo de saudosa tradição!
 eis-me a rever-te alegre, comovida!
 eis-me pisando teu relvoso chão!

Ao teu golpe de vista majestoso
 e soberbo espetáculo, extasiada
 detém-se imóvel, crente, ávida à vista,
 palpitante minh'alma apaixonada.

Aos pés bramem as águas espumantes
saltando o negro dorso do penedo;
além, na minha frente, o mato espesso,
de tão mudo negror como um segredo.

À destra o campo toca no horizonte,
À esquerda o fundo claro do nascente,
Acima o azul do céu claro, profundo,
e alguma estrela pálida e dormente.

A luz da madrugada vinha em frisos
retocando os primores do painel
e a lua, recolhendo o manto argênteo,
sumia-se ante o mágico pincel.

Voltei-me e procurei ver os balanços,
os compridos balanços de cipó...
Por descuidosa mão foram queimados,
reduzidos há muito a negro pó.

Magoado o coração, passei a vista
pela cascata e panorama além...
mandei-lhes triste adeus de despedida
e corri, pressentindo vir alguém.

A ÓRFÃ

Mãe, quantos anos já se vão passados,
que eu vi roubados os carinhos teus!
Já muitos anos de bem largos meses
em que mil vezes eu te peço a Deus!

A Deus pedir-te que privou sem mágoa
da gota d'água a pequenina flor!
Pedir-te a Deus que sem me ouvir o pranto
teu lábio santo congelou na dor!

Pedir-te a Deus é já loucura, eu sinto,
que ao seu recinto meu clamor não vai.
Pedir-te a Deus que se me ouvisse a prece
talvez quisesse eternizar meu ai!

Tu me deixaste com imensa pena;
a sorte ordena, foi mister cumprir –
e dormes fria, num sepulcro estreito,
funéreo leito, sem poder me ouvir.

Nesta hora triste, que precede a treva,
a ti se eleva o pensamento meu.
Ai! foi nesta hora que mistério encerra,
que tu da terra te elevaste ao céu.

E o céu tão lindo te chamava tanto
com largo manto de profundo azul.
Fechaste os olhos do viver a trilha,
mandando a filha às regiões do sul.

Um dia inteiro não te ouvi a fala.
Correste a escala de aflições sem fim;
e ao fim da tarde, quando eu quis beijar-te,
fui encontrar-te sem já dar por mim.

Busquei debalde, nesse atroz momento,
te dar alento, consciência e luz...
Julguei-te erguida, para mim voltada,
mas... era alçada a redentora cruz!

Desde esse dia, ao descair da treva,
A ti se eleva este pedido meu:
Ó mãe, nesta hora que meu luto encerra,
vem! baixa à terra, me conduze ao céu!

VOZES D'ALMA

Onde existe, meu Deus, disse-me aonde
oculta-se essa luz, farol da vida,
que chama felicidade?
Em que rumo, que em vão a busco ansiosa,
Nos turvos horizontes da existência
de minha mocidade!

Mostrai-ma todos vós em cuja senda,
que vai do berço ao túmulo, não poisa
a sombra do infortúnio.
Ó vós, que de mãos dadas à ventura
sentis n'alma os fulgores da esperança
em doce plenilúnio.

Mostrai-ma, entes diletos da fortuna,
privilegiadas fronteiras que nem sabem
que são febris anhelos.
Dizei-me donde vindes, que fizestes
que para vossas vidas garantistes
do céu tantos desvelos?

Quem sois? almas na dor purificadas,
vindas a prelibar o puro néctar
da última existência?
ou infernais espíritos malditos
a insinuar nos homens a cobiça
o crime na inocência?

Nem uma voz responde ao meu anseio!
 Porém sei onde jaz a luz da vida,
 que julgo a felicidade:
 – ela existe na prática somente
 do bem e da virtude, e além da morte,
 em Deus, na eternidade.

A SOMBRA

Quando em dias de amargura
 minha existência analiso,
 uma triste sombra escura
 em meu passado diviso.
 Terrível, sempre a fitar-me,
 em sonhos maus a embalar-me,
 não cessa de acompanhar-me
 com seu irônico riso!

Não é a sombra da morte,
 nem eu temeria vê-la;
 mas, é a de minha sorte,
 de minha apagada estrela.
 É tão estranha, tão feia,
 de tal aflição é cheia,
 que minh'alma toda anseia
 e soluça em face dela!

Quando na vida acordando,
 os olhos à luz abri
 e em débeis passos andando,
 a flor da infância sorri;
 a fatal sombra a meu lado
 no meu rosto descorado
 havia o cunho estampado
 das névoas que pressenti.

Sempre com sustos ferindo
o doce amor maternal,
durante um lustro, pungindo
andou comigo esse mal.
Depois, de jogo mudando,
foi a mãe de mim roubando,
à orfandade me atirando
que riu a sombra letal!

Nos braços do pai amante,
que chorando me beijava,
vi que a sombra triunfante
de nosso pranto zombava!
Ai! quanto eu – pobre criança –
sofia à triste lembrança
de não nutrir a esperança
de ver a quem tanto amava!

II

Desde aí, ano por ano,
do luto arrastei o véu;
qual no iracundo oceano
se prolonga um escarcéu...
O pai querido, prostrado,
num leito de dor, cansado,
mil vezes desesperado,
vi pedir a morte ao céu.

E quis a sombra maldita
ainda me escarnecer,
dando-me a pena infinita
de sentir meu pai morrer!
Naquele acerbo momento,
que mais que nunca eu lamento,
não turvou-se o pensamento,
porque Deus me quis valer.

E vivo – brinqueto infausto
daquela sombra cruel! –
O meu ser divaga exausto
já desta força revel!
Mas, nem esperanças magas
ferindo, nem sobre as vagas
arrojando-me entre as fragas
de inevitável parcel;

a negra fúria prescrita
nem rompendo sonhos meus,
para mim trazendo escrita
a série de horrores seus:
pondo de triste orfandade
toda em luto a mocidade:
não aniquila a vontade
que se aproxima de Deus.

NA AMÉRICA

A Aquiles Porto Alegre

Sentadas bem juntas em meio da ocara,
formosas, ornadas de penas gentis,
as duas mulheres que a guerra poupava
choravam, choravam seus bravos tupis.

O sol desmaiando, beijava dos Andes
o cimo elevado no límpido azul,
quando ele, Oriçaba, o maior entre os grandes,
caiu combatendo inimigos do sul.

Com letras de fogo Tupã lhe dissera,
nos céus escrevendo sentença fatal,
que – a noite chegando, seria tapera
a taba e refúgio do gênio do mal!

Cobriram as trevas o rubro horizonte
e o mocho piava na grande caiara!
As cobras tinindo baixavam do monte,
no charco sinistro gemia a taquara!

E as duas mulheres, de medo geladas,
bem juntas, em choro, partiram de ali.
Errantes vagaram por noites veladas,
carpindo a desgraça da tribo tupi!

“Tupã! – exclamavam, rojadas no chão –
“Tupã! que fizeste dos bravos guerreiros,
“dos nossos heróis?!”
“Que tanto já vimos da lua o clarão
surgir e morrer! e que dias inteiros
de ventos e sóis!

“Que vales corremos, subimos às montanhas,
embalde! As florestas, aldeãs e serras
desertas estão!

“Aonde foram elas – as nuvens tamanhas
de bravos, que outrora cobriam as terras
do vasto sertão?!”

“Que lei transgrediram–te os nossos Pajés?
“Por que é que entregaste senhores ativos
à fera traição?!”

“Indômitas fronte curvando a teus pés,
de livres e fortes fizeste–os escravos
de estranha nação!

“Qual sombra medonha, funesta, que avança,
como ave agoireira com lúgubres asas
cobrindo a floresta,
assim os sequazes da tua vingança!
e ao fogo terrível em que o céu abrasas,
já nada aqui resta!

“É tarde. Nas ondas que fogem da praia,
que ao longe, medrosas, no vasto luzeiro
se vão mergulhar,
dos grandes vencidos o sangue desmaia!
Os que sobrevivem, cruel cativoiro
os vai torturar!

E as duas mulheres formosas, ornadas
de penas gentis,
da rocha desceram, chorando abraçadas
seus bravos tupis!

Errantes, vagando por noites veladas,
fugindo às campinas e fugindo à luz,
lá foram tremendo cair debruçadas
no chão da tapera, que alçava uma cruz

CANTO DO LIBERTO

Irmãos livres, ergamos a fronte
para o sol que mais belo ilumina
e saudemos o vasto horizonte,
que o Brasil a seus filhos destina.

Estes pulsos, que jugo aviltante,
sem alento fazia vergal,
vão com jubilo e ardor doravante,
em proveito da pátria lidar.

Salve! ideia cem vezes sublime!
Salve! grande Rio Branco imortal!
Quem dos ferros, cativos redime
luta em prol do progresso geral.

Que alegrias o pobre não sente,
que arrastava humilhante grilhão,
quando escuta soar docemente
meiga voz a chamar-lhe de irmão!

Eia! todos de frente radiante
ao luzir da feliz liberdade,
levantemos um “viva!” gigante
aos que lidam em prol da igualdade!

DESPEDIDA

A minhas colegas do “Internato”

Adeus, ó Porto Alegre! Adeus! Não sei
se mais eu te verei!
Volto ao gozo dos lares, é verdade,
mas volto com saudade!

Quantos anos quiseste hospitaleira,
tão lhana, me abrigar,
implantando esta mágoa verdade
com que te vou deixar!

Oh! terra abençoada! Se mereço,
um favor te peço:
não te olvides daquela que te inveja,
da triste sertaneja!

Te inveja, sim: que vives engolfada
em sonhos de prazer,
sem te lembrares que esta vida é nada,
sem tempo de sofrer!

Também como a sonhar passei contigo,
ao te ameno abrigo.
Agora, despertei: viver mais sério
me impõe o magistério.

Vou distante de ti, pelo trabalho,
credora me fazer
das provas de afeição, deste agasalho,
que vens me oferecer.

Oh! como eu sinto n'alma agradecida
o adeus da despedida!
Mas, fala-me o dever, o amor dos lares,
que vem de outros lugares.

Tristeza infinda, se não posso um dia,
um dia te provar
com sinceras expressões te envia
minh'alma ao te deixar

Adeus, enfim, adeus! Talvez, não sei
se mais eu te verei...
Porém, nunca te esqueças da verdade,
que parto com saudade!

O TROPEIRO

Aos gaúchos rio-grandenses

De sombreiro,
ponche e botas
aguaceiro,
não me enxotas.
Faca à cinta,
laço aos tentos,
ninguém minta
aos meus intentos!...

Venha o frasco,
companheiros!
Ao churrasco
nos braseiros!

Nas coxilhas
em demora,
não me pilhas,
branca aurora:
mal o dia,
do seu trono
se desvia,
já ressono.

Ó da ronda
pelotão!
vá, responda
ao chimarrão!

No meu pingo,
cola atada,
eu respingo
à rapaziada,
nos caminhos

que percorro,
vendo anjinhos
por quem morro.

Ó da tropa
camarada!
já se topa
na sesteada!

Em Pelotas
vou comprar
doutras botas
fino par
e bombachas,
me arrear,
pras muchachas
namorar.

Ó da ronda
pelotão!
vá, responda
ao chimarrão!
Minha tropa
faço andar,
da cachopa

ao lembrar.
Gado manso...
gado xucro...
Neste lanço,
tudo é lucro!

Eia! cerra!
Vá, barroso!
Toca á encerra
neste pouso!

MINHA MÃE

Desde que orvalhos lá do céu mendigo
e a doce luz que em teu olhar fechou
e sobre o seio teu – único abrigo
da triste – a lousa sepulcral baixou;

dentro em minh'alma deslumbrada sigo,
no vácuo imenso que essa dor cavou,
o perenal cair do pranto amigo,
quem um trono de *Revérberos* alçou!

Tal outra vejo, do sofrer a custo,
a sorte adversa que negou-me um dia
num mausoléu gravar teu nome augusto;

pois me concede a graça que eu pedia
de erguer ao menos teu formoso busto
num pedestal de minha *Fantasia*.

AS BORBOLETAS

I

Grande dia era para Berta aquele em que, tendo concluído o seu enxoval de noiva, autorizará Volmar a pedi-la formalmente à sua avó; aquela boa e santa avó que com tanto amor a criara e que era o seu único amparo no mundo.

Tamanha felicidade lhe transbordava do coração, que sentiu-se oprimida entre as quatro paredes do seu pequeno quarto, e desceu ao jardim para respirar mais livremente.

A tarde, uma formosa tarde de novembro, vermelha e tépida, debruçando-se pelos altos muros do parque, vinha através da ramagem

das causarias, estreitar de oiro a vegetação dos canteiros e tingir a púrpura a água imóvel dos tanques.

A passarada alegre, de uma ruidosa expansão comunicativa, esvoaçava, enchendo os ares de trilos e gorjeios.

Berta, palpitante, exausta na contemplação da natureza, absorvia no gozo daquela grandiosa festa, que tão bem correspondia à que ia na alma, reclinara-se na borda de um tanque, sem dar pela presença da avó, que a seguira, observando-a.

A senhora Mendes, assentando-se por fim no banco de um caramanchão, chamou pela neta.

A moça voltou-se, como despertada de um sonho; mas logo, adivinhando por que a procurava a avó, correu para ela, trêmula e anelante.

Ela, com perscrutadora interrogação no olhar, fê-la assentar-se junto a si, a apresentando-lhe uma carta aberta, a carta em que Volmar pedia-lhe a mão de Berta, perguntou-lhe:

– Sim, minha avó, murmurou a jovem confusa enrubecendo. Conheço-o desde algum tempo...

– Sabes de quem é filho, qual a posição na sociedade?

– Seu pai é o general Martins, que fê-lo cursar a academia de medicina, onde acaba de se formar.

– E autorizaste-o a dirigir-se a mim?

– É certo. Acha vovó que fiz mal?

A senhora Mendes ia responder, quando uma enorme borboleta escura, notável representante das *sphingidae* brasileiras, descrevendo

uma rápida espiral do alto do caramanchão, abateu-se de asas abertas sobre o papel, que, desprende-se foi a rolar ao chão.

Berta, voltada a si do susto produzido pelo incidente, deu com a avó em pé, hirta, pálida, fitando-a, como animada de súbito resolução.

– Berta, minha filha, esse homem não pode ser teu marido! A bruxa veio prevenir-nos de que trar-te-á desgraça este casamento. Trata, pois, de esquecê-lo. Vou devolver a carta.

A pobre moça, que bem conhecia a avó, limitou-se a curvar a cabeça, desfazendo-se em pranto.

II

Todos os empenhos foram baldados para resolver a senhora Mendes a consentir no casamento da neta.

Entretanto, ela ama extremosamente a sua querida Berta e, por isso mesmo, a boa senhora, mergulhada em fetichismo, passa horas e horas encerrada no seu oratório, à espera de que o Todo Poderoso se digne esclarecê-la ou desmentir com algum milagre o aviso lúgubre da bruxa.

III

São onze horas da noite.

Tudo parece repousar em casa e é profundo o silêncio.

Fora, o mesmo grande mistério, mergulhado no seio enorme da escuridão.

Ajoelhada no chão do oratório; o olhar beatificamente levantado para o crucifixo, que se eleva no altar entre duas estearinas, a senhora Mendes reza baixo, passando as contas do seu rosário.

De quando em quando, uma bafagem morna e perfumada, levanta suavemente as cortinas da ganga das janelas de grades, e vem agitar a chama das velas e a franja prateada das tapeçarias.

IV

No seu pequenino quarto de dormir, Berta oprimida entre aquelas quatro paredes, que não podiam outrora conter sua imensa felicidade, e menos agora sua enorme dor, chora os seus sonhos desfeitos, as suas mortas esperanças.

V

A senhora Mendes, dando fim às orações, levanta-se persignando-se devotamente, e vai apagar as velas... Mas – ó, surpresa! – duas lindas borboletas brancas, com reflexos de oito, agitam as finas asas sobre as flores do altar.

– Meu Deus! – exclama a boa senhora, caindo novamente de joelhos, pasma e reconhecida – atendeste por fim à vossa humilde serva: são vossas enviadas estas formosas borboletas brancas!

VI

Esplêndida festa, em casa da senhora Mendes.

Berta, divinamente bela no seu traje de noivado, acaba de chegar do templo pelo braço do esposo.

Ambos, radiantes de ventura, se dirigem ao aposento da avó de Berta, que a espera com o abraço convencional e simbólico.

Ao transportarem o limiar da porta, Volmar detém-se, fita com amor a esposa e murmura-lhe sorrindo:

– Graças ao meu milagre de borboletas...

– Oh! Cala-te! – fez a jovem com gesto adorável, pondo-lhe sobre os lábios a mãozinha espalmada – se a vovó soubesse!!...

AS TRÊS IDADES²

À sombra dos camboins em flor, onde esvoaçam os insetos como irrequieta poeira multicolor, Mimi, a galante Mimi atirou-se ofegante de cansaço, deixando transbordar do vestidinho regaçado os louros malmequeres colhidos na campina.

Uma alegria infinita lhe brilha nos grandes olhos negros e desabrocha-lhe nos lábios o mais encantador dos sorrisos infantis.

Oh, os malmequeres! Ela adora loucamente essas florinhas cor de ouro, que lhe parecem estrelas caídas do céu.

Como é bom tê-los assim e poder brincar com eles à vontade.

E no imenso prazer que lhe enche a alma travessa, que lhe dilata o pequenino coração, Mimi desfolha nervosamente no regaço os seus belos malmequeres. Nenhum mais resta inteiro e Mimi extasiada contempla a sua obra de destruição com indizível encantamento.

Por detrás dela, em pé, a mãe, a extremosa mãe, que toda solicitude a observa com um sorriso cheio de bondade, murmura erguendo os olhos para o céu:

- Oh, meu Deus, como a inocência é má.

* * *

2 Este conto foi anteriormente publicado nos seguintes periódicos: *Revista Litteraria*, de São Paulo, em 10 de fevereiro de 1895, às p. 6-8; *Almanach Historico-Litterario do Estado de São Paulo*, para o ano de 1896, às p. 250-251; *Gazeta da Tarde*, do Rio de Janeiro, em 12 de março de 1896; *Jornal Pequeno* (também referido como *Pequeno Jornal*), de Recife, em 19 de janeiro de 1900, à p. 1, com algumas variantes.

À sombra dos camboins em flor, onde esvoaçam os insetos como irrequieta poeira multicolor, Mimi, a esplêndida Mimi lança-se exausta de fadiga, deixando transbordar do regaço uma nuvem de malmequeres.

Um fulgor divino brilha-lhe nos grandes olhos negros e entreabre-lhe os lábios nacarados no mais indefinível dos sorrisos.

Oh, os malmequeres! Ela adora loucamente essas florinhas cor de ouro, que lhe dizem coisas deliciosamente belas. E, no imenso prazer que lhe inebria a alma enamorada e lhe faz palpitar apressado o coração, Mimi desfolha nervosamente no regaço os feiticeiros malmequeres.

Ei-los desfeitos dizendo-lhe todos o mesmo precioso segredo. E Mimi extasiada contempla a sua obra de destruição com místico encantamento.

Mas a mãe, que junto dela assoma, naquele mesmo sorriso cheio de bondade, postos nos céus os olhos, exclama:

- Oh, Deus, como o amor é egoísta!

* * *

Mimi declina no ocaso da vida.

Ei-la tristemente reclinada à sombra dos camboins em frutos, onde esvoaçam os insetos como iriada nuvem a envolvê-lo.

Uma linda criança corre pela campina em busca dos malmequeres cor de ouro.

Mimi impaciente chama a filha e prende-a junto a si.

E a mãe, aquela boa e solícita mãe que a não deixa nunca, suspira com mágoa aos soluços da criança e murmura, ainda para o céu erguendo os olhos quase sem lua:

- Oh, Senhor, como é cruel a experiência!

O BEIJO

Por uma esplêndida madrugada de janeiro de 18**, um jovem sertanejo subia pensativo a margem esquerda do Paraguai, próximo à afluição de S. Lourenço.

Quatro léguas acima deteve-se, parecendo reconhecer o sítio.

Achava-se a algumas braças de um aldeamento de índios.

Respirou com voluptuosidade, expandido o semblante, a examinar tudo em torno.

Buscou depois lugar, atrás de alguns arbustos, de onde de onde podia avistar a margem do rio, e aí postou-se de observação.

Aguardava por certo alguém que costumava passar a essa hora.

Não esperou muito com efeito. Através da folhagem viu uma índia, com seu cântaro, aproximando-se da praia.

Era uma jovem guató de 18 a 20 anos, alva, ondulante sub a caprichosa *julata* que lhe envolvia parte do talhe flexionável. Em vez de prender com flores a opulenta cabeleira negra, como as de sua tribo, a trazia luxuriantemente solta.

A fisionomia, mais caucásica do que mongólica, bela e atraente, mostrava-se velada de profunda tristeza, quando, ao voltar-se com o cântaro cheio, alongou o olhar melancólico pela extensão do mato.

Foi também quando, rompendo a cortina de verdores, o sertanejo veio cair-lhe aos pés.

A donzela quis fugir aterrada; mas logo, reconhecendo o moço, estendeu-lhe a mão.

– Ah! - és tu, Nabor? - exclamou ela, em perfeito *nhenhengatú*.

– Sim, Mira! Não te jurei eu, por Tupã todo poderoso, que voltaria para desposar-te?

Ela maneou tristemente a linda cabeça e murmurou suspirando:

– Tardaste, Nabor. Tardaste muito. O pai deu tua Mira ao grande Zaquê, o poderoso chefe dos Laianas, que será amanhã o esposo e senhor.

– Tardaste, Nabor! Tardaste tanto!...

– Maldição! bradou o apaixonado mancebo com desespero. Porém, tu Mira, poque não resistes?! Como não confessas?!...

– Tupã os protege... Depois, tu és amigo da gente lá do sul, a quem juramos ódio eterno.

– Ah! então, sem a fuga, é impossível nossa união? Pois bem, querida noiva, fujamos! Abandonemos esta terra e vamos juntos, por esse rio abaixo, em demanda de algum encantado retiro. Aí levantarei eu nossa cabana de junco, onde poderemos viver ignorados e felizes! Oh! bem felizes! Não é verdade?

E Nabor, com sedutoras modulações de voz, tinha súplicas irresistíveis no olhar, com que envolvia amorosamente a formosa indiana.

Ela, deliciando-se longamente naquele afago, parecia recear um desencanto no menor ruído, e delgado como uma língua de fogo, esgueirando-se pela ramaria das árvores, veio estender-se-lhe sobre o colo de puríssima neve.

A jovem selvagem estremeceu sobressaltada e, apontando para aquele lado do céu, exclamou com estranha convicção.

– Vês?! Tupã nos observa! Guaraci vem punir nosso amor, que é agora um crime! Adeus! Foge! A tribo de meu pai e a tribo de Zaquê têm vingança horrível para a afronta do estrangeiro!

– Não, Mira. Prefiro morrer contigo a fugir sozinho!

– Morrer comigo! Mas ignoras tu que, sabido o motivo de minha morte, serei condenada mesmo em cadáver? Que guerra de extermínio será movida aos teus irmãos do norte? Ah! não queiras a minha desgraça eterna! Não queiras a morte de teus irmãos! Anda, parte!

Porém ele permanecia inflexível.

Ou fugiriam juntos ou expor-se-ia ele voluntariamente ao furor das tribos.

A jovem refletiu por momentos.

Por fim, estendendo-lhe a mão num gesto de despedida, concluiu resoluta:

– Pois bem, sim, seja como queres. Logo, ao surgir da primeira estrela, aqui virei ter.

E afastou-se apressada.

Nabor, triunfante, viu-a partir. Desceu em seguida à praia e ali entregou-se à construção de uma jangada, que cobriu cuidadosamente de espessas redes de aguapés.

Disséreis uma pequenina ilha relvosa e flutuante, aquele poético veículo de problemática ventura.

* * *

À hora aprazada, Nabor, febricitante de impaciência, consulta o caminho do bosque fronteiro, que se vai enchendo das primeiras sombras.

Por fim ela aparece, a sua ideal esposa!

Vem surpreendentemente de alvura, apenas envolta na branca *julata* de noivado e tão vaporosa, que a tomareis por imaculada nuvem, deslizando por entre os arbustos.

O mancebo corre-lhe ao encontro e, tomando-lhe a mão, a conduz para dentro da balsa.

– Mira! - exclama então, cingindo-a com ternura, não será isto um sonho ainda?

Fala o som de tua voz embriagante, se estou sonhando, me há de embalar deliciosamente esta ilusão feliz! Porém não, não fales! Pode acordar-me a tua voz austera!... E prefiro mil vezes a morte à realidade desta manhã!

Ela, sem uma palavra, lança-lhe os braços em volta do pescoço, com enervante abandono, e lhe apresenta os lábios úmidos, que o mancebo oscula sofregamente.

Mas, quase no mesmo instante se faz lívido, densa nuvem lhe escurece a vista, frio de morte lhe agita o corpo e, desprendendo-se daquela apaixonada carícia, tomba inerte sobre a folhagem da balsa!

Com estranha expressão de ternura e pavor o contempla a indiana.

Volve após à terra, com passo vacilante, impele a balsa para o largo da correnteza, que a leva balançando mansamente e, em pé na praia, fica a segui-la com olhar desvairado.

* * *

Súbito, estrídula gargalhada ressoa na grande solidão do sítio, aberta à majestosa solidão da noite!... Outra gargalhada repetem os ecos... e ainda outra, mais tétrica, vai expirar na esteira da balsa de agupés, que, ao longe, na curvatura do rio, desaparece, conduzindo o cadáver de Nabor, – o sertanejo!...

DO JORNAL *O COMMERCIO*, DE CACHOEIRA DO SUL

CARTAS À LÚCIA

Querida amiga, em extremo desvanecida pela confiança que depositas em minha opinião, sobre assuntos que interessam-te, eu aqui satisfaço-te ao honroso pedido.

Começo rogando-te permissão para discordar do teu modo de encarar a instrução e a educação, considerando-as como uma só coisa.

Achas que não há diferença entre elas porque, educando-se, também se instrui e vice-versa; entretanto, se houvesse de escolher companhia entre espíritos abarrotados de ciência, porém falsos e intratáveis, e individualidades quase analfabetas, mas generosas e delicadas, por certo não irias escolher entre os primeiros.

Olha em volta de ti e verás que nem todos os instruídos são bem educados e que, dentre os bem educados, muitos não têm instrução, o que não poderia suceder jamais, a ser verdadeira a teoria que esposaste.

Mas, nem a ti somente há falecido clareza de argumentos para elucidar esta questão; outros dela se têm ocupado e alguns até com uma graciosa censura ao povo, que tem a presunção de vislumbrar aquela diferença.

E, no entanto, o povo não se engana senão na terminologia, porque aquilo, a que geralmente chama-se instrução, é a educação intelectual, bem diversa da moral, como esta o é da física.

A educação ou direção dada às faculdades da inteligência - percepção, atenção, memória, imaginação, etc., para o conhecimento de nós mesmos e do mundo exterior, não é a direção que requerem o desenvolvimento e fortalecimento da sensibilidade e da vontade, a bem de nosso correto proceder e relativa felicidade.

A instrução ou educação intelectual deve ser conduzida de harmonia com a cultura moral, pois que ambas tendem aos mesmos fins - o bem-estar e utilidades do indivíduo - mas os meios a empregar divergem por vezes, e eis por que, descuidados alguns, o melhoramento se manifesta quase exclusivamente em um ponto de nossa tríplice natureza, com prejuízo dos outros. Admito que se não possa agir sobre as faculdades morais sem exercer qualquer influência sobre a inteligência; porém, da influência exercida sobre esta é quase nulo o reflexo sobre aquelas.

E, se a natureza moral da criança não é dotada de uma poderosa força de assimilação, pode-se-lhe tudo ensinar, tudo quanto constitui a aprendizagem científica elementar e complementar, sem que a sua maneira de *sentir* e de *querer* sofra a menor alteração útil.

Assim, vêem-se jovens que, sabendo antes de qualquer estudo, conduzir-se bem na família e até em outros meios, tornam-se, depois de instruídos, intoleráveis e mesmo ridículos. Por quê?

Não deveriam eles melhorar o seu modo de ser e de agir, sob o salutar influxo da educação intelectual?

Sim; mas porque essa educação foi mal dirigida, não se lhe aproveitando o que podia servir à natureza moral, esta livremente expandiu-se em daninhos rebentos, como vicejam os galhos chamados *ladrões*, nas árvores frutíferas não decotadas, enfeitando-as, porém esterilizando-as também.

A educação moral, como a física, deve ser ministrada pelos pais ou, na impossibilidade destes, por esclarecidos educadores, em estabelecimentos como os celebres “Jardins da infância”, existentes na Europa e Rio de Janeiro, mais pelo exemplo do que pela palavra, em razão da tendência imitativa do espirito infantil.

Cumpre-te pois, querida amiga, em vez de te queixares dos resultados de tua incúria, aliás desculpável por mais de um motivo, impedir a marcha do mal e reparar quanto possível os estragos já verificados.

Frequenta um bom colégio o teu menino, dizes, e é aplicado, mas inconstante, invejoso e pouco amigo da verdade... Pois bem, se o professor não é um tolo ou algum desinteressado por seu elevado mister, se te merece por fim inteira confiança, expõe-lhe o estado de teu filho, combina com ele os meios de conseguir o que tão justamente desejas, e não te afastes depois, sob qualquer pretexto, da linha de conduta que te for imposta, a bem do teu *desideratum*.

Ser enérgica não é ser má, como se pensa algures: a energia em uma mulher de espírito culto e bem-intencionado, se lhe não dá sempre e aos seus uma perfeita ventura, minora-lhes pelo menos, todos os males da vida.

Se te for mister o recorrer aos castigos, para salvar teu filho dos escolhos a que vão ter as ruins inclinações, usa deles como mãe, que os há sem conta à escolha do teu discernimento, abstraindo dos castigos físicos, que jamais deverás empregar.

Um gesto de desagrado, uma censura, qualquer manifestação de pesar, a supressão de carinhos habituais, a privação de um folguedo preferido pela criança, etc., são castigos que nobilitam a quem os aplica e não deprimem a quem os recebe, pois que provam não ser preciso mais para a correção...

Finalmente, se os meios a empregar para as três espécies de educação não são exatamente idênticos, eles podem no entanto auxiliar-se quase sempre, como são vários os destinos dos instrumentos agrícolas e fazemos que se prestem alguns para a cultura do pomar, da horta e do jardim.

Assim, de acordo com o professor e aproveitando a lição na aula, a conversa em casa, os divertimentos e, mais do que tudo, o exemplo - teu, do mestre e dos bons, que possas ter no círculo de tuas relações, desenvolverás, dirigindo proficientemente, as faculdades físicas, morais e intelectuais de teu filho e terás feito dele algum dia um homem apreciado, útil e feliz, o que, se me não engano, é quanto almejam todas as boas mães como tu o és.

C. F. Brandão

Publicado no jornal *O Commercio*, Cachoeira, Ano VI, Nº 297, 16/8/1905, p. 1

Minha querida

Aproveito o domingo para responder às perguntas de tua última carta. Antes, porém, deixa-me acrescentar algumas palavras sobre assunto de que vínhamos tratando. Por um natural impulso de generosidade, aliás muito comum, e que nos leva ao desejo de defender aos que nos parecem injustamente acusados, eu procurei destruir os maus resultados das insinuações de tua comadre.

Não me arrependo de quanto avancei e sustento portanto as ideias expendidas; unicamente, como não conheço o colega de quem falávamos, nada te posso aconselhar desassombradamente, senão que sobre ele suspendas todo e qualquer juízo, até o conheceres bem e que, antes disto também, não lhe confies a educação de teus filhos.

Tanto pode suceder que não tenhas motivos para prevenções, como que sejam estas bem fundadas, o que talvez possas verificar em alguns minutos de palestra e até mesmo – quem sabe! - por um simples gesto de arrebatamento. Enfim, não dês inteiro crédito a quanta novidade te levarem, e, para te pronunciarestes a respeito de qualquer pessoa ou ocorrência, espera sempre por alguma prova recusável; que, de esperar, talvez te arrependas menos que de adiantar juízos ou resoluções temerárias.

E agora, o teu questionário, que tanto nos ia interessando e do qual nos vimos descaídas pela intervenção de tua *corretíssima* comadre.

Disseste-me: *A Cecília não quer saber mais de estudos desde que os primos lhe metam na cabeça não precisar ela disso, por ser muito chic.*

Que me respondes a isto e o que me aconselhas?

Aconselho-te a comprares para tua Cecília um bonito livro com estampas coloridas, apresentando cenas alegres, cuja explicação venha escrita abaixo, para que ela deseje poder lê-las; engraçados jogos infantis que, para o seu conhecimento, requeiram o concurso das operações aritméticas; bonitos e fáceis modelos para desenho. Far-lhe-ás assim reconhecer a utilidade imediata do que precisa aprender. Depois, um dia em que disponhas de alguns minutos para lhe consagrares, começa por lhe dar a escolher uma prenda, entre estojos lindos, porém vazios, e alguns feios, grosseiros, mas contendo agradáveis perfumes. Ela, por certo, escolherá destes, e tu, então, aproveitarás a oportunidade para, mostrando-te surpreendida, lhe perguntares o motivo de tal escolha, tão em desacordo com o seu modo de pensar e o de seus amáveis primos... E, depois de a reduzires com jeito a reconhecer como absurdas suas ideias sobre a supremacia da formosura, no presente, far-lhe-ás concluir que de pouco lhe servirá ela depois, de menos ainda para sua felicidade conjugal e de nada absolutamente, para o seu bem estar de mãe de família. Observa-lhe que, quando quiser conversar com um moço instruído terá vergonha de falar, pelo receio de dizer alguma asneira; se achar-se entre camaradas, o mesmo receio e vergonha a privarão de expandir-se; depois de casada, jamais poderá acompanhar ao esposo em palestras que não versem exclusivamente sobre assuntos dos mais triviais, cuja enervante monotonia terminará por aborrecê-lo; mais tarde, quando tiver filhos, do que lhe servirá a beleza, mesmo já então bem diminuída, apagada, para os criar, educar e poder tornar-se para eles na vida o seu melhor guia e o seu orgulho?

Dir-lhe-ás que uma moça pode valer muito por suas virtudes e beleza física, é exato, mas, tendo cultivado o espírito e esclarecida a

inteligência, ela não somente será muito mais apreciável e apreciada em toda parte, como poderá ser também infinitamente mais feliz.

Se souberes aproveitar todas as circunstâncias para, sem ameaças nem irritações, convenceres tua filha das inúmeras vantagens da instrução e facilidade de a conseguir, ve-las-á retomar espontaneamente os livros e tornar-se uma excelente estudante.

Se tal porém não suceder e ela continuar na mesma repugnância pelos estudos, então deixa-a em paz, cuidando apenas de lhe preparar o coração e formar o caráter, de modo a poder enfrentar sem desânimos e sem desaire com as dificuldades da vida. Finalmente, substitui nela, por aprimorados dotes morais, o lustre intelectual desprezado.

C. F. Brandão.

Publicado no jornal *O Commercio*, Cachoeira, Ano VII, Nº 327, 14/3/1906, p. 1

NA EXPECTATIVA

Ao Sr. Artur Soares

Apraz-me satisfazer-vos, dizendo sobre vossas *Duas palavras* quanto me sugeriu a leitura delas.

Primeiro de tudo cabe-me observar-vos que não pelo temor de risotas da incredulidade passei ligeiramente junto ao campo do espiritismo: se eu tal receasse, nenhuma palavra diria a seu respeito nem de qualquer outro assunto, pois nada vejo inacessível a invectivas.

Pouco demorei-me naquele terreno porque francamente, o não conheço suficientemente para nele afoutar-me com segurança e nada levando comigo – aonde? -... - aqueles a quem a minha entusiástica temeridade pudesse atrair de outras desbravadas trilhas.

Não concordais em que a enormíssima responsabilidade de catequista requer suma prudência e zelo excepcional?

Do que sobre a doutrina tenho lido e observado concluo apenas que não é absurda, e é mais lógica do que a católica e mesmo mais de acordo com a moral e rica de consoladoras promessas, dispondo, para mantê-las, do poderoso auxílio da fenomenologia.

Interpretando mais fielmente o pensamento de Cristo, despida de mundanos aparatos, como crença, é tão purificadora que ainda não pôde seduzir a todos os caracteres, mormente aqueles sobre os quais o clero exerce o seu domínio absorvente; como ciência, quem lhe descobriu a origem dos fenômenos e estabeleceu regras para o seu conhecimento?

Haveis de convir, distinto Colega, que tudo é, por enquanto, na mal difusa claridade da brumosa madrugada, apesar do meio século de viver que lhe concedeis.

E sobre isto ocorre-me ponderar-vos que mais antiga do que os Vedas e do que a religião caldaica é a ideia da imortalidade da alma, pois que o homem pré-histórico, da época quaternária, já depositava na sepultura de seus mortos os víveres e as armas de que eles podiam carecer em sua nova peregrinação espiritual.

Mesmo as primeiras ocorrências de natureza espírita, aqui na América, datam de 1850, em que, nos Estados Unidos, atraíram a atenção pública, passando a produzir-se na Europa, onde homens de reconhecido saber começaram a estudá-los em 1854. Em o Novo Mundo, conta portanto 56 anos.

Em nossa terra, porém, no Brasil, especialmente entre o povo rio-grandense, desde quando se estuda seriamente e se pôs em propaganda o Espiritismo?

Desde quando se acham as suas manifestações no domínio publico, tal como presentemente?

E, ainda mesmo que aqui contasse um século de existência, não lhe ia descabido o qualificativo de – nova aurora, pois o evoluir de uma verdade transcendente não pode ter a efêmera duração de uma simples e mesquinha vida humana.

Depois, o termos ligeira notícia de uma descoberta maravilhosa não é o mesmo que examiná-la de perto e experimentar-lhe os efeitos: entre o primeiro fato e os últimos podem medear centenas de anos, como se tem verificado.

Pois é exatamente o que sucede com o Espiritismo: para nós ele é uma crença nova, uma nova aurora a tingir de leve, a róseas cores, o horizonte de nossas cogitações e esperanças.

São as suas surpresas como simples projeções de nossa própria vontade? Naturais resultados de combinações materiais? ou providencial intervenção de outros seres, nesta transitória vida sublunar?

Eu desejara crer; mas, para isto, se torna forçosa a convicção em certos pontos, o que não tenho nem sei se chegarei a conseguir.

Por que razão, sendo permitido a espíritos desencarnados o comunicarem-se conosco, jamais deu-se o caso de vir alguma providente mãe salvar da desgraça aos filhos, que tantos por aqui ficam desamparados, entregues ainda pequeninos a toda espécie de tentações e perigos?!

Como, invocando um bom espírito, havemos ter confiança no que ouvirmos, se, em vez do espírito invocado, pode outro zombeteiro ou malfazejo estar nos falando? E com que fim é isto concedido por aquele que é Pai e tudo pode?

Não desempenhará em tudo isso um papel dominante a nossa própria potência espiritual – a vontade, que tantas maravilhas produz e tem evidenciado, sob o nome de hipnotismo, em que sintetizaram-se?

E, dado que tudo seja conforme a cartilha espírita, como pode o homem ser considerado responsável pelos atos neste mundo praticados, quando a ciência prova que tais atos não passam de consequências do temperamento e este não depende de nossa vontade, pois que o herdamos e sobre ele influem milhares de circunstâncias alheias até ao nosso entendimento?!

Pois, se o Senhor do universo podia fazer-nos já dignos de sua morada excelsa, porque nos há de ter criado tão inferiores para, sob o peso de tantas dores e dificuldades, obrigar-nos à conquista da felicidade?!

Será isto, proceder próprio de um Ser infinitamente perfeito e amável?!

Não. Ou engana-se ainda o Espiritismo em suas interpretações e não é, conseqüentemente, digno de crédito, ou merece-nos inteira fé e respeito religioso, porém não está ainda bastante visível aos olhos dos mortais, sendo portanto, em vez de aurora, um mal esboçado crepúsculo...

Se o digno colega, adepto fervoroso da esperançosa crença, puder explanar minhas dúvidas, que suponho compartilhadas por inúmeros mortais, terá feito uma regular catequese, pois cada leitor d'*O Commercio* ficará sendo, indubitavelmente, um novo e convicto pregador da futura doutrina.

C. F. Brandão

Publicado no jornal *O Commercio*, Cachoeira, Ano VII, Nº 335, 9/5/1906, p. 1³

3 Este artigo de Cândida F. Brandão desencadeou uma série de respostas de Artur Soares publicadas nas edições de 16/5/1906 (Pró Espiritismo I), 23/5/1906 (Pró Espiritismo II),

ELEGIA AO GRANDE MORTO

*On parlera de sa gloire
Sous le chaume blen longtemps.
Béranger*

Pressaga sombra, tétrica penumbra
Essa que ao mundo inteiro em mágoa obumbra!
Hora cruel, que a previsão fatal
Gravara a fogo n'alma nacional!
Hora em que a treva sideral fugia
Cedendo o passo à noite da agonia
Do ciclópico vulto extraordinário,
Que foi de um povo – espírito e sacrário!
Vulto animado de ideais tamanhos
Quais tão somente os de imortais Paranhos,
Que na pureza astral do anseio franco
Foram atletas! – Era tal Rio Branco!

Despe o fulgor das galas soberanas
E cobre-se de luto o Brasil todo!
Rasga em câmara ardente o peito aflito
E sobre o cadafalso sacrossanto
O estrelado pendão abre a chorar!

Sobe da terra esse perfume estranho
Das plantas tropicais – incenso raro
Dos gigantes turíbulos que são
As culminâncias do cabrália solo!
Velam acima os círios do cruzeiro
Ao mudo orar da multidão prostrada
Em torno a urna dos despojos caros!

30/5/1906 (Pró Espiritismo III) e 6/6/1906 (Pró Espiritismo IV). Artur Soares foi diretor do jornal *O Cachoeirense*, surgido em 3/12/1901, de circulação quinzenal, órgão de interesse do município, literário e noticioso. Em 1902, Artur Soares retirou-se da direção do jornal que havia sido empastelado em 5 de janeiro daquele ano.

O silêncio da morte paira e pesa
Sobre as cabeças numa angústia extrema!
Da madrugada a tênue claridade,
Que subia indecisa no horizonte,
De novo apaga-se ao bater potente
Das brônzeas asas do condor da glória,
Que adeja e pouisa triunfal coroando
O alteroso troféu envolto em crepe!
Vem recolher do escrínio da matéria
A pura essência divinal, liberta!

Ei-la! irradiando luminosa e ativa
Na formosa, diáfana brancura
Dos enviados bíblicos do Além!
Subiu, deitou comiserado olhar
Por sobre os restos seus e a turba em pranto
E alfim sumiu-se, num deslumbramento!

Em meio a treva que fechou-se após,
Um lamento de dor dilacerante
Cortou da noite o seio exangue, opresso:
- Oh! filho! excelso filho amado e bom!
Se não podes volver à luta insana,
Dize, quem há de continuar na terra
O monumento dos triunfos meus?! –

E a Pátria alucinada estende os braços
Para o rígido corpo, frio, inerte,
Estreita-o num amplexo frenético,
Beija-lhe a fronte, as mãos, o peito ornado
Dos mil brasões, que poucos eram inda,
Cai de joelhos e rompe a soluçar!...

Caçoilas tropicais a terra incensam
E o cruzeiro do sul velando ao alto,
Vai engastando ao nimbo da legenda
As pérolas da mágoa universal!

O mundo envolto em lúrica penumbra
 Chora o luzeiro que à visão se obumbra,
 Na hora fatal que a previsão febril
 Gravara a fogo n'alma do Brasil!
 Hora em que o céu apaga o lampadário,
 Círios acende à noite do Calvário
 Desse vulto de magico esplendor
 Que foi de um povo o gênio protetor!
 Vulto animado de ideais tamanhos
 Quais tão somente os de imortais Paranhos,
 Que na pureza astral do anseio franco
 Foram atletas! E tal foi Rio Branco!

Soluça ó Pátria! Mas na voz doce
 Do rogo, pede ao Ser que te venceu,
 Que na frente de cada filho teu
 Ponha um raio do Sol que eclipsou-se!

CANDIDA FORTES BRANDÃO

Publicado no jornal *O Commercio*, Cachoeira, Ano XIII, Nº 636,
 14/2/1912, página 1⁴.

4 Na edição d'*O Comércio* de 1/1/1949, p. 13, foi publicado novamente com a observação:
 “Esta poesia foi declamada no Rio de Janeiro ante o túmulo de Rio Branco, no 30º dia de seu
 falecimento.”

TEXTOS DIVERSOS

LUTAS⁵

Quanto caos na imensidade!
Tristonha nuvem sombria,
encobre a face do dia...
Já ribomba a tempestade,
e frágil batel no mar
anseia à mercê da onda,
enquanto o trovão estronda
e os raios cruzam no ar!
O céu, a terra escurece...
Os elementos se chocam,
doidamente se deslocam
ao tufão que em fúrias cresce!
E a natureza prostrada
sem ter um riso do céu,
pede ao sol que se escondeu
uma centelha dourada.

.....

Essa sombra lutulenta
é minha vida na terra,
e o batel que no mar erra,
numa agonia cruenta,
é minha exausta esperança,
que morrerá, bem prevejo,
antes do lúcido beijo
mensageiro da bonança!...

Cândida Fortes (Porto Alegre)

5 *Almanaque de Lembranças Luso Brasileiro*, em 1886, p. 468.

O GAÚCHO⁶

Não é vestido, não, dessa nobreza
Pueril ou de mórbida expressão,
Alma versátil, d'ambições represa
Ou peito já vazio de coração.

Não é de brônzea, senhoril beleza
Esse atleta dos Pampas. Um leão
Ameaçador em face da vileza,
Manso cordeiro às vozes do perdão.

Figura altiva de firmeza inata,
Que impõe-se ao mundo sem que a reis incense;
Seu busto a fama, já vereis, retrata,

Seu vulto heroico à tradição pertence,
Brasil, tens horizontes quem dilata
Vê neste tipo audaz de rio-grandense.

⁶ *Almanak Historico Litterario do Estado de São Paulo*, 1896, p. 171.



TERCÍLIA NUNES LOBO

MAURO NICOLA PÓVOAS

Tercília Nunes Lobo nasceu em 11 de janeiro de 1854, em Rio Grande/RS, cidade em que morou toda a vida e onde veio a falecer, no dia 8 de dezembro de 1917, aos sessenta e três anos. Casou-se, em 29 de novembro de 1883, com o também poeta Eduardo da Costa Pinto Lobo (1857-1912), português imigrado para o Sul do Brasil, tendo com ele seis filhos.

É dona de uma produção pequena, toda ela publicada em periódicos de Rio Grande, Pelotas, Florianópolis e Lisboa. Há uma preferência, da parte de Tercília, pelo soneto, com algumas exceções, como o poema “Visão funesta”, o mais longo dos que escreveu.

As suas composições abordam vários temas: o aspecto autobiográfico ou circunstancial (quando pranteia as mortes do pai, do filho e da escritora Revocata de Figueiroa e Melo, ou homenageia a sua mãe e a atriz mirim Julieta dos Santos); o teor encomiástico, com elogios a Portugal (em “Ímã” e nos poemas que evocam o 1º de dezembro de 1640, a Restauração da Independência lusa); o lirismo melancólico (em “Visão funesta”, “Dor oculta” e “A coruja”); e o amor (em “Viver longe de ti”).

Os resultados poéticos são interessantes, levando em conta que se trata de uma mulher que dedicou, aparentemente, apenas uma parte pequena de sua vida (oito anos) à poesia, largando o ofício literário a

partir de determinada época, como a interrupção de suas publicações deixa entrever. Como nunca lançou livros, sua obra ficou restrita às páginas periódicas, sendo possível, desta maneira, que ainda surjam novos poemas, à medida que a pesquisa continue.

Foi exatamente o que aconteceu entre o lançamento de *Retratos de camafeu*: biografias de escritoras sul-rio-grandenses, em 2020, e o momento da publicação desta antologia. No primeiro livro, em meu capítulo sobre Tercília Nunes Lobo, apontei a existência de doze poemas de sua lavra: quatro no *Arauto das Letras* (Rio Grande), dois no *Eco Lusitano* (Rio Grande), três no *Corimbo* (Rio Grande), um em *O Farrapo* (Pelotas) e dois no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (Lisboa). No intervalo entre os volumes, no entanto, descobriu-se o fragmento do décimo terceiro poema de Tercília, também no *Arauto das Letras*.

Este jornal, que circulou em Rio Grande, entre agosto de 1882 e junho de 1883, tem preservadas as suas edições somente na Biblioteca Pública Pelotense, em Pelotas, onde se encontra a coleção quase completa dos vinte números do ano 1 e dos dezessete números do ano 2. Depois da edição de 7 de junho de 1883, n. 16 do ano 2, segue-se uma edição da qual se preservam somente as páginas 3 e 4 de uma provável décima sétima edição do jornal. E na primeira coluna da terceira página está reproduzido apenas parte de um poema de Tercília, cujo começo está na página dois, o que não permite que se tenha conhecimento do título do poema, nem de seu começo.

Na parte preservada do poema, notam-se três estrofes de versos, em redondilha menor: uma primeira com quatro versos (provavelmente incompleta) e duas de oito versos, sendo que a última estrofe parece constituir uma espécie de refrão, que talvez já pudesse ter aparecido antes, pois há uma série de pontos a separar a penúltima e a última estrofes. Tematicamente, o poema se assemelha às demais composições de Tercília, com a presença da melancolia, da tristeza e da amargura, sentimentos que fazem a mediação entre o eu-lírico, a vida e a natureza.

Nesta mesma página 3, há a reprodução de “Um dia sem te ver!...”, de Ernesto de Lemos, poema distribuído em nove quartetos e escrito em Rio Grande, no dia 1º de junho de 1883. Abaixo do título, a dedicatória: “A mais melodiosa poetisa rio-grandense, D. Tercília

Nunes”, o que comprova a relação de admiração que existia entre a autora e seus pares da região.

A seguir, então, reproduzem-se os treze poemas de Tercília Nunes Lobo, doze completos e um incompleto, dispostos em ordem cronológica: do primeiro, surgido em 1882, ao último, de 1890. Ao longo de suas publicações, assinou como T. Nunes ou Tercília Nunes (em 1882 e 1883) e Tercília Nunes Lobo (de 1884 a 1890).

VOZES DO CORAÇÃO¹

À MINHA MÃE

Minha Mãe, oh que doce alegria
Sinto em mim – ao teu nome dizer;
A minh'alma gentil se extasia –
Quando cumpro esse altivo dever!

Não existe ventura mais santa
Do que ter neste mundo uma Mãe;
É qual facho de luz sacrossanta
Que nos guia na senda do bem.

Como um anjo de infinda bondade
Vela junto de nós com ternura –
Procurando com terna amizade,
Nos livrar da cruel desventura.

A su'alma, ou alegre, ou sombria –
É asilo constante d'amor –
Onde nos abrigamos, se um dia,
Da desgraça sentimos a dor,

Não há nada mais doce na terra –
Que o chamar-se uma Mãe com doçura;
Nela o bálsamo santo se encerra,
Para as dores cruéis d'amargura.

¹ *Arauto das Letras*, Rio Grande, 5 nov. 1882, ano 1, n. 13, p. 3.

Minha Mãe, venho pois ofertar-te
Esta rude e singela canção;
É sem flores, sem brilho, e sem arte,
– Mas são vozes do meu coração.

Rio Grande, novembro de 1882.

À MEMÓRIA DE MEU PAI²

SAUDADE

Há muito tempo já que a mão da morte
Me roubou de meu pai o terno amor;
E não pôde do tempo o braço forte,
E meu peito calcar a intensa dor!

Oh meu querido pai!... teu doce nome
Há de sempre em minh'alma reviver!
E da saudade a dor que me consome,
Há de comigo ao túmulo descer.

Eu era uma inocente criancinha
Quando a morte roubou-me os teus carinhos,
Para deixar-me triste, inocentinha,
Da orfandade cruel entre os espinhos!...

Sim! – mas bem lembro do abraço estreito
Que me deste nessa hora atroz, fatal,
Em que eu ajoelhei junto a teu leito –
Para receber a bênção paternal!...

E julgo ainda ouvir os teus gemidos
Quando, fitando os olhos sobre os meus,
Me dissestes num som enfraquecido:
“Oh minha doce filha! – adeus!... adeus!...”

2 *Arauto das Letras*, Rio Grande, 10 dez. 1882, ano 1, n. 18, p. 2-3.

Ah! nunca esquecerei, meu pai amado –
Esse dia cruel de luto e dor –
Em que meu coração dilacerado
Perdeu o teu sincero e puro amor!...

Lá na mansão dos justos onde habitas.
Talvez escutes o sentido canto –
De tua filha – que saudosa e aflita –
Verte por ti amargurado pranto

Choro, sim, meu caro pai!... e o teu nome
Minh'alma a todo instante pronuncia!
E da saudade a dor que me consome –
Há de baixar comigo à campa fria!

Rio Grande, outubro 20, de 1882.

VISÃO FUNESTA³

(***)

Quem és – fantasma medonho –
Que surgindo como um sonho –
Me segues sem descansar?
Donde vens – visão horrível –
Que te mostras insensível
Ao meu triste soluçar?...

Apenas te vi, minh'alma –
Perdeu a plácida calma,
Nunca mais pôde sorrir!
Quando em mim os olhos fitas,
Mil tristezas infinitas –
Vêm meu peito oprimir!

3 *Arauto das Letras*, Rio Grande, 18 mar. 1883, ano 2, n. 11, p. 1-2.

O que é que de mim desejas?
O que queres? o que almejas? –
Diz! e não me sigas mais!...
Não vês que vive abatida,
E que minh'alma dorida
Vive soluçando uns ais?!...

“Sou o anjo d'amargura,
“Sou irmã da desventura,
(Me disse a triste visão)
“Vou p'ra onde Deus me ordena,
“E de ninguém tenho pena,
“Pois não tenho coração,

“Gosto de nadar em pranto;
“Acho nisso um doce encanto,
“Que não te sei bem cantar;
“Se vejo um'alma sensível –
“Sinto um desejo invencível
“De fazê-la torturar!

“A morte muda e sombria
“Os tormentos alivia
“No descanso que te dá!
“Eu sou pior do que a morte!
“Das dores amo o transporte...
“Sou por natureza má,

“Vou ser tua companheira!
“Passarás a vida inteira,
“Sempre bem junta de mim!...
“Desejo ouvir tuas queixas;
“E da tu'alma as endechas,
“Eu hei de ouvi-las! oh? sim!...”

Oh! lhe tornei! tem piedade!
 É triste na mocidade –
 Viver chorando de dor!...
 Deixas-me gozar da vida
 A doce quadra florida
 Entre os êxtases d'amor!...

Tu não vês como sou moça?
 Vê como pulsa com força
 O meu triste coração!...
 Ela então com voz pausada –
 Tornou-me toda enfadada:
 “Oh! não!... não!... mil vezes não!...”

E cingindo-me em seus braços
 Fez deles uns férreos laços
 E meu peito lacerou!...
 E da minh'alma a bonança,
 Crença d'amor e esperança...
 Tudo!... tudo! me roubou!...

Rio Grande – 1883.

JULIETA DOS SANTOS⁴

Salve!... filha diletta do talento!
 D'arte de Talma – divinal portento,
 Que as almas extasia!...
 Salve! estrela fulgente que derramas
 Flocos de luz e uma ignota chama –
 Suave que inebria!

Radiante iluminas o prosclênio
 Com a força magnética do gênio
 Que domina, seduz!
 Quando, gentil em cena, ergues a fronte,
 Parece que se vê lindo horizonte –
 Inundado de luz!...

4 *Arauto das Letras*, Rio Grande, 22 abr. 1883, ano 2, n. 14, p. 2.

Tem espinhos a estrada em que tu pisas
Mas não vaciles não! vê se eternizas –

O teu nome na história!
Entre espinhos terás flores fragrantas
Que hão de juncar-te à senda triunfante
Que te conduz, à Glória!

Quem é que ao ver-te assim tão pequenina
Calcula a força com que tu dominas
A imensa multidão?
Quem ouvindo essa voz doce, argentina –
Diante de ti, a fronte não inclina.
Oh rosa inda em botão?...

Se Deus, que foi autor da Natureza,
Poderia filtrar tanta grandeza
Na tua jovem alma!...
Avante, Julieta! que na história –
Terás um dia de fulgente glória,
Imorredoura palma!

Rio Grande, 21 de abril de 1883.

[TÍTULO IGNORADO]⁵

[...]
Em doce harmonia,
Suave e singela –
Entoam alegres
Um hino de amor.

Nest' hora solene,
Só eu pensativa
Suspiro e soluço
Transida de dor;
Só eu é que sinto
Profunda tristeza,

5 *Arauto das Letras*, Rio Grande, jun. 1883, ano 2, n. 17 [?], p. 2-3 (somente se tem acesso à página 3 do referido jornal).

Só eu vivo presa
 Num fundo amargor.

 Se amor tem enlevos,
 Se é doce harmonia,
 Se amor extasia,
 Se é gozo sem par,
 Impele p'ra longe –
 De mim a tristeza,
 E faz, Natureza,
 Com que eu possa amar!...

Rio Grande, 11 de junho de 1883.

1º DE DEZEMBRO DE 1640⁶

Data imortal! auréola refulgente –
 Que circundas o escudo Português!
 Tu és a grande amostra de altivez
 Da lusitana e denodada gente –

Que, num esforço heroico e alipotente,
 Num rápido momento, cair fez –
 Do despotismo a negra hediondez
 P'ra se tornar, enfim nação valente!...

Salve! oh data imortal e gloriosa –
 P'ra lusitana gente que orgulhosa –
 Te conserva gravada na memória!

Salve! padrão sublime de heroísmo,
 Que assim lembras-te ao mundo o patriotismo
 Dos teus heróis c'roados pela glória!...

Rio Grande, 1883.

6 *Eco Lusitano*. Comemoração do 243º aniversário da gloriosa restauração de Portugal em 1640. Rio Grande, 1º dez. 1883, número único, p. 3.

1640⁷

Hosana Portugal! festeja ufano
O dia em que te ergueste sobranceiro,
Arrojando os grilhões do cativeiro –
Sobre as faces do povo castelhano!...

Assim é que mostraste ao mundo inteiro
O quanto pôde dar o braço humano
Armado de amor pátrio, soberano,
Do teu povo altívíssimo e guerreiro!

Na história, sobre – a página dourada
Com indeléveis traços – tens gravada
A nobre e sem rival heroicidade –

Com que a tua valente fidalguia,
Recalcando os grilhões da tirania,
Fez ressurgir o sol da liberdade!...

Rio Grande.

À PREMATURA MORTE DO MEU INOCENTE MÁRIO⁸

Na brisa silenciosa que perpassa,
No entreabrir das pétalas da rosa;
No arrulhar da pomba carinhosa,
No brando esvoaçar da nívea garça;

Na linda borboleta que esvoaça,
No perfume da flor fresca e viçosa;
Na nuvem branca, azul e vaporosa,
Que, no espaço infinito alegre passa;

7 *Eco Lusitano*. Comemoração do 243º aniversário da gloriosa restauração de Portugal em 1640. Rio Grande, 1º dez. 1883, número único, p. 4.

8 *Corimbo*, Rio Grande, ano 1, n. 6, nov. 1885, p. 8. Aparece também em: *A Ventarola*, Pelotas, 27 out. 1889, ano 3, n. 135, p. 3; *Almanaque Popular Brasileiro*, Pelotas, 1896, ano 3, p. 184, com o título “Saudade: no passamento de meu filho Mário”; e NEVES, Décio Vignoli das. *Vultos do Rio Grande*. v. 3. Rio Grande: [s.n.], 1989, p. 181, com o título “Saudade” e algumas alterações nos versos. É o poema mais difundido dela.

No formoso clarão da lua pálida,
Na frágil e poética crisálida,
No brando cicizar da leda aragem;

Em tudo enfim que neste mundo existe,
Eu, lacrimosa, solitária e triste,
Diviso, oh! meu filhinho, a tua imagem!...

Rio Grande, novembro de 1885.

ÍMÃ⁹

Não sei que força magnética, ingente –
Prende minh'alma às lusitanas plagas!
Que o pensamento meu transpondo as vagas
Vai no Tejo vagar languidamente.

Oh! pátria de Camões!... Berço florente –
De heróis e gênios!... Doce terra maga
Onde a brisa sutil, mansa divaga
Trazendo inspirações da Musa ardente!

Quem me dera vagar por longas horas –
Nos teus prados gentis! E das auroras –
Ver o brilhante e fúlgido arrebol!

Oh! quem me dera que eu possa ainda um dia
Ouvir a suavíssima harmonia –
Do teu plúmeo cantor – o rouxinol!...

Rio Grande.

9 *Corimbo*, Rio Grande, ano 1, n. 10, mar. 1886, p. 8. Aparece também em: NEVES, Décio Vignoli das. *Vultos do Rio Grande*. v. 3. Rio Grande: [s.n.], 1989, p. 180-181.

À MEMÓRIA DA ILUSTRE ESCRITORA REVOCATA DE FIGUEIROA E MELO¹⁰

A morte, erguendo a destra soberana,
E abrindo as negras asas, sem piedade,
Fez entrar nos umbrais da eternidade
A inspirada cantora americana!...

Ao pé da regelada sepultura,
Onde jaz a escritora memorável,
Pranteia a sua prole inconsolável –
Coberta de terrível amargura!...

Dulcíssima escritora! Em paz descansa!
Dorme! Que a tua cândida lembrança
Há de passar à sã posteridade!

Que importa que do mundo hajas fugido,
Se o teu nome adorado, estremecido,
É sempre recordado com saudade?!...

VIVER LONGE DE TI¹¹

Viver longe de ti!... pois isto é crível?
Tu julgas que eu resista ao sofrimento
Da saudade cruel, atroz, horrível,
Que a vida torna num martírio lento?

Viver longe de ti!... é-me impossível!
– Seria derrubar em um momento
As ilusões desta alma tão sensível –
Que só nos olhos teus libava o alento!...

10 *Corimbo*, Rio Grande, ano 3, n. 25/26, ago./set. 1887, p. 5.

11 *O Farrapo*, Pelotas, ano 1, n. 5, 2 jun. 1889, p. 4. Aparece também em: *Crepúsculo* – Gazeta literária, Desterro (atual Florianópolis), 8 jul. 1889, ano 3, n. 28, p. 3.

Viver longe de ti!... não posso! crê!
Fita os olhos nos meus, e neles vê
Quanto esta ideia fere o meu sentido!...

Se acaso me não crês, oh! então parte!...
Que em breve a brisa lá irá levar-te
O eco do meu último gemido!...

Rio Grande – Junho de 1883.

DOR OCULTA¹²

AO ILMO. SR. FORTES DE FONTES

Quantas vezes um pálido sorriso
Paira nos lábios meus!... E no entanto,
Sorrio p'ra ocultar o amargo pranto,
Filho deste martírio em que agonizo!...

Ah! quem me vê sorrir diz que eu diviso
Um futuro p'ra mim cheio d'encanto!...
É que não podem suspeitar o quanto
É íngreme a estrada em que deslizo!...

Como é custoso afivelar no rosto
A másc'ra do prazer, quando o desgosto
Faz vergar a minh'alma enlanguescida!...

Quem assim como eu padece tanto
Pode acaso no mundo achar encanto
E ter anseio de uma longa vida?...

12 *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, Lisboa, 1889 – Suplemento, ano 39, p. 168.

A CORUJA¹³

AO SR. DR. ANTÔNIO XAVIER RODRIGUES CORDEIRO

Assim que a noite estende o negro manto,
Vem pousar sobre a minha laranjeira
Uma coruja horrenda e agoureira,
Para soltar o seu medonho canto.

Fui ver essa funesta mensageira
De tudo quanto há mau, martírio e pranto!
E disse-lhe: – Por ver-te não me espanto,
Se bem que ora te vejo a vez primeira.

Se vens trazer mortífero bafejo,
Esparge-o sobre mim, que a morte almejo,
Para findar o meu sofrer profundo!...

E dize à morte que, com mão segura,
Sobre mim descarregue a fouce dura...
Mas que poupe a quem amo neste mundo!...

13 *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, Lisboa, 1890, ano 40, p. 158. Aparece também em: TACQUES, Alzira de Freitas. *Perfis de musas, poetas e prosadores brasileiros*: antologia de escritores brasileiros e estrangeiros. v. 4. Porto Alegre: Thurmman, 1958, p. 2.603-2.604.



LUÍSA CAVALCANTI GUIMARÃES E JÚLIA CÊSAR CAVALCANTI

REGINA KOHLRAUSCH

I – LUÍSA CAVALCANTI GUIMARÃES

“A descrença é um suicídio moral” e “A democracia é o elemento integrante da civilização”¹

Luíza Cavalcanti Filha nasceu em 03 de agosto de 1869, em Pelotas/RS, e veio a falecer em 05 de março de 1891, aos vinte e dois anos. Casou-se com o poeta Mathias Guimarães, adotando, por isso, o nome Luíza Cavalcanti Guimarães.

Como poeta e cronista, colaborou com diversos periódicos, entre eles, destacam-se o *Corimbo*, *Progresso Literário*, *Correio Mercantil*, *Tribuna Literária*, *Arauto das Letras*, *Gazeta Literária*, *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*. Como poeta, em 1886, com 17 anos, publicou a obra *Alvoradas*: poesias, prefaciada por Francisco de Paula Pires. Participou ainda da Sociedade Partenon Literário e da Sociedade Iris Brasília.

¹ *Crepúsculo*, Pelotas, 08 de julho de 1889, p. 3.

Em relação às suas produções literárias, produzem-se, a seguir, textos de Luiza, seguindo ordem cronológica de publicação na imprensa e no *Almanaque*.

AMOR FILIAL²

Eu já nem mais sei cantar
As florinhas de um jardim,
Que a minha fé se finou,
O meu sorriso murchou,
O meu penar não tem fim.

Se entre os próprios mortais
Deu-me a sorte o meu desterro;
Pergunto aos astros ... aos céus ...
As nuvens ... ao próprio Deus:
Onde a prova de meu erro?!

Nasci, cresci e comigo
Os meus tormentos crescerão
Criei ilusões no gênio,
Mas fraco achei seu proscênio,
Onde meus ais se perderão.

Ao meu seio virginal
Também conforto implorei;
Mas nem a própria inocência
Pôde me dar a clemência,
Que no mundo não achei.

Quando a minha fraca infância
Pedi o calor materno,
Entre soluços e ais
Fui exposta aos vendavais.
Nos gelos do meu inverno.

2 *Arauto das Letras*, Rio Grande, a. 1, n. 20, 24 de dezembro de 1882, p. 3.

Mal haja, oh Deus dos aflitos,
Quem no mundo fez só mal,
Um peito que ao meu entenda
Foi sempre a minha centenda
Sem pecado original.

Quase estou purificada
Nestas lágrimas que ofereço
A este mundo de factos;
Não nascerão dos meus atos,
Senão do quanto padeço.

Mas oh céus, se está fadado
Que o mal e o bem vem de cima;
Este ar que se respira
Concedei-me, a esta lira
Para cantar esta rima.

UMA TARDE³

Na laranjeira o sabiá gorjeia,
Junto ao regato a juriti arrulha,
– Passa ligeiro o pintassilgo airoso,
Um hino terno ao Criador modula.

Das águas puras da cascata imensa
Saltitam nuvens de brilhante pó!
No lago azul o majestoso cisne
Brinca orgulhoso mansamente e só!

A morna brisa, que fagueira passa,
Dos arvoredos faz tremer o galho,
Dizem as aves: – como é linda a tarde!
Responde a rosa: – como é doce o orvalho!

3 *Tribuna Literária*, Pelotas, n. 2, 8 de janeiro de 1882, p. 4.

Tudo é poesia nesta bela tarde!
Suspira o bosque, a viração é calma –
O sol desmaia, a natureza ri-se...
– Que alegre sinto minha pobre alma!

DEUS⁴

Salve! ó tu que do nada formaste
Altos montes, campinas virentes!
Belas flores ao prado tu deste
E essas aves de cantos plangentes.

Deste à lua seus lindos clarões,
Deste à estrela seu brilho e fulgor,
Deste ao dia suave clareza,
Deste à pomba seus treinos de amor!

Deste ao mar suas ondas pujantes,
Deste ao rio a beleza e frescor.
Deste flores e frutos às arvores.
Mil suaves perfumes à flor.

Um bocado de argila sem nome
Converteste num homem – Adão
E quando ele dormia tiraste
Uma sua costela – e, então,

Dessa mesma costela formaste
Esse anjo sublime e paciente
Que foi – Eva, – a mulher seduzida
Pela vil, asquerosa serpente!...

⁴ *Tribuna Literária*, Pelotas, n. 3, 15 de janeiro de 1882, p. 4.

A LUA⁵

Nos prados imensos de flores virentes,
 Que as ondas não viram, famintas de amar
 Nas fendas medonhas que ocultam serpentes,
 Onde é que tu pairas, mimosa do ar?

Onde é que tu pairas, rainha da noite,
 Princesa formosa do reino dos céus?
 Será nessas praias desertas, tristonhas,
 Será junto aos anjos? será junto à Deus?

Oh! conta-me, virgem, que sina é a tua,
 Que mão te acompanha por cima do mar...
 Não tremes, donzela que vagas sozinha
 Somente levada nas asas do ar?...

Ah! conta-me linda, teus ledos amores
 Que buscas no espaço constante a vagar:
 – De mim te confia, bem sabes que a sorte,
 Lançou-me na frente teu pálido olhar!...

Por isso eu adoro teus passos aéreos,
 Envolta num manto de magos palores.
 Por isso eu, ó virgem modesta, singela
 Te peço me contes teus puros amores.

5 *Tribuna Literária*, Pelotas, n. 4, 22 de janeiro de 1882, p. 4.

RECORDAÇÃO⁶

Ah! que saudades eu tenho
Daquela serra mimosa!
Daqueles montes imensos,
Da cascata majestosa!

Ah! meu Deus, como recordo
O cicio dos palmares
Que à tarde vinham cheirosos,
Pela imensidão dos ares!

Ah! que saudades eu tenho
Daquelas formosas flores
Que embelezavam os prados
Com suas mimosas cores!

Tenho saudades de tudo
Que existe naquela terra...
Tudo ali ensina e mostra
O poder que Deus encerra!

O SABIÁ⁷

Canta, avezinha mimosa,
A tua bela canção;
Canta, que alegras o bosque
E o meu triste coração...

Quem te deu tão doce voz
Com que saúdas o dia?
Que te ensinou esses trinos
De tanta, tanta harmonia?!

6 *Tribuna Literária*, Pelotas, n. 5, 29 de janeiro de 1882, p. 4.

7 *Tribuna Literária*, Pelotas, n. 6, 5 de fevereiro de 1882, p. 4.

Quem te deu tanta pureza,
Sabiá melodioso?
Que ternas queixas exalas
Nesse cantar suspiroso!...

Porque descantas tão triste,
Oh belo plumeo cantor?
Que fundas magoas nos dizer
Nesses cânticos de dor?

Acaso sofres saudades
Do teu mole e quente ninho?
Alguém te roubou a prole?
Dize, dize, passarinho...

Não tens a vasta campina
Alcatifada de flores?
Não tens o bosque, que encerra
Inebriantes odores?...

ADEUS⁸

Adeus ó prados de virentes flores,
Adeus, das aves o cantar d'amor,
Adeus mistérios da floresta imensa,
Adeus, eu parto com saudade e dor.

Adeus, ó montes verdejantes, belos,
Adeus, ó lindo sabiá cantor,
Adeus, ó casta juriti plangente,
Adeus, eu parto com saudade e dor.

Adeus, ó noites de luar ameno,
Adeus, ó meigo ciciar da flor,
Adeus, manhãs de festival folia,
Adeus, eu parto com saudade e dor.

8 *Tribuna Literária*, n. 10, Pelotas, 5 de março de 1882, sem indicação de página.

Adeus, ó lago cristalino e belo,
Auras que à tarde bafejais a flor,
Adeus, ó bosque, ó solidão amena,
Adeus, eu parto com saudade e dor.

Adeus, mimoso beija-flor das matas
Adeus, ó linda laranjeira em flor,
Adeus encantos do rosal florido...
Adeus, eu parto com saudade e flor.

Adeus, ó serras de gigante altura,
Gotas de orvalho que beijais a flor,
Adeus ó bosque, paraíso térreo,
Adeus, eu parto com saudade e dor.

Adeus, ó dias de festivos hinos
Vergel querido onde estou amor,
Adeus ó lírios, ô fragrantas rosas...
Adeus... eu parto com saudade e dor!

SEM TÍTULO

Gemma Cuniberti (homenagem)⁹

A arte, o gênio, a inspiração divina,
Tudo, criança, no teu peito alentas!
– És uma rosa que desprende aromas
Cuja beleza sem vaidade ostentas!

És sempre a estrela a refulgir brilhante
Que o espírito ofusca, que engradece a ideia!
Suave encanto que extasia a todos
Doce harmonia que nossa alma enleia!

⁹ Sem título, indicando apenas a homenagem. *Tribuna Literária*, Pelotas, n. 11, 14 de março de 1882, sem indicação de página.

E quando entramos na mansão da arte
 Vemos erguer-se da quimera o véu
 E tu, criança, aureolada surges
 Qual dentre as brumas de vedado céu.

Tu tens, criança, em teu caminho, flores!
 Louros, glorias...e um altar também!...
 Quem ao teu gênio não se curva, ó Gemma?
 Quem é tão grande, como tu? Ninguém!...

A POESIA¹⁰

Quando a brisa da tarde perpassa
 Sobre as flores mimosas do prado,
 E que a rola saudosa suspira
 Como o triste dolar afastado;

Quando o astro do dia cansado
 Adormece num leito de flores,
 Qual o infante que em mole regaço
 Dorme aos cantos maternos de amores;

Eu sentada entre a relva viçosa
 Sinto o pranto na face rolar:
 – São saudades da virgem que adoro,
 Que me vinha em pequena embalar!

Se contemplo do prado as florinhas,
 O horizonte com luz prateada,
 Julgo ver essa virgem divina
 Entre as flores cismando, inclinada!

Essa virgem que adoro com ânsia,
 Esse anjo de tanta harmonia,
 Essa virgem de rosto fagueiro
 Que se chama, não sabem! POESIA!

10 *Tribuna Literária*, Pelotas, n. 14, 2 de abril de 1882, p. 4.

CROMO¹¹

De abril em tarde serena,
Canta uma moda espanhola,
Ao doce som da viola,
Formosa moça morena.

A escuta, rindo, o marido,
Em tosco banco sentado,
Tendo ao seio conchegado
O filhinho estremecido.

No entanto, dali bem perto,
Lamenta-se o pobre Alberto,
Porque morreu-lhe o cãozinho,

Que, ao pôr-se o sol no horizonte,
Indo mirar-se na fonte,
Afogou-se – coitadinho!...

O RETRATO¹²

De frente sonhadora
E olhar inteligente...
A boca – encantadora,
Sorrindo docemente...

As celhas arqueadas
Oval o rosto belo,
Negríssimo o cabelo,
Madeixas enlaçadas...

O gênio cintilante
Aureóla-lhe o semblante
Onde o Amor transluz...

11 *Corimbo*, Rio Grande, a. 1, n. 11, abril de 1886, p. 10.

12 *Corimbo*, Rio Grande, a. 1, n. 13, junho de 1886, p. 13.

A mágica doçura
De sua imagem pura,
“Ó, tudo me seduz!”

O AMANHECER ¹³

(VERSOS DOS QUINZE ANOS)

A natureza se desperta rindo,
Brotam aromas do rosal formoso;
Falam as aves em linguagem meiga,
E alegre canta o sabiá saudoso!

Florido e belo se balouça o galho
Da laranjeira que desprende olor;
Suspira o rio, o pintassilgo canta,
E o rocio beija a matutina flor.

Por entre os seios da gentil floresta,
Treme, saudoso o matinal gorjeio:
Como é sentido o barulhar da fonte!
– Semelha falas de amoroso enleio!

Por entre os leques da palmeira esguia
Ouvem-se notas de divino harpejo:
– Mais belos hinos a natura exala,
Da madrugada ao perfumoso beijo!

Em tudo há risos nestas doces horas:
Na morna brisa que no céu resvala,
Na voz das aves, no ondular do lago,
Nos sons do bosque, que palpita e fala!

13 *Almanaque de Lembranças Luso-brasileiro*, 1896, p. 380.

NO GUAÍBA¹⁴

À minha irmã Júlia César Cavalcanti.

O sol inclina a fronte, preguiçoso,
Nos coxins diamantinos do poente,
Bem como um lasso árabe, indolente,
No regaço da amante, perfumoso.

Ao longe... na espessura, suspiroso,
O sabiá descanta, tristemente,
Enquanto a juriti, terna, plangente,
Oscula, com meiguice, o doce esposo.

As auras vespertinas, odorantes,
De amor loucas, sedentas, palpitantes,
Desfolham as roseiras perfumadas...

Ouvem-se notas trêmulas, amenas,
Marítimas saudosas cantilenas,
Nas águas do Guaíba prateadas...

II – JULIA CÉSAR CAVALCANTI

Apoteosando a Liberdade seja a República
o luminoso santelmo de nossa Pátria¹⁵

Júlia César Cavalcanti faleceu em 24 de abril de 1890, em Pelotas/RS, cidade de seu nascimento, conforme registro de Vitor de Castro¹⁶ com o título “Julia Cavalcanti”,

14 *Almanaque de Lembranças Luso-brasileiro*, 1896, p. 380.

15 *Crepúsculo*, Pelotas, 08 de julho de 1889, p. 3.

16 *Radical*, Pelotas, a. 1, n. 17, 27 de abril de 1890, p. 3. Essa nota foi transcrita, seguida pelo texto “Ficção”, no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, 1892, p. 317-318

A talentosa autora do belo escrito [Ficção], que em seguida se vai ler, faleceu nesta cidade, a 24 de abril de 1890, com dezenove anos de idade apenas, vitimada por uma tuberculose pulmonar, lenta e impiedosa, que lhe excruciou a existência, aniquilando-a fibra a fibra até destruí-la completamente.

A morte, com apenas dezenove anos, impediu que Julia realizasse o sonho de seguir a carreira literária, mas o tempo vivido oportunizou sua participação em periódicos diversos, entre eles, o *Progresso Literário* (Pelotas, 1877), *A Ventarola* – “Folha ilustrada e humorística” (Pelotas, 1887-1890), *Crepúsculo* – Gazeta Literária (Desterro, 1889), *O Radical* (Pelotas, 1890, do partido Republicano).

Diferente da irmã Luísa Cavalcanti, que cultivou a escrita de poesia, o predomínio da produção escrita de Julia é a narrativa. Na sequência, seguem textos publicados no *Almanaque*, alguns com a indicação do ano de escrita, mas sem mencionar se eles foram publicados em algum periódico da época.

FICÇÃO¹⁷

Fora no regaço de uma verdejante e aprazível serra que ele – loira fantasia de minha débil imaginação – mandara construir uma esplêndida casa, toda branca, muito branca, de vastas salas octogonais, teto abobadado, janelas amplas, por onde subiam graciosas e odoríferas trepadeiras – estância diletta dos saltitantes colibris.

A natureza, vestida de galas, exibia magnífico e deslumbrante painel.

Trilava ridente a passarada, doudejando no espaço, pleno das suavíssimas fragrâncias que se desatavam do róseo seio da peregrina diva que se ataviava para o noivado – a primavera, a cujos ósculos vivificantes reverdeciam os prados, marchetados de boninas e outras flores silvestres, porém admiráveis!

17 Conforme nota no *Almanaque de Lembranças Luso-brasileiro*, o texto foi escrito em Pelotas, no ano de 1890.

Transportada a esse éden sorridente, sentia renascer-me a vida, após bem longos tempos de insanos sofrimentos – iluminando-a o fulgor daqueles olhos límpidos e belos, feitos talvez – luminosa quimera! – de uma partícula do azul do céu!

Em torno a mim tudo ria, tudo exaltava de júbilo inefável! Só há verdadeiro êxtase no campo!

Doce saudade, porém, me despertava o melancólico Outono, que já tão longe se ia! Oh! O pálido Outono é para mim a fase predileta do ano!

Eu sofrera tanto, tanto que me tornara invulnerável à alegria por isso que, mesmo acariciada pela felicidade, transparecia sempre em meu semblante o mórbido reflexo de uma tristeza vaga!

Tarde, muito tarde, sorria-me a ventura!

A FELICIDADE¹⁸

É bela!

Tem os olhos cintilantes, a face alva, os cabelos de ouro!

Flutua-lhe sempre nos lábios nacarinos um sorriso doce, que mais atraente torna a sua formosura sublime, em cuja contemplação a nossa alma fascinada imerge-se em cismas suavíssimas, e, nas asas fantásticas do júbilo, vai voando, voando, pairar no recinto perfumoso do êxtase, sob a cadência de umas vibrações etéreas – as suas falas divinas!

Ah! que delícia ouvi-las!

Foi numa rósea tarde estival, por entre as opulentas galas da natureza em festa, que me apareceu essa diva peregrina – aerólito luminoso, que rápido evolou-se, deixando-me uma impressão veemente!

18 *Radical*, Pelotas, a. 1, n. 20, 18 de maio de 1890, p. 4. Trata-se de uma publicação póstuma.

E nunca mais a vi!

Em vão hei procurado a trânsfuga ingrata que me arrebatou, inexorável, as flores que vicejavam ridentes em meu seio – as minhas doiradas ilusões.

Lá se vai ela esquiva, em direção oposta à que sigo, anelando-a ardentissimamente.

Se eu pudesse alcançá-la!

Vamos, minha mocidade, ainda é tempo! “Só a esperança é natural e, portanto, boa; a desesperança é um estado violento.”

Aos clarões radiosos da crença, ergo-me do regaço sombrio da melancolia, e, entusiasta, amo a vida, amo o mundo e amo a glória! Vem-me então iluminar a mente uma ideia fagueira:

Uma casinha branca, no pendor da encantadora colina ... além, muito longe da cidade – o meu lúcido ideal! Aspirando as salutíferas fragrâncias campesinas, que me revigoram o organismo debilitado, sinto que me abandona a estupenda sensibilidade nervosa, que ameaça fulminar-me: às mágoas acérrimas sucede a inefável alegria que produz a paz do lar: sou ditosa!

Nada mais grata que a realização de um sonho querido.

Tem para mim inexprimível magia o lânguido chorar de um instrumento qualquer, vibrado no campo ... no campo que eu adoro, quebrando, altas horas da noite, o místico silêncio das selvas!

Não há ventura compatível com a que proporcionam as selvas, quando nos embebem a alma os eflúvios inebriantes do amor puro, apaixonado, amplamente correspondido!

Como é deliciosa a existência! ...

Mas ai! Súbito vejo à beira do meu caminho um cipreste esguio,
em torno ao qual esvoaça uma tribo de passares sinistros: ante esse
espetáculo tétrico, que me faz pensar na gelidez do sepulcro, volvo,
supersticiosa, às tenebras (sic) do luto!

E eu devera ser feliz! ...

QUIMERAS¹⁹ (PÓSTUMO)

Ia morrendo a tarde e com ela a minha derradeira ilusão!

– Ingrata! Arrebatando-me inexorável a mocidade, a alegria, a
esperança, deixou me no abandono ermo e saudoso!

Flutuando em trevas, cantei então!

Ah! Como são lúgubres as vozes de uma alma apaixonada, sob a
dolorosa impressão da desventura!

.....

Sinto fugir-me a vida, como da laranjeira vão fugindo as
amarelecidas folhas, levadas pelo vento outonal.

O bosque é quedo e o esguio cipreste tem um aspecto fúnebre,
que me impressiona infinitamente!

Tudo é tétrico e sombrio aqui!
Até os plúmeos menestrels emudeceram!

Sentirão eles o místico influxo da inquebrantável melancolia que
imperava nestes campos?!

Quem sabe!...

19 Publicação no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, 1894, p. 454-456, indicando o nome da autora seguido do ano de 1888.

Há mistérios que a inteligência humana é impotente para perscrutar, por isso que, ante essa impossibilidade, absorta, apenas contempla...

.....

Espraiando a vista pelas múltiplas colinas que circundam esta poética serra, recinto outrora de ameníssimas venturas, vem-me enlutar o pensamento uma viva recordação do passado, e, nos braços de atroz angústia, choro, choro muito!

Às vezes, quando a rósea esperança me acalentava inefavelmente, um pressentimento cruel pungia-me o coração, pressagiando ao meu primitivo e derradeiro amor fatal epílogo!

Essas sombras, porém, eram breves: dissipava-as a sinceridade refletida no teu bondoso e límpido olhar, à hora da suprema despedida!
– Lembras-te?

.....

Um mal terrível, incurável, me vai aniquilando lentamente...

Amanhã, aos ósculos da primavera, o bosque reverdecerá, a laranjeira revestir-se-á de folhas e flores, os pássaros cantarão dulias (sic) melodias, a natureza toda exultará, mas... ai! – eu serei morta!

Eu o pressinto!

Quero repousar além... entre os salgueirais, sob aquela formosa acácia, confidente de meus recônditos segredos!

Nenhuma flor – intérprete de saudade – colocarão no sepulcro da mísera, que, no mundo, não teve sequer um afeto!

.....

– Adeus! Tolhe-me os débeis membros o frio precursor das agonias letais!

– Sê feliz!

CONTO MEDIEVAL²⁰

Walda é bela como uma deusa do Olimpo.

O olhar – de suavíssima magia – reflete as cintilações fúlgidas da estrela, em noite límpida e merencória, quando a natureza parece repousar nos braços de místico silêncio!

Em pleno vigor de uma adolescência esplêndida, a deslizar sobre as flores viridentes do júbilo, há, no entanto, na sua fisionomia róseo-pálida um quê de impenetrável – filho talvez de mórbido cismar!

Antes que à terra osculem os primitivos lampejos matutinos, ergue-se ela do leito, para, embevecida, contemplar o desvanecer das trevas...

E, prendendo aos anelados cabelos qualquer flor singela, canta saudosa, uma canção – toda amor, toda ternura!

Baixa então um reflexo celeste, que aureola-lhe a fronte sonhadora!

É que no seio níveo e casto de virgem fora abrigar-se, de há muito, aquele sentimento inefável que – ah! – quantas vezes, diviniza a criatura humana!

.....

20 Publicado no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, 1895, p. 405-406, acompanhado nome da autora e da cidade (Pelotas), também sem referência de publicação anterior.

Cavalgava por entre os olmos seculares, que circundavam vetusto e solitário castelo, um jovem – alvo como o lírio aljofrado, de olhos cerúleos, cabeleira fulva – um sonho delicioso de miss gentil, nervosa...

O dúbio véu do crepúsculo vespertino vinha descendo...

Ouvia-se o trinar magoado de um pássaro, na quebrada do outeiro...

E o sol, que morria... e a brisa dolente, a suspirar na folhagem... e o murmúrio brando do ribeiro... tudo inebriava de infinito gozo a alma poética do louro viajor, que resolvera pernoitar no castelo abandonado.

Ali, ao luar opalescente, vibra a lânguida guitarra, modula umas trovas doces, etéreas, que vão ecoar no coração de Walda, que vagueava pelos campos flóridos.

Curiosa de conhecer o notívago trovador, corre a formosa adolescente a espreitá-lo, e, depois de contemplá-lo longo tempo, fascinada, sente que o ama, que jamais esquecerá-lo!

Oh! O amor é assim: brota à luz da primeira impressão!

Quando no dia seguinte rompeu a alvorada, já o jovem aventureiro havia partido para bem longe!

Mas – ai! – a sua rápida passagem pelas colinas de Harz deixou luminoso, inapagável vestígio!

E os tempos passaram e a filha das selvas continua a ser feliz, flutuando-lhe, porém, às vezes, nos angélicos lábios um sorriso triste: a recordação do moço louro!

IMPRESSÕES²¹

Vêm descendo as sombras. Ai de mim! Aproxima-se a hora pungente do afastar-me do recinto suavíssimo que me proporciona uma tribo de variadas flores – todo o enlevo, todo o amor de minha existência, vestida para sempre de crepes!

Há quem prefira a odorífera violeta às rosas, às magnólias, aos jasmims. Eu não! Amo todas as flores, por isso que as acho todas belas! Tanto adoro a esplêndida guanabara quanto a singela bonina dos prados.

Oh! Quantas vezes um coração apaixonado expande-se em júbilo inefável, consultando, supersticiosamente, o oráculo dos malmequeres silvestres! E como é doce a ilusão!

As crenças são a luz da alma!

Era no campo. Rompera esplendorosa a alvorada de um dia primaveril. Em graciosas espirais, adejava no espaço, pleno de aromas sutis, um par de ledas andorinhas, que viera fazer ninho no cimo de nossa casa, donde ouvia-se o lânguido chorar das cachoeiras e o místico ruído dos bosques.

Encaminhei-me para o jardim, na véspera despovoado de flores, e, súbito, ergo-me dos mórbidos letargos da melancolia: num formoso cravo branco, inesperadamente desabrochado, contemplei a imagem puríssima de alguém... alguém, por quem eu sentia estranha, mas deliciosa ternura! Colhi-o, e, depois de aspirar-lhe a fragrância e beijá-lo muitas vezes, coloquei-o entre as páginas cintilantes de um livro dileto, *Tristezas à beira-mar*, em que o conservo.

Desde então me impressionam os cravos brancos!

21 Publicado no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, 1896, p. 389-390, acompanhado nome da autora e da cidade (Pelotas), também sem referência de publicação anterior.

Mas aquela criatura suave, fantasia de minha imaginação entusiasta de adolescente, abandonou-me. Ingrata! Foi habitar talvez alguma estrela luminosa!

Entanto, sempre que revejo a pobre flor – murcha como as róseas crenças que me acalentaram outrora – agita-me o débil e nervoso organismo uma comoção bem amarga!

Oh! Essa pálida flor, que me fala à alma doentia, que me desperta tão profunda saudade, tem para mim, um poema divino!

AVENTURA FATAL²²

Debruçada ao peitoril da janela esguia de seu aposento, Alda, em extremo pálida, cisma, presa de lúgubre melancolia, vidente de sua próxima desdita.

Súbito ouvem-se os sons plangentes de um instrumento, nervosamente vibrado, que a impressiona infinito.

É que aqueles acordes significavam a aproximação de Álvaro, uma criatura idealmente formosa, que conquistando-lhe o coração, resolvera-se a segui-lo, sob a rósea esperança de, logo após a evasão do lar paterno, vincularem-nos os elos dourados do himeneu – luminosa alvorada de suprema felicidade para tão apaixonado amor!

– Álvaro, meu Álvaro, lúcido fanal da minha vida, encoraja-me! Quando descortinam-se-me as delícias há tão longo tempo aneladas, vacilo, sinto-me desfalecer!...

E aquele aventureiro audaz, fixando em Alda o olhar límpido e doce, alentou-a, e, protegidos das trevas noturnas, cavalgando magníficos ginetes, desapareceram os impetuosos amantes entre a

22 Publicado no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, 1897, p. 195-196, acompanhado nome da autora e da cidade (Pelotas), também sem referência de publicação anterior.

espessura do bosque, cujo mórbido silêncio de quando em quando era quebrado pelo cantar monótono de uma ave sinistra.

.....

No regaço de peregrino jardim, circundado de esquisitas trepadeiras, exhibe-se um painel tétrico, que a lua – lanterna aérea – ilumina: uma mulher exânime, com os marmóreos lábios entreabertos em um angélico sorriso, que dá-lhe o gesto suave de mártir divinizada.

É Alda que, crendo-se o ludíbrio do homem que, após raptá-la, renúncia desposá-la, ingeriu um veneno levantino, preferindo a morte física à moral.

As brisas, que perpassam, oscilando a coma florida dos jasmineiros perfumosos; o aspecto sombrio do céu, despovoado de estrelas; o místico ruído das selvas... tudo parece carpir o fenecer daquelas primaveras arrebatadas na insânia violenta do inexorável Simum da desventura.

REFLEXOS²³

Após longas noites de febril insônia, eu adormecera por fim, sob o influxo de um paliativo narcotizado; mas, a minha imaginação, em que adejava incessante uma lembrança do passado, continuara ativa, flutuando em róseos devaneios, nas paragens luminosas do éter.

É inefavelmente doce a sensação que nos embala a alma, quando a enlaçam os braços acariciadores de um sonho fagueiro!

O prazer é o ideal da mocidade!

Toda a criatura, por mal-aventurada que seja, experimenta uma vez, ao menos, na primavera da vida, místicos, inebriantes arroubamentos, à luz radiosa do júbilo!

23 Publicado no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, 1898, p. 215, acompanhado nome da autora e da cidade (Pelotas), também sem referência de publicação anterior.

Ainda que nuvens opacas obscureçam o céu da nossa existência, não nos devemos considerar bastardos da sorte: a felicidade terrena é quase tão efêmera como a ficção dos sonhos.

Lúcido meteoro – ela passa veloz, subsistindo-lhe apenas uma ideia vaga, que no-la lembrando, apresenta-a fictícia, como as visões de Ossian.

E quem não sonha na fase mais esplêndida da vida, em que o amor nos deslumbra com as suas fulgurações diamantinas?!

Não há amor sem ventura, como não há infância sem alegrias!

“Que grande cousa é ser amado! Mas quão maior ainda é amar! Amai. Uma sombria transfiguração estrelada acompanha este suplicio. Há êxtases na agonia”²⁴.

FRASES AÉREAS²⁵

Oh! Nem o tempo, nem a nossa longa ausência, que parecia infinita, nem a tua repulsão inexorável... nada conseguiu sequer atenuar a imensidade deste sentimento etéreo, que me agita a alma, impulsionando-a para ti – criatura adorada!

A tua imagem formosíssima, refletindo-se nas páginas mais tocantes de minha lúgubre história, acelera as emoções veementes que, sob o mágico influxo do teu olhar límpido e belo, impeliram-me a amar, a amar, como só se pode amar uma vez na vida!

Ai! Foi o aspirar ardentíssimo de uma felicidade inacessível que me precipitou no caos dos desenganos letais!

24 Conforme indicado na publicação, trecho está entre aspas, o que indica tratar-se de uma citação, embora não se indique a sua autoria.

25 Publicado no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, 1900, p. 187-188, acompanhado nome da autora, da cidade (Pelotas) e do ano 1890, também sem referência de publicação anterior.

Só, no recinto mórbido do ermo, onde os lampejos opalinos do luar vinham esbater-se, tristonhos, envolta no manto da angústia, presa de anseios loucos, de sofrimentos inenarráveis, eu recordava saudosa o meu passado luminoso, o vicejar dos róseos devaneios de minha fantasia entusiasta, quando me descortinava o futuro um éden de delícias suavíssimas!...

Foi então que surgiste, belo e cintilante, erguendo-me das trevas: iluminava-te o semblante atraente um sorriso doce, um desses sorrisos divinos que elevam a alma ao regaço perfumoso do êxtase!

Ah! Eu devera à luz deste amor imenso e apaixonadamente puro, dizer, dizer-te... que és tu a visão áurea dos meus sonhos, o lúcido fanal do meu destino!

Mas, meus lábios, trêmulos de júbilo, emudeceram!

Vi-te, senti-te bem junto de mim, após tantos anos de atroz separação – quis falar-te e não pude!

Não importa!

Fixa-me compassivo o teu fulgurante olhar e, feliz como quem nunca teve mágoas, exultarei na ebbriez inefável da ventura!



ANDRADINA AMÉRICA ANDRADE DE OLIVEIRA

SALETE ROSA PEZZI DOS SANTOS

Escritora oitocentista sul-rio-grandense, Andradina América Andrade de Oliveira nasceu em Porto Alegre, em 12 de junho de 1864 e faleceu em São Paulo, em 19 de junho de 1935. Formou-se no magistério, área em que atuou por alguns anos, além de dedicar-se à literatura e ao jornalismo, sendo conferencista, biógrafa, teatróloga, poeta, contista, romancista, e, muito cedo, sua escrita já vinha a público, marcando o universo das letras com uma produção de valor.

Sua trajetória é assinalada por relevante ação no cenário sociocultural, ultrapassando as fronteiras da Província por seu comprometimento com a luta por direitos humanos, por uma educação renovada, pela defesa da emancipação feminina mediante o acesso à educação e ao trabalho. Os títulos de muitos de seus textos asseveram sua constante preocupação com essas questões, evidenciando-se como notável representante do feminismo do Rio Grande do Sul do *fin de siècle*.

Outra importante realização de Andradina de Oliveira refere-se à fundação do jornal *Escrínio*, em 1898, na cidade de Bagé (RS), sendo editado, posteriormente, também em Santa Maria e Porto Alegre. Desde o editorial do primeiro número, a autora enfatiza a importância de as mulheres terem um espaço para colocarem à mostra “sua cultivada

inteligência”, além de, em diferentes momentos, publicar notícias sobre as conquistas alcançadas por mulheres no país e no mundo.

Andradina de Oliveira também colaborou em diversos jornais/revistas com sua criação intelectual, constituindo-se em genuína expressão cultural. Dentre os vários periódicos de que participou, é importante destacar *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (Lisboa), *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira (São Paulo) e o *Jornal do Comércio* (Porto Alegre).

A obra da autora é vasta, abrangendo diferentes formas de linguagem, como conferências, artigos, biografias, teatro, poesia, contos, crônicas, literatura infantil, romances. A seleção textual presente nas páginas seguintes destaca alguns desses gêneros de sua produção, cujas especificações, como fontes de pesquisa e comentários, constarão das notas de rodapé.

Por seu relevante legado intelectual, justifica-se que Andradina América Andrade de Oliveira tenha seu nome legitimado no âmbito das letras e inserido na História da Literatura Brasileira.

ANTOLOGIA

À BEIRA DO GUAÍBA¹

Por trás do cerro a lua, no levante,
vem derramando a doce claridade.
A brisa à flor oscula com saudade...
Rola na praia a onda soluçante.

Do rio, sobre a planura palpitante
que espelha a formosíssima cidade,
um batel, com sutil serenidade,
desliza qual gaivota doudejante.

1 OLIVEIRA, A. Fonte: TACQUES, A. F. *Perfis de musas, poetas e prosadores brasileiros*: antologia de escritores brasileiros e estrangeiros. Porto Alegre: Thurmman, 1956, v. 1, p. 704.

O lindo quadro eu vejo enternecida...
Do viver de ilusões então descrida
minh'alma toda em dores se desata.

E do batel que passa lento e lento
escuto, como ACORDE ao meu tormento,
o som da ÁRIA FINAL DA TRAVIATA...

À HORA DO CREPÚSCULO²

Quando a noite desprende o negro manto
Sobre a terra que engolfa-se em tristeza,
Eu sozinha contemplo a natureza,
Sentindo deslizar na face o pranto.

Alguma ave amorosa solta o canto
E volve ao doce ninho com tristeza,
Onde os filhos, em toda a gentileza,
A prendem com amor ardente e santo.

Minh'alma, palpitante de saudade
Recorda-se na triste soledade,
D'alguém que passou rápido na vida...

Imersa em afitivo sentimento,
Sobe ao trono de Deus meu pensamento
E julga contemplar-te, ó mãe querida!...

2 OLIVEIRA, A. Fonte: *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, ano 1900, p. 238, CD, p. 279. In: CHAVES, V. P. (Org.). *O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Porto Alegre: Gradiva, 2014.

D. IBRANTINA CARDONA³

Nome vibrante, cheio, simpático, que mais parece um pseudônimo, é o de uma inspirada poetisa, de uma ilustre brasileira. Ilustre pelo seu formoso talento, pelos seus dotes morais, pela sua culta educação.

Ibrantina Cardona é rio-grandense. É filha da terra dos pampas e do minuano bravio, da terra que deu Revocata de Melo, Julieta Monteiro, Maria Benedita de Bormann, belos talentos que honram sobremodo o nosso querido torrão.

Ibrantina nasceu na encantadora cidade de Porto Alegre: abriu os lindos olhos à luz daquele céu sempre límpido, sempre azul, sempre belo.

A ilustrada brasileira descende de uma raça cruzada. Seu pai era mineiro e sua mãe francesa: aquele, o Dr. Tomás de Oliveira, um homem de bastante ilustração; e esta, uma senhora inteligentíssima, formosa, que morreu em plena mocidade.

Portadora do precioso dom da simpatia, D. Ibrantina Cardona cativa, à primeira vista, pela fidalguia do seu porte, pela beleza do seu rosto juvenil, pelo trato ameno. Os olhos grandes, castanhos, aveludados, são de infinita doçura; a cabeça artística é farta de cabelos sedosos, escuros; a face, morena e cetinosa; a boca, uma lindíssima flor de coral e pérolas.

Eis palidamente os traços fisionômicos da ilustre rio-grandense.

Quanto ao seu fundo moral é uma impressionista, muito contemplativa, muito sentimental.

De gênio alegre, expansivo com as suas relações íntimas, é, a sós consigo, retraída, uma adorável cismadora.

Tem momentos de *spleen* e às vezes é pessimista, mas estes momentos são rápidos: têm a duração duma nuvem ligeira a desfazer-se num firmamento azul.

Sim, porque no esplendor da beleza, na exuberância da mocidade, a alma cheia de crenças, de sonhos, de esperanças, cercada do apreço de uma sociedade inteira, adorada com fanatismo por um esposo jovem e inteligente, com um nome em letras fulguroso e belo, animada pelo

3 OLIVEIRA, A. Texto em homenagem à D. Ibrantina Cardona (1868-1946). Fonte: *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, ano 1901, p. 273-276, CD, p. 197-198. (CHAVES, Op. cit., 2014).

aplauso público e pelas ovações da imprensa, feliz finalmente, Ibrantina não pode ser pessimista.

É certamente a nostálgica melancolia da extremosa mãe que punge-lhe a sonhadora alma e a faz pensativa.

Os estudos da gentil poetisa são todos de gabinete. Foram seus mestres: seu pai, o Dr. Tomás de Oliveira; Gustavo Richard (hoje senador); Léon Lapazene (filólogo); Araújo Ximenes Pitada (matemático); Sílvio Pellico; João Ramos; Cristóvão Freire e Horácio Nunes, distinto escritor e atual Diretor Geral da Instrução Pública do Estado de Santa Catarina.

Aos dezesseis anos, Ibrantina vibrou a lira de ouro e a sua ardente imaginação desferiu os primeiros voos. Em 1888, estreou a linda rio-grandense, no delicado jornal literário *Crespúsculo*, que se publicava na cidade de Florianópolis, revelando-se, desde logo, um temperamento genuinamente artístico e firmando os seus créditos de poetisa.

Foi também assídua colaboradora do *Jornal do Comércio* [e] da *Palavra*, revista literária, que viam a luz da publicidade naquela capital.

Em Minas Gerais colaborou, por muito tempo, nas folhas [de] *O Garimpeiro*, *A Marcha*, *Comércio de Uberaba*; *A Plateia*; e, em Campinas onde presentemente reside, na *Cidade* e [no] *Diário de Campinas*.

Em fins do ano passado, a ilustre rio-grandense publicou o seu primeiro livro de versos: *Plectros*. A auspiciosa estreia veio logo colocá-la a par de Francisca Júlia da Silva, Zalina Rolim, Narcisa Amália, Julieta Monteiro e outras já sagradas no batismo das letras. A imprensa brasileira recebeu fidalgamente o mimoso livro.

Em Paris, a *Révue du Brésil* estampou o retrato da jovem poetisa e fez do seu belo trabalho uma esplêndida apreciação. A *América Ilustrada*, uma excelente revista que se publica em São Paulo, sob a direção do talentoso idealista Rafael Gondry, rendeu sincero preito de admiração à poetisa, adornando a página inicial do primeiro número do ano IV com o seu retrato e transcrevendo o longo prefácio com que abre os *Plectros*, o ilustre poeta rio-grandense, o lírico adorável, Carlos Ferreira.

A *Voz Pública*, do Porto, trouxe, em um dos seus bem cuidados números, um bonito juízo sobre a coleção de versos da nossa patrícia, juízo de que ela deve intimamente orgulhar-se, pois é de Bruno (José

Pereira Sampaio), considerado hoje o primeiro crítico literário da pátria de Camões, de Guerra Junqueiro e João de Deus.

O que direi eu do livro?

Não posso fazer a sua crítica: as minhas insignificantes habilitações não permitem que me abalance a tão difícil tarefa. Direi, simplesmente, que aquelas duzentas e poucas páginas, que formam o belíssimo livro *Plectros*, impressionaram-me agradavelmente.

Ibrantina é uma poetisa de coração. Canta o Amor, a Saudade, a Gratidão, todos estes nobres sentimentos que se aninham num coração moço, ardoroso e puro! Das suas poesias líricas encantam as seguintes: “No chalet”, “Violetas”, “Partida” e outras.

“Primavera” é um adorável soneto! “*Recuerdo*”, uma página íntima de impressionante sentimentalidade, que nos confrange a alma numa doce volúpia de saudade amarga... até o pranto...

Em conclusão: *Plectros* é um formosíssimo livro.

Ibrantina tem ante si uma estrada juncada de louros; percorra-a desassombradamente, que no céu da Poesia o seu nome terá o brilho de uma estrela de primeira grandeza!

O ARMADOR⁴

(À Julia L. de Almeida e Adelina L. Vieira)

Pernas curtas, obeso, cabeça em adiantada calvície, olhos de raposa, nariz adunco, rir hipócrita, o armador passeava pela sua loja, contemplando com enlevo os caixões mortuários, as coroas fúnebres, os galões prateados, dourados, largos e estreitos.

Naquele passeio ele fazia o quilo: jantara otimamente. Na véspera enterrara-se um forte capitalista. A família fizera um enterro pomposo, digno do morto, como prova da muita gratidão, da muita amizade que tributava àquele que consumira a existência toda, em lutas, para legar-lhe um nome honrado e mais do que isto uma grande fortuna.

4 OLIVEIRA, A. Fonte: *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira, diretora Presciliana D. de Almeida. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Secretaria do Estado da Cultura: São Paulo, 1987, p. 328-333. A narrativa “O Armador” compõe a obra de contos *Preludiando*, Rio Grande, RS, 1897, 170 p.

Na sua loja prontificara-se o caixão – uma obra de luxo e de preço. Havia auferido extraordinário ganho! Defuntos como aquele nem sempre apareciam. Em geral eram pobres diabos que se iam desta para a melhor, deixando herdeiros ainda mais pobres do que eles!

E depois, caixões de dez, vinte, trinta mil réis... ao passo que o do capitalista quatrocentos mil réis! E que imponente essa armada! E que de coroas! O caixão ficara inteiramente coberto. Só ele vendera cinquenta: umas de amores perfeitos de veludo roxo, outras de violetas de cetim, outras de saudades com espigas douradas e todas com as mais expressivas dedicatórias, em letras impressas em custosas fitas de gorgurão roxo franjadas de ouro.

E continuava no seu passeio, saboreando um puro havana.

E de repente parou: ouvira um dobre. Um raio de alegria inundou aquele rosto antipático, de ave de rapina.

– Quem morreria? – e pressuroso tomou as folhas diárias. Com sofreguidão incrível percorreu-as todas, de ponta a ponta: nada!

Com certeza não passa de peste: cá não lhe está o nome... Mas quem sabe se não reparei bem. E dispunha-se a procurar de novo, quando alguém veio interrompê-lo.

Era um moço de trinta a trinta e cinco anos, porte distinto, fisionomia simpática, olhar doce, profundamente triste, pisado.

No semblante pálido e abatido, via-se ainda vestígios de lágrimas recentes.

– Pode aprontar-me um caixão para uma criança de três anos?

– Pois não.

– Pobre filhinha: exclamou o moço e o pranto embargou-lhe a voz.

Sentou-se prorrompendo num soluço pungentíssimo.

E o armador, insensível, não respeitando o desafogo daquela dor tão sincera, foi inquirindo com a costumada amabilidade:

– Como quer o caixão? De cetineta, de linho e seda, de cetim, de gorgurão ou de veludo?

O pobre moço continuava a soluçar: alheio a tudo engolfara-se na sua dilacerante agonia...

E o armador que era da opinião de que – pela carruagem se vê quem vem dentro – começou a passar pelo freguês um demorado olhar

de revista: esplêndida corrente do relógio, o rico anel de brilhante, cuja pedra era maior do que um grão de milho, foram uma centelha de puro contentamento para o fúnebre negociante.

E ele foi lá dizendo consigo: – Não é mau negócio não! – E adotando a voz:

– Meu amigo, console-se. É o caminho de nós todos. E depois foi em tão boa idade... Felizes os que morrem na infância! exclamou ele com um suspiro fingido.

E querendo rematar o negócio:

– É preciso dizer-me como quer o caixão, para mandar prepará-lo quanto antes, pois os dias são muito pequenos no inverno.

E pensando explorar com aquela dor paterna:

– Era a única filha?

– Sim! Única filha! Uma galante menina, viva, inteligente, o ídolo de toda a família!...

E desatou novamente a soluçar.

O armador meditava:

Todos os filhos, quando morrem, são vivos, são inteligentes e o encanto do lar. Mas também ainda não vi defunto ruim. A morte tem isto de bom: empresta qualidades a quem em vida não passava de pobre diabo.

Ansioso por terminar aquela cena que, já não o impressionava, pela repetição quase que diria:

– Meu amigo, tenha coragem: seja homem! Agora o que lhe resta fazer é tributar à mortinha os últimos cuidados.

Dando o *médio* uma pancadinha seca na cabeça, chata, egoísta, *cacoete* que tinha como sinal de grande impaciência, rematou:

– É justo fazer um enterro rico: é a última prova de afeto que o Sr. dá à sua galante filhinha.

O pobre pai ergueu os olhos úmidos de pranto e fitou-os no armador: este tinha a mesma fisionomia, o rir hipócrita, o olhar egoísta, frio, como os cadáveres que amortalhava.

– O Sr. tem família? - perguntou-lhe o moço.

– Sim, Sr.

– Nunca perdeu filhos? – continuou amargamente.

– Só tenho uma filha, e esta graças a Deus, goza a melhor saúde.

– A minha também gozava a melhor saúde, meu amigo! – repetiu ironicamente o desventurado pai.

O armador estremeceu como se fosse tocado por uma pilha de *Volta*.

– O Sr. não conhece a dor de perder um filho: pode considerar-se feliz!

E enxugando as lágrimas teimosas:

– Vamos tratar do enterro.

– Às suas ordens.

O armador, sentia-se, a seu pesar, contrafeito.

– Quero um caixão rico: está aqui a medida.

– De veludo ou de gorgurão?

Do melhor e do mais rico, do mais caro: não olho preço. E quero que vá vesti-la; desejo essa armada; muitas coroas; muitos carros. O enterro é às quatro, são nove, há tempo.

E deixando sobre o mármore do mostrador um cartão *porcelana*, retirou-se sem mesmo sequer olhar para o agoureiro negociante.

Ao tomar o cartão os lábios do armador distenderam-se num riso de íntima satisfação, pondo à mostra duas filas de dentes, pontiagudos, enormes: a firma era a de um representante de bonita fortuna.

Mas estava mesmo em maré de felicidade!

Na véspera, um capitalista: hoje, a filha de um ricoço e... amanhã?

Neste momento passava arrastando-se o comendador Araújo, octogenário, baixote, de uma gordura disforme, com as longas barbas patriarcais, por sobre o abdômen monstruoso, descomunal.

Ah! quem me dera que, amanhã, espichasse o mulambo, velho besta! Não sei que faz ainda por cá esta pipa de carne...

E alegre, cantarolando, com voz fanhosa, um pedaço da *Gran-Via*, lá se foi dar as providências para a filha do negociante Junqueira.

Às duas horas da tarde o caixão estava pronto: magnífico caixão de veludo branco, com rosas douradas, galões largos, ricos; alças esplêndidas; todo forrado de gorgurão azul claro; travesseirinho de paina de cetim floreado da mesma cor. Um dinheirão!

O armador lá estava, em casa do negociante Junqueira, metido numa sobrecasaca preta que lhe dava semelhanças com um enorme morcego, e afetando um ar compungido, de gato pingado.

A casa estava cheia.

O Sr. Junqueira tinha um crescido número de amigos – amigos que lhe faziam sempre amável companhia ao almoço ou ao jantar.

E depois era cavalheiro distintíssimo e... rico.

A esposa uma adorável moça da primeira sociedade. E debatia-se, a pobre! nos braços das amigas, em horríveis ataques histéricos. Fricções de pura *Colônia*, água de *Fleurs de l'orange*, de *Milicias*, *vinagre*, *éter sulfúrico*, sinapismos e... nada! Os seus gritos dilacerantes cortavam o coração das sinceras amigas que, aflitas, choravam, testemunhando assim o profundo pesar que experimentavam pelo tremendo golpe que a feria tão duramente!

E o desventurado pai, junto à filha amortalhada, soluçava desesperadamente, surdo às consolações banais dos amigos.

Separar-se-ia somente da sua filhinha, quando o coveiro lhe lançasse a última pá de terra, dizia o infeliz na convulsão dos soluços.

E cobria de beijos o rostinho gelado da mimosa criança que parecia dormir sorrindo: tal era a gentileza daquelas feiçõeszinhas, que dir-se-ia mentira! que a morte as tivesse roçado o seu lábio visguento e imundo...

Pela casa do negociante Junqueira ia uma azáfama indescritível. O salão regurgitava de senhoras e cavalheiros. Pelo chão, esparsos retalhos de cetim, de fitas, de rendas, lantejoulas, galões, flores, cartas de alfinetes, papéis de agulhas, carretéis de linha, tesouras... um horror! Enorme profusão de grinaldas naturais de cravos brancos, de rosas brancas, de saudades brancas, escondiam o divã e as poltronas de veludo verde-mar. Um mundo de coroas artificiais, esplêndidas! com largas e compridas fitas claras sobre uma grande mesa trazida de propósito para a sala.

À frente do palacete, suntuosíssimo, de moderna arquitetura, com ricas escadas de mármore, estendia-se uma longa fila de carros antecedendo a carruagem funérea, riquíssima, imponente.

Naquele lufa-lufa, só uma única pessoa conservava sangue frio: era o armador!

E sentia-se tão bem! Se era daquilo que ele vivia! Espécie de antropófago, exultava com a vista de um cadáver!

E não se fartava de elogiar a criancinha, cuja beleza fizera realçar com aquela mortalha, feita com todo o capricho, com toda a perfeição.

E assim ia se inculcando. Como quem dissesse: – Olhem, quando precisarem de uma mortalha bem feita, bonita, elegante, lembrem-se de mim: o meu trabalho como estão vendo não deixa nada a desejar.

Chegou o momento doloroso, supremo: a hora de sair o enterro.

Não há penas que possam traduzir o desespero de uma mãe, abraçando um filho pela última vez...

Todas as pessoas presentes achavam-se fortemente emocionadas, ante aquela cena velha sim, mas, sempre pungentíssima, amarga, terrível...

Só o armador conservava-se impassível, intimamente satisfeito: pois se ganhara um conto de réis.

Ao voltar do enterro o nojento negociante estranhou a casa erma, silenciosa.

Procurou a esposa e foi encontrá-la aflita, debruçada sobre o leito da filhinha – um mimo feito de neve, olhos cor do céu, cabelos cor do sol.

Aquele coração empedernido que, até então, só a sede do ganho fizera palpitar, sobressaltou-se de uma forma incrível.

A imagem da criancinha que amortalhara, veio-lhe à mente, naquele instante, com as palavras do amargurado pai, quando tratava do enterro da estremecida filha “A minha também gozava a melhor saúde...”

Tremendo todo, pôs a mão chata, grosseira, sobre a fronte da linda criança, que se agitava desesperadamente, soltando gritos agudos: queimava!

Mandou imediatamente vir um médico.

Daí a minutos, entrava um clínico de fama que examinou detidamente a criancinha, declarando achar-se ela com *meningite* de caráter fatal.

O armador, louco de desespero, arrancava os poucos cabelos que lhe restavam.

Amava estremecidamente a filhinha!

Ela era uma criança interessantíssima!

Que imenso prazer experimentava, quando a via brincar, na sua loja, numa tagarelice sem fim, com os retalhos de veludo e pedaços de galões dos caixões que fazia!

Ainda na véspera, ela vendo o caixãozinho que ele preparara para a filha do negociante Junqueira, exclamara, batendo as palminhas: “Que bonitinho, papai! Quando eu morrer tu me fazes um assim?...”

E passava as suas mãozinhas muito pequeninas, pela tampa do rico caixão de veludo branco.

O armador rira-se contrafeito da lembrança da pequenita, mas era amicíssimo da Sra. Morte, tranquilizou-se, pensando que ela não lhe havia de bater, tão cedo, à porta.

E no entanto a sua idolatrada filha agonizava...

Quatro médicos cercavam o leito do pobre anjo que, com as facesinhas rubras de febre e o olhar azul faiscante, a loira cabeleira inundada de suor, estendia os bracinhos ao pai, bradando-lhe em delírio intenso:

– Papai, eu quero um caixãozinho, como aquele que tu fizeste ontem!

Só então é que o armador compreendeu o desespero do negociante Junqueira e pensou enlouquecer de dor...

Acercou-se do leito, ajoelhou-se debilhado em lágrimas.

A esposa não tivera ânimo de ver morrer a mimosa filha: fugira alucinada.

O armador tomou a mãozinha branca, já inteiriçada e úmida da morte, que a criancinha lhe abandonou e cobriu-a de beijos e lágrimas. E o loiro anjinho olhando-o, com o seu olhar amoroso, já vítreo e muito triste murmurou-lhe num longo e doloroso arquejar: – Pa... pai... zi... nho me... faz... um... cai... xão... zi... nho...

Expirara.

O armador ergueu-se calmo, desta calma terrível que é a mais eloquente manifestação das grandes dores:

– Farei, filha, o teu caixão, mas será o último!

.....

Daí a três dias o armador vendia sua loja.

CONTO DE FADAS⁵

Havia um príncipe tão lindo que todas as mulheres morriam por ele. Era poeta.

Um dia perdeu-se à caça e adormeceu junto de uma rocha, à beira-mar.

Ao despertar, três fadas brancas como o luar contemplavam-no apaixonadamente.

– Amo-te” dizia uma, de olhos verdes como duas bagas do Adriático, muito lânguida... muito lânguida...

Adoro-te! Acudia outra, de olhos azuis como duas safiras, muito terna... muito terna...

– Sou tua! exclamou a última, de olhos brilhantes como dois Sirius, muito ardente... muito ardente.

– Aquela que responder à minha pergunta terá meu amor!

– Fala, príncipe dos príncipes!

– Fala, Adônis dos Adônis!

– Fala, poeta dos poetas!

– Que cousa há mais sublime na terra?

– O amor! disse a primeira fada.

– A glória! disse a segunda.

– A dor! disse a terceira.

O príncipe estendeu a sua mão alva, macia, linda, em que brilhava um grande topázio, à terceira, a de olhos cintilantes como dois Sirius:

– Sou teu!...

DEFESA DA MULHER⁶

A mulher, em geral, quer como filha, quer como irmã, esposa e mãe, é sempre um ente bom, amante, terno, delicado.

5 OLIVEIRA, A. Fonte: OLIVEIRA, A. Fonte: *A Mensageira* (Op. cit., p. 344-345). Sobre este conto, que também integra a obra *Preludiando* (1897), Damasceno Vieira (1853–1910) afirma: “Cremos que o nosso Coelho Neto ou o próprio Catulle Mendès [...] não desdenharia considerar seu este delicado *bijou*.” (*A Mensageira*, op. cit., p. 345).

6 OLIVEIRA, A. Fonte: *A Mensageira* (Op. cit). Damasceno Viera também informa sobre Andradina que ela publicara uma série de artigos no *Jornal do Comércio*, de Porto Alegre, intitulados *Defesa da Mulher*. Segundo o escritor, em certa ocasião, quando alguém criticou a “volubilidade” da mulher, Andradina “sai a campo” em sua defesa com veemência. Um dos artigos finalizava com o excerto acima. Fonte: *A Mensageira* (Op. cit, p. 342-343).

Filha, ela sabe amparar docemente os autores de sua existência, prodigalizando-lhes ternas carícias que suavizam-lhes as agruras e decepções da vida.

Irmã, tem todos os inefáveis segredos de ternura e de meiguice para o adorado companheiro de seus infantis brinquedos.

Esposa, mentem-se firme, honesta, devotada ao amor dos filhos e do esposo, que muitas vezes abandona o lar para atirar-se à ebbriez dos fementidos beijos, dos venais e efêmeros gozos.

Mãe, finalmente, a mulher é o elo divino que prende a humanidade a Deus.

Que há de mais tocante, de mais sublime, que este ente que adormece no regaço, à harmonia de beijos e carícias, a loira criança que amanhã, homem, embebe no fel da ingratidão, a pena para muitas vezes macular-lhe o verdadeiro prestígio, esquecendo-se de que bebeu a vida em seu casto seio, que deu os primeiros passos seguro à sua abençoada mão e que aprendeu de seus puríssimos lábios a balbuciar a “mais sublime palavra que podem pronunciar lábios humanos – Deus?”

JORNAL *ESCRÍNIO* (EDITORIAL⁷ DO PRIMEIRO NÚMERO):

Fundado por uma filha desta encantadora terra, por fervorosa defensora do seu sexo, o *Escrínio* surge, também, como um incitamento à mulher rio-grandense, convidando-a a romper o denso casulo da obscuridade, e vir à tona do jornalismo trazer as pérolas da sua cultivada inteligência. A mulher deve ser instruída, deve ser educada para melhor cumprir a sua divina missão na terra – ser mãe. [...] Deixemos falar os espíritos retrógrados! Deixemos falar os ignorantes que proclamam a decantada trilogia da mulher – filha, esposa e mãe. Dizem eles: a mulher é só e deve ser isto e para isto, basta-lhe saber lavar e cozinhar. (ESCRÍNIO, ano 1, n. 1, 2 jan. 1898, p. 1).

7 OLIVEIRA, A. (Excertos). Fonte: GAUTÉRIO, R. C. H. *Escrínio, Andradina de Oliveira e sociedade(s): entrelaços de um legado feminista*. 2015. Tese Doutorado – UFSC, CCE, Programa de Pós-Graduação em Literatura. Florianópolis, SC, p. 150 e p. 189.

NOTAS⁸ NO *ESCRÍNIO*

Alice Macffer foi a primeira doutora rio-grandense formada pela faculdade de medicina de Porto Alegre. (*ESCRÍNIO*, ano X, n. 4, 09 out. 1908, p. 40).

O magistério público é quase todo exercido no Rio Grande do Sul por mulheres. (*ESCRÍNIO*, ano X, n. 4, 09 out. 1908, p. 53).

A mais antiga das professoras particulares do Rio Grande do Sul é a venerada velhinha D. Emília Ribeiro que com quase 89 anos, ainda leciona caligrafia no colégio Cecília Pasquier. (*ESCRÍNIO*, ano X, n. 4, 09 out. 1908, p. 53).

A legislação japonesa confere à mulher, para todos os efeitos, capacidade jurídica. Ela pode comprar, vender, trocar, ser empregada pública ou comercial, ter casa e propriedade em seu nome. (*ESCRÍNIO*, ano X, n. 2, 23 set. 1909, p. 18).

Uma lei japonesa de 1899 confere às mulheres a faculdade de eleitoras e elegíveis, permitindo-lhes desta sorte, não só interessarem-se pelos assuntos nacionais, mas até discutir e influir neles. (*ESCRÍNIO*, ano X, n. 2, 23 set. 1909, p. 18).

O jornalismo está brilhantemente representado no Japão por mulheres eruditas. (*ESCRÍNIO*, ano X, n. 2, 23 set. 1909, p. 19).

Sairão este ano da faculdade de Agronomia de Buenos Aires, diplomadas com o título de engenheiros agrônomos, as senhoritas Célia Silva Lynch e Amália Vicentini. Comentando a notícia diz *La Verdad*, importante revista portenha: “assim se inicia um novo rumo para as atividades femininas na mais nobre das carreiras, a que nos ensina a fazer produzir a mãe terra. Amanhã o espírito intuitivo da mulher fará da terra um paraíso. (*ESCRÍNIO*, ano X, n. 5, 16 out. 1909, p. 59).

8 Sem hesitar, Andradina dedicava espaços em seu periódico para a divulgação do movimento feminista que buscava consolidar-se no país, editando notas em que difundia os sucessos alcançados por mulheres no Brasil e em outros países. Fonte: (Op. cit., p. 174.).

ÚLTIMA NOITE DE OUTONO⁹

(Página escrita junto ao leito do meu idolatrado
filho, na noite de 20 de junho de 1906)

Última noite de outono!

Semelha a tampa abobadalmente negra de um esquiife imensurável, o céu. O vento... uiva... qual fera hedionda, que se apoderasse da hediondez de todas as feras e da loucura de todos os loucos! E passa vergastando, paroxismos de raiva, as pacíficas árvores, que, em súplicas inconcebíveis, mudas e trágicas, no zênite do padecer para as alturas atiram os braços revoltos, retesados, retorcidos... Há dor na fúria do vento... há dor no estraçalhamento dos frangalhos das vestes vegetais!...

Última noite de outono!

Troveja... troveja... troveja... o trovão faz medo... incute pavor... Como não, se ele é o tremendo brado, tragicamente agônico, da infinita cólera universal! Se ele é a síntese solene dos ódios todos rugidos, titanicamente, nas almas de luz emparedadas nos mundos da relva!... As suas intermitências são assombrosas, instantes augustos em que ele se contrai satanicamente... Mas depois, num arranco medonho, colossal, de bilhões e bilhões de Hércules, explode sublime!...

Última noite de outono!

A orquestração da tempestade é cada vez mais lúgubre, assombradamente lúgubre...

Alguém passa gemendo sob o peso da água... Vai encharcado... Que frio! que frio... que frio!

E neste silêncio horrído e cruciante... e nessa noite de vigília atroz... vigília que vem vindo de quase três centenas de noites... noites de uma longa despedaçadora, onde o meu coração de mãe vai se desfazendo em lágrimas... como em sangue vão se desmanchando os pulmões dele... do filho infinitamente amado... neste silêncio medonhamente dolorido... e nessa vigília medonhamente trágica...

9 OLIVEIRA, A. Essa narrativa compõe a obra da autora *Cruz de pérolas*, publicada pela Americana, Porto Alegre, 1908. Em “Última noite de outono”, é possível entrever a emoção, a dor pela perda do filho Adalberon de Oliveira, que faleceu vencido pela tuberculose. Fonte: SCHMIDT, R. T. Andradina América Andrade de Oliveira. In: MUZART, Z. L. (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. v. II. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004, p. 842-843.

em que ele... o pobrezinho repousa... a minha cabeça, em febre, pensa ainda nos outros desgraçados!...

Quantos Cristos, meu Deus! sem cruz por esse mundo a fora!... Oh! que frio não sentirão os míseros velhinhos sem o calor santo e suave dos lares!... eles tão fracos... tão encarquilhados... lábios murchos como flores secas... neve nos cabelos... nas almas cemitérios... Oh! como há de judiá-los o inverno!... o inverno, este monstro, que me pode roubar o filho amado!...

Que tristeza apavorante... agora... pelos manicômios – necrópoles de almas, sem o gemente farfalhar das casuarinas, mas com uivos de dor enfiados pelo desolamento tétrico dos longos corredores!...

Que trevoso repousar o dos infelizes atirados para as agruras dos cárceres! Mortos vivos, a invocarem a morte com horror à vida!... Vida sem liberdade, talvez menos horrenda a prisão da morte!...

Dão lástimas tantos... tantos... tantos desgraçados... Que cotejo longuíssimo vejo! não acaba mais de passar!... onde o começo?... onde o fim?...

Mais sofrer, sim! mais do que naqueles que, em liberdade, esmolam o pão de cada dia, arrastando pelas ruas os farrapos vestidos e os frangalhos da saúde!... Mais sofre, sim! Mais do que naqueles que vão expirar nos leitos dos hospitais... entre as preces das irmãs – as santas missionárias do sofrimento!...

E a desgraça não para... não para... Inúmeros os que nem leitos para morrer têm! nem mesmo uma enxerga... e nem teto humílimo... e nem sequer um fragmento de agasalho!...

Enquanto, ao desamparo, morrem, por esse mundo a fora, centenas de criaturas de Deus, há muita gente má, egoísta, ingrata, que se julga feliz, e dorme descuidado na carícia dos leitos fofos... fronteiras sonhando na maciez das almofadas rendadas, em meio aos perfumes... aos arminhos... aos brocatéis... às sedas... aos gozos...

Mas vem, num dia, para essa parte feliz da triste humanidade, esquecida da morte e olvidosa da dor, o castigo de seu egoísmo feroz, desapiedado! E ela cai, fatalmente, nas garras crudelíssimas do negro abutre – o infortúnio!...

O castigo... como há de tê-lo?... como?...

Ele é a partilha dos homens – é a dor!

Última noite de outono!

DUAS PALAVRAS¹⁰

Escrito de um só fôlego, começado a 13 de maio e terminado a 13 de junho, foi este romance, o primeiro que publico, dado em suplemento no “Escrínio” desde setembro, o que retardou seu definitivo aparecimento.

Acúmulo de trabalhos, viagens, mudança de revisores, um ou outro descuido involuntário do tipógrafo em rever as emendas feitas, tudo deu margem a que escapassem, no decorrer da composição, erros, mas erros compreensíveis que dispensam a sensaboria de uma errata, quase sempre desnecessária ao leitor inteligente.

O PERDÃO¹¹ (EXCERTOS)

O fazendeiro, um fanático por música, estava ansioso por ouvir a mulher e as filhas, amadoras de canto, piano, harmônio, harpa e vários instrumentos de cordas. Ele mesmo tocava flauta, oboé e guitarra. [...]

Eram oito horas da noite, tépida e enluarada. O salão de música estava fartamente iluminado. Jarras com ramalhetes de rosas frescas quebravam a meia austeridade do recinto, onde os vestidos claros da esposa e filhas do fazendeiro punham uma nota de candura entre os aromas evoados das flores rainhas. (OLIVEIRA, A., op. cit., 2010, p. 45-47)¹²

10 Palavras com que a autora apresenta a obra *O perdão* a seus leitores. Fonte: OLIVEIRA, A. *O perdão*. SCHMIDT, R. T. (Org.); SANTOS, S. R. P. dos (Orelhas); SALOMONI, R. S. D. e ALÓS, A. P. (Fixação do texto e notas). Florianópolis: Mulheres, 2010. Edição comemorativa dos 100 anos da primeira edição. No acervo da Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul, em Coleção especial de Laudelino Teixeira de Medeiros, encontra-se a edição *príncips* da obra, editada pelas Oficinas Gráficas da Livraria Americana, Porto Alegre, 1910.

11 OLIVEIRA, A. (Op. cit., 2010). O universo ficcional de *O perdão* é marcado pela sensibilidade da voz narrativa, que permite apreender a subjetividade feminina, especialmente na ação de Estela, a protagonista, que rompe com o modelo tradicional, colocando em questão os preceitos estabelecidos. Igualmente, ocorre na obra a representação da sociedade ordenada por classes, ricos poderosos e pobres mendicantes.

12 Leonardo de Souza, rico fazendeiro, representa o poderio econômico e patriarcal sul-riograndense oitocentista, constituindo, juntamente com a família – a esposa Paula, as filhas Estela, Lúcia e Celeste, e tia Zina –, parte da elite porto-alegrense da época.

[...] São passados três anos. Estela está casada e já tem dois filhos. Sentada num divã de veludo *grenat* na suntuosa sala de jantar do seu palacete, trajando rico *peignoir* branco coberto de rendas, folheia, calma, uma revista francesa. Mário, o filhinho mais velho, com dois anos, lindos cabelos negros, magníficos verdes olhos, passeia pelas ruazitas do jardim pela mão da ama... O Petrônio dorme ao lado, num belo carrinho de vime velado por um níveo cortinadozinho de filó. (OLIVEIRA, A., op. cit., 2010, p. 90)¹³

[...] A moça [Estela] tinha a cabeça tombada no respaldo, Ele olhou-a assim. Era formosíssima. O luar batia-lhe em cheio no rosto e no colo que arfava. Armando não pôde conter-se. Apertou com as mãos geladas a cabeça da moça e imprimiu-lhe na linda boca um beijo de fogo, prolongado e doido. (OLIVEIRA, A., op. cit., 2010, p. 111)¹⁴

[...] Fora muito culpada. Parecia-lhe até que já estava poluída! [...] Oh! aquele beijo! Beijo devorador! Beijo de morte! E estremecia toda, até as entranhas, à recordação dos lábios rubros e gelados do moço. Nunca sentira emoção igual! Nunca! [...] Depois que ele lhe maculara os lábios parecia já uma adúltera! O que seria dela quando o marido a tomasse nos braços e a beijassem santamente, como fazia sempre! (OLIVEIRA, A., op. cit., 2010, p. 113, 114, 115).¹⁵

[...]¹⁶ Estela ergueu-se trêmula, desvairada. Ah! ele cantava! podia cantar enquanto ela se estorcia de desespero! [...] Repúdio, sim, que principiava cedo a pressagiar o que seria o existir seu, de ora avante, sem mais o amor da família, sem mais o apreço da sociedade, sem mais

13 Estela, a primogênita da família, casa-se com Jorge, jovem abonado, com quem acredita será feliz, pois manterá o *status* de vida a que está acostumada.

14 A convivência com Armando, sobrinho do marido vindo do Rio de Janeiro para completar os estudos de Direito, faz Estela descobrir-se um ser vulnerável, capaz de um arrebatamento nunca antes experimentado.

15 Desse momento em diante, a protagonista vivencia medo e vergonha por sentir-se indigna de conviver com a família, desencadeando um processo opressivo de autopunição e desespero, o que a faz abandonar o lar em companhia do amante.

16 Já no navio, durante a viagem, a protagonista experimenta a dor do menosprezo: enquanto Armando fora convidado a cantar no salão, ela permanece sozinha no camarote; revolta e angústia incontrolláveis tomam conta de seu ser.

as honras do mundo. O suplício do repúdio. [...] É que a desonra só atingira a ela. [...] (OLIVEIRA, A., op. cit., 2010, p. 239) [...]

Eram duas horas da madrugada.

A bordo reinava completo silêncio... [...]

Do leito, onde desde a partida da cidade de Rio Grande, permanecia atirada, alheia a tudo, devorada de febre e de remorsos devorada, Estela ergueu-se, trêmula, olhos em desvario.

Fitou o amante. Ele podia dormir! [...] Envolta num *peignoir de pongé* branco, descalça, os longos e negros cabelos desatados, ela abriu sutilmente a porta. Uma ideia sinistra, que lhe vinha verrumando forte o cérebro enfebreado, impelia-a agora, qual visão, pelo corredor deserto e penumbroso. [...]

Contemplou, soberba, o oceano imenso... Toda aquela água não lavaria a mácula do seu corpo?!...

Ergueu os olhos, os olhos esplendorosos...

O céu era doce e tranquilo...

Lá encontraria o seu Perdão... (OLIVEIRA, A., op. cit., 2010, p. 303-304)¹⁷

Numa mesa comprida e tosca, ladeada por grosseiros bancos alongados sob a carícia verde e fresca do bambual que o sol formoso de um claro dia primaveril dourava, sentavam-se os vinte pobres de Lúcia, oito mulheres e doze homens. [...] De todos exalava-se um fartum, feito de suores doentios, sujeira dos poros, imundície dos frangalhos que lhes cobriam as carcaças, e dos couros velhos e apodrecidos que arrastavam aos pés. [...] (OLIVEIRA, A., op. cit., 2010, 81)¹⁸

17 Estela não conhecia outra possibilidade de vivenciar sua feminilidade senão pela observação aos princípios da sociedade oitocentista. Quando seu comportamento infringe essas leis, a protagonista deixa-se envolver pela dor mais profunda – exacerbação do sentimento de culpa. O que a espera agora? Ainda poderia encontrar o seu perdão?

18 “No bosque de bambus, fundo da chácara, interessantíssima cena se passava.” Toda a semana, Lúcia e Tia Zina ofereciam um almoço aos chamados “pobrezinhos de Lúcia”, desdobrando-se outro aspecto importante da obra *O perdão*: a representação de um contexto em que as classes sociais são ordenadas entre os que detêm o poder econômico e os que dependem da benemerência alheia para sobreviver. Isso ocorre em relação aos pobrezinhos de Lúcia, à Birutinha – parente distante da família Souza –, aos serviços da casa.

[...] ¹⁹ E [Eva] voltou à cozinha monologando:

– Pobre *veia!* *Ca* coitada, que é da *famia*, pouco se importam... O que *sa* Zina gasta com a *cambuiada* dos *vadio* dava prá *sa Birutinha* *vivê* sossegada num cantinho: *mais* é tudo prá os *mau* *agardecido!* *Insmola* escondida não é bonito. *É mió* *entrá* a *cambuiada*: *ansim* o povo pensa que tudo aqui tem *bão* coração! *Depois* os *nome* vai prá o *jorná*. A Eva é burra *mais* entende as *coisa*. [...] (OLIVEIRA, A., op. cit., 2010, p. 79).

ÀS MULHERES E AOS HOMENS DO MEU PAÍS²⁰

Abri-o sem medo: é um livro moral!

Moral porque é sincero; moral porque é todo ele um grito de piedade por infinitas mágoas; moral porque o vivifica um intenso e nobre ideal; moral porque é puro, oriundo de uma das nossas mais dolorosas necessidades sociais... [...]

Uma esperança nutro, animadora: os que meditadamente percorrerem as *cartas* que ali vão, dessa leitura sairão menos infensos ao divórcio e mais apiedados da mulher – a grande vítima dos absurdos e opressores preconceitos sociais. [...]

E não se diga que há aí quadros carregados, filhos da imaginação da escritora. Isto é o que os franceses chamam um *livre à clef*. Um fato, um só, não há, que não tenha sido copiado *d'après nature*. [...]

O divórcio é, afinal, uma questão de urgente atualidade brasileira e que, dia a dia, se impõe, sem que haja o direito de alguém furtar-se a encará-la de face, positivamente. [...]

É vã toda a grita que contra ela levantam os conservadores, tropegamente arrimados ao bordão das velhas convenções. Causa dó sua

19 A denúncia relativa à generosidade praticada pela família Souza para louvor público evidencia-se, de forma contundente, na fala de Eva, escrava alforriada e cozinheira da família, enquanto ajuda a preparar o “cozido saporosíssimo” para “os pobres de Lúcia”, referindo-se à situação de Birutinha.

20 Exortação com que a escritora faz a abertura da obra *Divórcio?* Fonte: OLIVEIRA, A. A. A. de. *Divórcio?* Organização de Hilda Agnes Hübner Flores. Porto Alegre: Ediplat; Florianópolis: Mulheres, 2007. (Excertos). A edição *principis* ocorreu em 1912, Porto Alegre, Livraria Universal. Do gênero epistolar, a obra é constituída de 25 cartas, todas convergindo para o mesmo tópico: a importância de instituir o divórcio amplo no Brasil, o que só vai ocorrer na segunda metade do século XX. Polêmico para a época, o livro provocou grande impacto na sociedade, pois colocava à mostra sua hipocrisia.

argumentação falha em prol da indissolubilidade matrimonial que vai fazendo, para muitos casais, do leito conjugal um leito de Procusto. Quando se ergue essa questão, eles, os antidivorcistas, saltam em arreganhos de ofendidos melindres, numa cômica bancarrota da lógica e empurram para frente os velhos chavões da dissolução da família, da situação dos filhos, da depravação de costumes, dos motivos religiosos. [...]

O casamento é contrato ou sacramento? Na primeira hipótese, todo o contrato supõe um possível distrato. Na segunda, a Igreja ergue-se dentro de seu formalismo para decretar a indissolubilidade! Mas dois seres, que em certa fase da vida acreditaram que terem as mãos envolvidas na mesma estola era um fato capital para sua existência, não têm o direito de, em outra fase, pensar de modo diverso, julgar aquilo mera formalidade? [...]

Condenar a mulher e o homem, já divorciados, e que já experimentam um novo afeto, a passar a vida sem gozar a ventura de se unirem legalmente, publicamente, moralmente ao ente querido, não é um monstruoso crime, cometido em nome da mais sublime das religiões – a religião do Amor e do Perdão?!...

Não é isto forçar, desumanamente, a mulher e o homem, que nasceram para o amor, a uma existência de purgatório nas crudelíssimas garras de um celibato sem razão de ser? Ainda o homem pode *torcer* este vínculo jurídico imoral do desquite. [...] Não acontece o mesmo com a mulher desquitada, que tem de se manter honesta, a despeito de tudo, mesmo na flor dos anos, seja embora só no mundo, sem família, sem amparo.

A mulher é sempre a condenada! [...]

Também o Positivismo [...] condena a mulher à *viuvez perpétua*. Dirão que também ao seu companheiro; mas o positivista, como o padre, é também o homem, e tem sempre o direito de amar e, como aquele, pode ter instantes de enlevo e esquecimento até.

Quem vai lá saber se a linda donzela que, hoje, uniu seu destino ao destino de um mancebo adepto da grande doutrina, não terá feito a sua união sobre a base segura do amor?... Não podia ter-se ela própria iludido, pensando amar o noivo eleito e depois, mais tarde, quando a alma fremsse ao encontro da alma irmã, se apercebido, horrorizada, do fatal engano?... [...] Suponhamos que esta criatura deixa o marido

e vai viver com o amante que a idolatra, mas que não lhe pode dar o braço para reconduzir ao seio da sociedade. Esta mulher fica esmagada e morre de pesar...

É humano que este esposo, que, confiante no seu amor, tudo fizera para a construção do ninho que o vendaval do infortúnio despedaçou, viva numa *viuvez eterna*? Por que um martírio tão grande se ele é um inocente?... [...]

Figuremos outro caso. Um positivista apaixonado-se e casa com uma jovem que, quando noiva, lhe parecia ser um anjo. É, no entanto, um monstro de hipocrisias, de perfídias, o produto de um meio viciado, a vítima de uma educação perigosa e falsa, um ser baixamente sensual. [...]

Ora digam-me. O viúvo desta viciada pode lá se conservar numa *viuvez eterna*, sentindo necessidade de compensação, num amor puro, o seu coração dolorido e despedaçado injustamente?... Por que não poderá ele construir um segundo lar, onde esqueça as agruras do primeiro?... [...]

Os senhores contrários à medida salutar e moral discutem como se falassem a adversários que os quisessem convencer que é um ideal estado de cousas. E ninguém pensa nisso. O divórcio só é apresentado para os que dele necessitam, para os que estão com a corda na garganta – o vínculo indissolúvel – e quase estrangulados! [...]

Aqueles que, como eu, acreditam firmemente na realidade do progresso moral, na evolução humana, não porão mesmo dúvida em admitir que o divórcio seja um estado transitório e que, com o aperfeiçoamento da espécie, daqui a uns tantos séculos terá talvez desaparecido a sua necessidade, porque dois seres de sexos diversos se associarão para a vida sobre bases muito outras daquelas sobre que hoje assenta, na maioria dos casos, esse contrato. [...] Possa este livro concorrer para a chegada do regime do divórcio amplo, possa ele influir sobre espíritos ainda em dúvida, presos às velhas fórmulas pela lei do hábito e estará satisfeito o ideal da autora. [...] E, concluindo, mais uma vez afirmo: este livro é um livro moral porque é verdadeiro em suas menores linhas: moral porque é um novo golpe atirado à mais nociva de todas as convenções sociais – a indissolubilidade matrimonial, fonte no mínimo, de vergonhosas hipocrisias e cobardes cativos.

É ainda moral porque não é somente um livro de propaganda em prol do divórcio: é também um brado de indignação contra a injusta e esmagadora situação da mulher. E mais, ele virá abrir bem os olhos a muitas almas desprevenidas: ante estes exemplos desesperadores, pungentes, que clamam pelo remédio, elas se precaverão para que dessa medicina amarga e triste não venham a haver mister. E por isso eu o entrego às mulheres e aos homens do meu país.

A autora

MEU FAUSTO²¹

Saudades.

Foi-me entregue a tua carta anteontem e já tomei todas as providências com respeito ao negócio do Santos. Não te preocupes mais com isto.

As crianças vão bem, sim, e eu em nome delas agradeço-te as frutas que lhes remeteste; ficaram, satisfeitíssimas, a Edith, sobretudo. Talvez eu aceite o convite que fazes para que eu a mande passar umas duas semanas aí, nesta adorável Friburgo, em dezembro. Estando aí contigo e tua mulher, sei que não poderia estar melhor.

Falemos agora do último tópico de tua carta.

Perguntas-me, e dizes que com temor de ser indiscreto, o que penso da questão atual do divórcio, agora que Myrtes de Campos e Carmen Dolores a reerguem pelos jornais daqui, *Correio da Manhã* à frente.

Tu indiscreto! Pois não és o meu grande amigo?

Nem sei como pudeste pensar assim. Eu sou pelo divórcio, positivamente, sem restrições algumas. Como o não ser, não é assim, no caso do marido traído e desquitado?

Mas não julgues um momento que sou partidário do divórcio, pensando em dele aproveitar-me. Não, meu caro, não é isto. É para que ela, Antonieta, o aproveitasse... Oh! não! Não vejas aí um movimento romântico, um arroubo de sentimentalismo apaixonado, nada disso. Sou muito positivo na vida, tu o sabes, e se estimaria (é este o termo)

21 OLIVEIRA, A. A. A. *Divórcio?*, 2007, p. 37-40, (Op. cit.). Carta 1.

ver minha mulher casada com o homem que me destruiu o lar e, com ele, a felicidade, é por amor a meus filhos.

Já estou bastante velho para que pensasse em outras núpcias. Que diabo! Quarenta e oito anos com um desgosto deste por contrapeso valem bem uns sessenta, tanto assim que tenho a cabeça toda branca.

Quando me casei com Antonieta, há nove anos, fi-lo por paixão... A diferença de nossas idades era grande – 18 anos! – e foi esse talvez o mal. Nesta vida árdua de negócios, só cuidando de aumentar o nosso bem estar, de fazer uma fortuna para os três filhos que floriam o lar, não me apercebia de que ia envelhecendo muito depressa. Ela sempre moça, cada vez mais mulher, mais formosa. Depois, Antonieta era filha dum homem de superior talento, educada num meio de intelectuais aclamados; gostava dos triunfos perante o grande público, da bulha que fazem os jornais em torno aos homens que se destacam nas letras e na política.

A minha inteligência aplicava-se, unicamente, aos algarismos, à alta e à baixa, às oscilações do mercado, a um milhão de coisas que para ela eram enfadonhas. Eu em nada a podia deslumbrar.

Não penses que a estou procurando desculpar; não é assim. Calmamente analiso o fato, como no fundo do escritório, sobre a escrivaninha, analiso as causas porque falhou uma transação, porque foram transbordados os meus cálculos sobre uma operação de *Bolsa*. A mesma calma, a mesma precisão.

Apesar de todos esses contras, fomos felizes, extremamente felizes, durante sete anos. Até que, quando voltávamos da Europa, em nossa última viagem, veio a bordo aquele homem que se pusera, por essa época, em extraordinário destaque em nossa sociedade. Relações superficiais de bordo prologam-se em terra; ele frequentou minha casa. Tinha talento, belo talento, diziam; brilhava, salientava-se em tudo; os jornais vinham cheios do nome dele. Inimigos figadais atacavam-no com essa virulência que, em nossa terra, assumem as discussões políticas, e ele se defendia em artigos tremendos que todos queriam ler, e atacava também, feroz, delírios retóricos. Tudo o punha numa evidência rara; tudo era para ele a gambiarra que faz ressaltar, impondo-a à atenção, a figura dum comediante no prosclênio.

Daí... daí, eu encontrar um dia os meus filhos abandonados por sua mãe. Nem uma carta, nem um bilhete, nem uma linha... Também, que poderia me dizer a desgraçada?

Eles partiram, foram para a Europa, lá estiveram quase um ano. Por que não ficaram? No fim de algum tempo a sociedade esquecia-os e os meus filhos julgariam que Antonieta morrera.

Mas aquele homem tem necessidade do barulho em torno do próprio nome, quer o aplauso ou o vilipêndio, mas que se fale dele; precisa da galeria, como os saltimbancos. Voltaram. E agora anda Antonieta ostentando a sua desonra, pelo braço dele. Sabe-se onde é a casa deles e, quando os bondes lhes passam à porta, os passageiros debruçam-se, nessa curiosidade ofensiva do mundo, procurando vê-la à janela. É como se fora uma *chanteuse* em voga. Ora, se agora viesse uma lei de amplo divórcio, é provável que eles se casassem, é certo.

Os meus filhos hoje são muito crianças; quando crescessem, estes fatos já estariam no passado e eles não precisariam saber quais as verdadeiras causas deste divórcio. Lamentariam, é certo, que seus pais estivessem separados, mas veriam sua mãe numa posição normal, pelo braço de um marido, recebida pela sociedade, porque também é certo que logo que os dois se casassem ela lhes abriria as portas.

E, assim, como agora? Muito cedo saberão que sua mãe é uma mulher expulsa da sociedade, que o nome dela só é pronunciado no meio geral de reprovação. E quando lhes perguntarem, os estranhos, quem é sua mãe, serão obrigados a dizê-lo corando, ou a mentir. Aí tens, meu amigo, porque te disse que sou partidário do divórcio, para que Antonieta dele se aproveitasse. Não é sentimentalismo piegas, é um motivo muito sério que me parece digno de ser arrolado entre os argumentos em prol do distrato matrimonial, que na minha situação, quantos não há por aí!

Agora desculpa a extensão desta carta, recomenda-me à tua mulher, beija por mim e por meus filhos os teus pequenos e acredita-me teu

sempre amigo

Ramalho



IBRANTINA CARDONA

VIVIANE VIEBRANTZ HERCHMANN

Ibrantina Cardona dizia que vivia para o estro poético. De fato, sua vida e sua vasta produção confirmam que a poetisa se dedicou, sem reservas, à vida literária. Conduziu seu destino para o universo das letras desde jovem, publicando em muitos jornais e revistas no Brasil e no Exterior.

De origem fluminense, Ibrantina Froidevaux de Oliveira nasceu em Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro, em 11 de outubro de 1868. Logo após seu quinto aniversário, mudou-se com a família para o Estado do Rio Grande do Sul, onde moraram em Jaguarão e Pelotas. A carreira militar do pai, o mineiro Dr. Thomaz Antônio de Oliveira, fez com que a família de Ibrantina morasse em diversas cidades. Nessas mudanças de residência, é possível identificar a participação da poetisa nos periódicos locais dos lugares onde viveu.

Em sua juventude, Ibrantina morou na cidade de Pelotas, centro cultural do Estado do Rio Grande do Sul, onde conviveu com notáveis escritoras. Nesse período, colaborou com *O Corimbo*, um dos mais consagrados periódicos do Rio Grande do Sul, que circulou por seis décadas na cidade de Rio Grande (1883-1943), sob a direção das irmãs Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro. Também contribuiu em *O Escrínio*, dirigido por Andradina de Oliveira e veiculado no início dos anos 1900, em Bagé. Esse elo com o Estado projetou-se

a além-mar, ao ser apresentada como rio-grandense em biografia que acompanhou o poema “Teus Olhos”, publicado em Lisboa, Portugal, no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. O texto, assinado por A.O., iniciais da escritora Andradina de Oliveira, exhibe Ibrantina como “filha da terra dos pampas e do minuano bravio”, nascida na cidade de Porto Alegre. Em sua produção, há mais de um poema ao Estado do Rio Grande do Sul e diversas publicações que a apresentam como escritora gaúcha.

Ainda adolescente, Ibrantina mudou-se com a família para Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis, no Estado de Santa Catarina. Nessa cidade litorânea, firmou-se como poetisa. Aos seus dezenove anos, ainda assinando seus textos com o sobrenome oriundo da família paterna – Oliveira –, já era conhecida nos periódicos da região por seus poemas e contos. Escreveu nos jornais *Polianteia*, *Palavra* e *Crepúsculo*, tendo seu nome, nesses dois últimos, no frontispício dos periódicos como colaboradora. Junto a sua irmã Ubaldina A. de Oliveira, Delminda Silveira e Revocata Heloísa de Mello, integrou o conjunto de mulheres que introduziram a participação feminina na cena cultural de Nossa Senhora do Desterro, por meio de suas publicações.

Os vinte e um anos de Ibrantina foram comemorados em meio à natureza, como registra no poema “Revelações”. Nessa época, vivia na cidade de Bagagem, hoje denominada Estrela do Sul, em Minas Gerais, onde colaborou no periódico local *O Garimpeiro*. Nesse período, já se correspondia com Francisco Cardona, com quem se casou dois anos depois, em 23 de maio de 1891, passando, então, a assinar o sobrenome do marido em suas publicações. Viveram em Campinas, no Estado de São Paulo, por oito anos. Em 1899, mudaram-se para Mogi Mirim, também no Estado de São Paulo, onde estabeleceram morada e fundaram a Casa Cardona, espaço comercial e industrial mais importante da cidade. Nesse mesmo ano de inauguração, em 5 de julho, Francisco Cardona fundou o jornal *A Comarca*, no qual Ibrantina se tornou colaboradora, publicando poesias, artigos e crônicas sobre variados assuntos. Ela morou em Mogi Mirim a maior parte de sua vida e manteve-se na *casa de seu lar*¹ mesmo após a morte do marido, em 1946. Quatro anos antes de Ibrantina falecer, por questões de saúde, foi

1 Dedicar o poema A casa de meu lar ao lugar onde morou a maior parte de sua vida.

morar com a sobrinha Enorédia Oliveira Santos Padilha, na cidade de São José do Rio Pardo, no Estado de São Paulo. Em 23 de dezembro de 1956, a poetisa falece. Seu corpo foi enterrado ao lado do marido, no Cemitério Municipal de Mogi Mirim.

Ibrantina Cardona, ao total, teve seis livros publicados: *Plectros* (1897), *Heptacórdio* (1922), *Kleópatra* (1923), *Primavera de Amor* (1935), *Asas Rubras* (1939) e *Cosmos* (1951), deixando obras inéditas, até o presente momento extraviadas. Sua produção revela uma poesia voltada à produção artística, à natureza, à família, aos lugares de sua residência e, especialmente, à música. Nesse sentido, buscou-se, para esta antologia, reunir poemas que mostrem tais temáticas, de modo a se ter um breve panorama sobre sua poesia. Há também poemas líricos em suas obras; o livro *Primavera de Amor* (1935) é, inclusive, estruturado nesse estilo poético.

Sendo reconhecida como poetisa parnasiana, há versos e temáticas características desse movimento literário. Ressalta-se, contudo, que há poemas de Ibrantina que se distinguem, tanto em sua estrutura quanto em temática da estética parnasiana. Isso se mostra especialmente em sua última obra, *Cosmos*, na qual reúne poesias produzidas ao longo de sua vida e, inclusive, algumas já publicadas em obras anteriores.

Ibrantina era pianista, concertista e tocava bandolim. Tal afinidade com a música marcou significativamente sua produção. *Plectros*, de 1897, além da própria designação e imagem de capa, traz um longo poema a ‘Carlos Gomes’, a quem a poetisa define como “o grande patriarca da arte musical”. A obra *Heptacórdio*, de 1922, é subdividida em Cordas, Vibrações Bélicas, Culto Pagão e Vibrações Líricas. *Cosmos*, de 1951, traz, no capítulo Excelsitude, poemas sobre Carlos Gomes, Beethoven, Schubert e Chopin.

A obra *Asas Rubras*, de 1939, diferencia-se das anteriores pelo tema: o cenário hostil da guerra. Neste livro, seus versos trazem a dor da perda, dos sonhos, da vida. Por ser constituído de textos de longa extensão, elegeu-se, dessa obra, o poema “Expiação do Ex-Combatente” para integrar esta antologia.

A biografia de Ibrantina permite reconhecer sua ampla e expressiva produção literária. Para esta coletânea, elegeu-se os poemas integrantes de seus livros, uma vez que a escritora se dedicou, de modo especial, à

poesia, ao longo de toda a sua vida, sendo reconhecida como uma das principais poetisas parnasianas. É importante reforçar, contudo, que a escritora também se mostrou atenta ao seu tempo e à sua realidade por meio das crônicas e artigos que produziu, assim como por suas participações em eventos sociais, atuando, inclusive, em prol da independência e na luta dos direitos das mulheres.

Ibrantina Cardona foi, certa vez, apresentada como “deslumbrante poetisa” de “alma inspirada”². Definitivamente, a arte, especialmente a literária, revelou-se como seu propósito de vida. À literatura Ibrantina dedicou seus dias e sua alma.

POEMAS – ARTE E ARTISTAS

À MUSA³

Oh! minha Musa, dá-me as cordas de ouro à lira,
aos Pléctros de cristal sonora contextura;
a eólia vibração que aos tímpanos desfira
as notas do meu verso, ungidas de ternura.

E deixa que a sonhar em mundos de safira,
onde a esperança vive e onde a ilusão perdura,
e leve-me contigo à essa Arte que me inspira,
nas asas do Ideal de alvíssima brancura.

Envolve-me em teu manto azul de resplendores,
dá-me o voo sutil, mais rápido que a brisa,
enche-me o coração de amor o a alma de flores.

E à quimera da luz que atraí e que eletriza,
soltando o turbilhão das rimas multicores,
deixa voar, voar minh'alma de poetisa...

2 FARIA, Carlos de; COSTA, Sabbas da. Homenagem à D. Ibrantina. *Crepúsculo*, Desterro, ano II, n. 26, p. 1, 16 out. 1888.

3 CARDONA, Ibrantina. *Plectros*. São Paulo: 1897. II. p. 3 e 4.

INVOCAÇÃO⁴

À MUSA

Musa, estrela do verso, alma com que propago,
 Mercê da tua graça, o bem que me extasia,
 Dá que eu cante, serena, a teu influxo mago,
 Dá-me a nobre altivez de eleita da poesia.

Crete, a minh'alma exora, e grata, em ti confia;
 Nos lábios trago o riso; a fé no seio trago;
 E ao teu vulto me inclino, a implorar-te uma estria
 De luz ao meu roteiro; acolhe, com afago.

Minha súplica ideal; tange-me n'alma a corda
 Harmônica do verso; e de áureos raios borda
 A modula canção que aos lábios me aflorar.

E baixa o teu amém, ó Musa protetora,
 Por sobre a invocação da ousada sonhadora,
 Que as cordas do *Heptacórdio* afina, e vai cantar.

BORBOLETAS⁵

Sobre a esplêndida tela *Sertanejas*
 de Antônio Parreiras⁶

Ei-las que vão e vêm, do musgo emaranhado
 da crista do penedo às grutas pedregosas,
 irrompem da penumbra espessa do cerrado,
 em volteios gentis de curvas caprichosas.

4 Poema de abertura da obra *Heptacórdio*. CARDONA, Ibrantina. *Heptacórdio*. São Paulo: Tipografia e Sociedade Editora Olegário Ribeiro, 1922. p. 15.

5 CARDONA, Ibrantina. *Plectros*. São Paulo: 1897. XXXV. p. 99 a 102.

6 Pintor fluminense, autor da capa a cores de *Plectros*. Conforme DANTAS (1976, p. 76), o poema *Borboletas* foi transcrito, acompanhado de comentários de autores do meio literário, no Catálogo de Exposição do pintor. DANTAS, Arruda. *Ibrantina Cardona*. São Paulo: Editora Pannartz, 1976.

Buscam da primavera os mágicos fulgores,
enquanto vão caindo, em lânguido abandono,
as folhas do arvoredo amarelo e sem flores,
revoltas pelo chão, mirradas pelo outono.

Oh! levianas sutis das rutilas crisálidas,
ó trêfegas visões das louras primaveras,
descestes lá do azul, abrindo as asas cálidas
ao sol canicular das lúcidas esferas?

Ao recanto deserto e mudo da floresta,
como é que em caravana, aligeiras viestes?
Ó loucas ideias, trazeis a luz da festa
e a nota da alegria às solidões agrestes?

Aqui não brilha o sol em asas vaporosas;
nos antros e covis dormem quietas as feras;
estão velando o ninho as aves amorosas,
e os insetos sutis se ocultam pelas heras.

Tudo é sombra e silêncio; apenas a cascata,
na cadência fatal, monótona das águas,
vai abrindo a garganta em ânforas de prata,
e quebra a solidão das matas e das fráguas.

Parece até que o medo é o ciciar da brisa
nas frondes colossais desta selva gigante;
na floresta soturna o caçador não pisa
nem passa destemido o intrépido viandante.

Mas, viestes sem medo, ó loureiras risonhas,
voar pelos cipós de enredados contornos,
e viestes beijar essas flores tristonhas,
que são do triste outono os últimos adornos.

Flocos brancos do ar, oh! levianas etéreas,
quem, soltas, vos deixou pelas selvas umbrosas?
Quem, deste claro azul das paragens sidéreas,
a vós pulverizou as asas vaporosas?

Sois dos plainos de anil, lá da savana cérula,
almas brancas do ar em corpos de utopia;
e como as ilusões de um sonho cor de pérola,
fostes feitas de amor, de luz e de poesia.

Nascestes do pincel do Artista primoroso,
e agora livres, como é livre o pensamento,
irrequietas voais no sertão silencioso,
gozando mais amor no agreste isolamento.

Revoai, revoai, *Sertanejas* formosas,
ó filhas ideais de um'alma fantasista,
revoai e trazei no dorso, gloriosas,
os louros da vitória ao fino Paisagista!

CARLOS GOMES⁷

A Natureza, a mãe enorme, gigantesca,
de quem, tu, arrojada inspiração dantesca,
pelo teu *Guarani* fecundo de harmonia,
na força musical reproduziste um dia,
o vigor da floresta indígena; a linguagem,
a vida, a raiva, o amor e a dança do selvagem;
das aves o gorgueio, o rugido das feras,
o eco dos trovões e a calma das esferas;
a injusta Natureza, a quem, por toda a parte,
na epopeia sublime e imácula da Arte,
tu tornaste imortal; com seu pulso assassino,
aniquilou-te agora o cérebro divino!
E tu tombaste, oh! Águia audaz e torturada!
N'uma explosão de luz, tombaste ao *Grande Nada!*

⁷ CARDONA, Ibrantina. *Plectros*. São Paulo: 1897. VII. p. 21 a 24.

Tombaste, sim! mas vendo a imensa cordilheira
da América gigante; ouvindo a derradeira
harmonia da selva, esmorecendo aos poucos,
nas fibras da tu'alma; ouvindo os ecos roucos
das cascatas caudais do soberbo Amazonas,
inflamado do Sol tropical destas zonas!

Sol que, jorrando luz dos píncaros dos Andes,
alaga a tua Pátria em radiações tão grandes
como essas vibrações de notas primorosas,
da tu'alma de Artista, ecoando gloriosas
pelo Universo inteiro!

Oh! grande brasileiro!
Tipo descomunal! Oh! cabeça estupenda!
Há de haver quem tu'alma extraordinária entenda;
quem na sua a recolha, ouvindo-a a todo o instante;
quem a sinta, através dos séculos, palpitante,
enquanto do Progresso hastear-se o baluarte,
e no Brasil houver um culto pela Arte!

Na música, a pulsar, hás de viver, ó Artista,
no grande coração da mocidade altruísta!

Viverá, sim! Aquele em quem, no Velho Mundo,
tantas vezes gritou desmedido e profundo!
o nosso pátrio orgulho, ao vê-lo festejado,
e pela culta gente ouvido e proclamado!

Sim! Esse mesmo em quem todo o Brasil radiante
de louros viu cingida a fronte de gigante!

Viverá, como vive o Gênio nos que ouvem
harmonias de Listz, de Wagner, de Beethoven,
de Chopin e Mozart, de Verdi e Paganini!
Sim, ele viverá, como vive Bellini,
e como vive o Herz e Gottschalk – o bravo!

Não! não morreste, oh! Artista, autor da *Fosca e Escravo*!

Levanta-te, Caboclo! Agora é que te acordas
no grande Panteão, para ajuntar-te às hordas
dos vultos imortais! A' tua trajetória
levanta-te, que agora é que te acorda a glória!

E assim como Noé, outr'ora sobre o Oceano,
contemplava o dilúvio, em sua imensa barca,
tu, ereto e de pé, no pórtico da História,
olharás, através dos séculos, altaneiro,
passando as gerações...

E se um dia o estrangeiro
te perguntar: Quem és? Responderá, ufano,
por ti o teu Brasil:

É o grande Patriarca
da Arte musical. Carlos Gomes! Primeiro
vulto de excepcional Artista Americano!

BRAVO!⁸

À Julieta Monteiro⁹

Senhora: ao ver-te nessa esfera luminosa
da Arte, com buril de fina colorista,
no hemistíquio envolvendo o verso cor de rosa,
a estrofe facetando e a rima de ametista;

ao ver-te como a Safo, oh! Poetisa amorosa,
na lira de ouro abrindo as asas, em conquista
do Belo e do Ideal; ao ver-te caprichosa,
soltando ao voo azul a tua Musa artista;

8 CARDONA, Ibrantina. *Plectros*. São Paulo: 1897. XXXIV, p. 97 e 98.

9 Julieta de Melo Monteiro (1855-1928) destaca-se como uma das maiores representantes da escrita feminina do sul do Brasil. Sua biografia pode ser lida em MOREIRA, Maria Eunice (org). *Retratos de Camafeu: biografias de escritoras sul-rio-grandenses*. Rio Grande: Coleção Rio Grandense, 2020.

eu penso ver um Sol entre os astros dispersos,
galgando do Triunfo a vasta trajetória;
e entusiasmada, ao som desses teus cantos tersos,

n'um brado retumbante, um *bravo* audaz de glória
irrompe-me do peito, e vai, por estes versos,
levar à tua Musa a palma da vitória!

POEMAS – LÍRICOS

TEUS OLHOS^{10 11}

Teus olhos negros, negros e irriquietos,
que me iluminam com seu brilho agora,
ao fitá-los, minh'alma a rir, se enflora,
exulta e canta, sôfrega de afetos.

São olhos tentadores, indiscretos,
que, num olhar que o peito meu devora,
ergueram-me ao clarão de uma outra aurora,
onde afago de amor os meus projetos.

Sinto meu coração mais preso à vida;
de sonhos, de ilusões e de ternura,
eu vejo a minha crença revestida.

E foi de teu olhar a chama pura
que a ti, minh'alma inteira e comovida,
encarcerou no idílio da ventura.

10 CARDONA, Ibrantina. *Plectros*. São Paulo: 1897. LVII. P. 171 e 172. e Lisboa: 1899, p. 242.

11 Este soneto foi a primeira publicação de Ibrantina Cardona no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, de Lisboa, no ano de 1893, p. 490. Ele foi republicado por mais duas vezes nesse almanaque, nos anos de 1899, p. 242, e no ano de 1901, p. 212, respectivamente. Conforme: CHAVES, Vânia Pinheiro et al. *As senhoras do Almanaque: catálogo da produção de autoria feminina*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal; CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2015. P. 117 e 118.

CARÍCIAS¹²

I

Ao ver-te a encantadora e rubra boca,
de onde *scherzando* ardente, se desata
de beijos uma trêmula volata
na minha fronte estonteada e louca,
aninham-se em minh'alma apaixonada,
entre idílios de claras harmonias,
os desejos e as francas alegrias
em ondas de esperança sublimada.

E o pensamento então, febril e arroubado,
revoa a um outro mundo imaginado,
e de amor em cerúleas epopeias,

aos turbilhões de sonhos, rola ideias
pelo clarão destes teus olhos pretos,
em burilada salva de sonetos....

II

Quando passo meus olhos, deslumbrada,
pela tua atraente formosura,
sinto acender-me n'alma imaculada
um Vesúvio de amor e de ternura.

E se soltas a voz harmoniosa,
fitando-me teus olhos tão andejos,
eu beijo a rósea polpa saborosa
da tua boca cheia de gracejos.
Todo o contato do teu corpo incita
tão doce fluido, quente e provocante,
que me embebeda, prostra e enfebricita;

12 CARDONA, Ibrantina. *Plectros*. São Paulo: 1897. LX. P. 177 a 179.

pelo organismo filtra, ferve e abala,
da paixão explosiva e embriagante,
todo o delírio que o desejo exala...

LUTA¹³

Não sei se é isto amor.... Queira ou não queira
furtar-me dessa ideia persistente,
sei que, tonta e perdida, a ti somente
vejo, como te vi da vez primeira.

Será da fantasia passageira
esse infrene sentir que, n'um repente,
agitando-me o ser, inteiramente
abate-me vencida e prisioneira?

Tento iludir-me... mas o pensamento,
encadeado em ti, tanto se enleia,
quanto em febre duplica o meu tormento...

Sim; mais que amor é isto: – é o inferno oculto
em que a minh'alma apaixonada anseia,
sob a atração magnética do teu vulto...

POESIA¹⁴

Poesia, emanção que vens do Poeta
E embaanças minh'alma sonhadora,
ao influxo da luz que Ele projeta
é que por tu meu íntimo se doura;
pois Ele é como o sol que atraí e aclara,
e eu sigo por entre astros dispersos;
sua arte, que ao meu surto se escancara,
é o céu, e são estrelas os seus versos.

13 CARDONA, Ibrantina. *Plectros*. São Paulo: 1897. LV, p. 167 e 168

14 CARDONA, Ibrantina. *Primavera de amor*. São Paulo: s. ed., 1935. p. 24.

DUPLO ANSEIO¹⁵

Depois de tantos anos de tormento
 Por este amor, que todo o ser me abala,
 Quis o destino, em rápido momento,
 Que eu te fitasse o vulto e ouvisse a fala.

Por ver-te e ouvir, numa crescente escala,
 hoje, dobrado anseio experimento,
 e esta aflição que a outra não se iguala,
 torna maior o meu padecimento.

Com ele vou pela existência obscura,
 da qual mais foge a estrela da ventura,
 quanto mais ando, aos tropeções e arrancos.

E entre a angústia do anseio e a adversidade,
 enquanto por ti choro de saudade,
 os meus cabelos vão ficando brancos.

POEMAS – NATUREZA

ONDAS¹⁶

Calmo, à brisa que o afaga, o mar azul embala
 O flutígeno berço; ao léu da esteira mansa,
 Vem à praia uma onda, e beijando-a, resvala,
 E volta ao seio d'água, e desfaz-se, em bonança.

Sucede à brisa o vento, e embrusca o céu de opala;
 Turvo, agita-se o mar; empola-se a onda, avança,
 Estruge contra a praia; em fúria, açoita, estala,
 E ao seio bramidor, de retorno, se lança...

15 CARDONA, Ibrantina. *Primavera de amor*. São Paulo: s. ed., 1935. p. 83.

16 CARDONA, Ibrantina. *Heptacórdio*. São Paulo: Tipografia e Sociedade Editora Olegário Ribeiro, 1922. p. 53.

Alma ansiosa, és igual a esse mar: ora, presa
Das ilusões, o amor, a paz e os teus antolhos,
Expandes, num sorriso; ora, atada à tristeza,

Sob a dor que exaspera, estuando, dentre escolhos,
Da tormenta moral rebentas a represa,
E as ondas sobrevêm nas lágrimas dos olhos.

A FÚCSIA¹⁷

Ao sol da primavera, o arbusto se pontilha
de carmíneos botões, abre-se a flor de opala,
e da albente corola a romper a presilha
um froco de rubi pela flor se intercala.

Graça da flora ideal que os olhos maravilha,
a natureza a ornou de caprichosa gala;
e, como se talhasse a fúcsia de uma estilha
de hidrófana ou de jaspe, à fina joia a iguala.

Doure-lhe a luz do sol de áscuas de ouro cheia,
Ou congelado o orvalho em perla se lhe engaste,
De flor fidalga e bela o seu vulto pompeia.

E se a aragem lhe beija o vulto de esbelteza,
Sépalas de rubi em cruz, graciosa na haste,
A fúcsia embala como um brinco de princesa.

17 CARDONA, Ibrantina. *Cosmos*. São Paulo: 1951. p. 170.

AS GAIVOTAS¹⁸

Ao escritor e jornalista João Castaldi

Rente a costa marina, em caprichosa ronda,
mal desponta a manhã, na claridade escassa,
as gaivotas recortam o véu de nevoaça
e distendem a espiral que acima se arredonda.

Em busca de ilusões de rumo ao céu da graça,
lá se vão, a sonhar, até¹⁹ que a névoa as esconda...
Vão-se ao longe, fugindo às plangências da onda,
livres do rude mar que o destino lhes traça...

Mas, as vagas do mar ouvindo espaço a fora,
súbito lhes invade a dor da nostalgia,
e elas, rumo ao oceano, apressadas, agora

voltam de novo à costa e baixam nas ilhotas,
voltam trazendo amor, vida, encanto e poesia,
ao pousarem no mar as asas de gaivotas.

POEMAS – GUERRA

O SOLDADO²⁰

VIII

Espada à cinta, a carabina ereta,
Ei-lo que cumpre o voto de lealdade;
Um sonho de soldado a alma lhe invade;
Um sonho em que a justiça se projeta.

18 CARDONA, Ibrantina. *Cosmos*. São Paulo: 1951. p. 149.

19 No original, está grafado “té”.

20 CARDONA, Ibrantina. *Heptacórdio*. São Paulo: Tipografia e Sociedade Editora Olegário Ribeiro, 1922. p. 36

Anseios de reaver a liberdade,
Roubada à sua Pátria predileta,
Ateiam-lhe a coragem de um atleta,
E a indômita energia da vontade...

E palmilhando vai à terra escarcha;
Sejam caminhos maus, sejam propícios,
Exposto à neve, à fome e à sede, marcha.

Pela Pátria, a escutar-lhe o aflito brado,
Empenha a vida, o sangue, os sacrifícios,
E leva à guerra as armas de soldado.

A EXPIAÇÃO DO EX-COMBATENTE²¹

Houvesse eu tombado
de morte fulminante na guerra,
para não morrer agora aos poucos,
em cada escombros que contemplo,
em cada gemido que escuto,
em cada vida que se esvai.

Vou morrendo nos passos que imprimo,
neste chão de ruínas
de cidade arrasada,
presa de peste e fome.
Condenado a tanta expiação,
castigo que me impôs a guerra
de morrer lentamente,
sobrevivo aos que se vão,
vendo e sentindo expirar
toda a minha geração.

Meus olhos são o testemunho vivo
da brutalidade trágica da guerra

21 CARDONA, Ibrantina. *Asas rubras*. São Paulo: s.ed., 1939. p. 104 a 106.

que se me agravou nas retinas...
 Meus ouvidos são o repositório
 de gemidos e vozes de angústia,
 de terror e maldição.

Eu sou a vibração contínua
 de todos os estrondos e gritos que escutei;
 sou a dor de todas as dores humanas
 que doem no meu ser...

No meu cérebro sem repouso
 ardem labaredas de fogo,
 e, envoltos em mortalha de sangue,
 passam os restos dos combatentes,
 jovens mutilados,
 companheiros de luta e infortúnio...

Segue-lhes a procissão dos velhos,
 que a dor e a desgraça emudeceram,
 das mãos soluçantes em pranto,
 das noivas desventuradas,
 das viúvas desamparadas
 e das crianças órfãs.

E a minh'alma de condenado à expiação,
 pela noite de vigília e remorso,
 acompanha o funeral
 de todos os mutilados
 que se vão libertados
 de tanta provação,
 que se vão mais felizes do que eu,
 sobrevivente moribundo,
 que morro um pouco em cada dia,
 lentamente, lentamente,
 e sou o mais desgraçado
 de todos os mutilados
 que a guerra desgraçou.

POEMAS – REGIÃO/MORADA

AO RIO GRANDE DO SUL²²

Qual soberbo leão ao pé da Cordilheira,
lá, dos pampas assoma a Terra majestosa;
gigantesca, apresenta a amplíssima Fronteira,
do rábido Oceano à fúria tormentosa.

No Escudo do civismo ostenta, sobranceira,
a bravura e o valor da raça belicosa;
e a erguer da Liberdade a imácula Bandeira,
honra de *trinta e cinco* a tradição gloriosa.

Se alguém ousa afrontar do seu passado a História,
qual fúria do pampeiro, urgente troa a guerra;
surge o gaúcho audaz no dorso da vitória.

Salve a terra de heróis que a lealdade encerra,
e o lema do Progresso ostenta à luz da glória!
Salve, berço de Osório, oh! minha heroica Terra!

A CASA DE MEU LAR²³

Casa de meu lar, onde a minha vida
ditosa decorreu, na convivência
dos seres que eu amei...
Casa do meu amor, lar de clemência
Que mereci²⁴ dos meus, prodigamente
Velado pela graça do Divino...

Casa de meu lar que hoje está vazia
dos rumores de gente estremecida,
e dos seus passos que eu acompanhei,

22 CARDONA, Ibrantina. *Plectros*. São Paulo: 1897. II. p. 5 e 6.

23 CARDONA, Ibrantina. *Cosmos*. São Paulo: 1951. p. 243.

24 No original, está grafado “mreci”.

benditos sejam os que no mesmo ambiente
desse lar palpitarão de alegria
e hoje dormem no chão do meu destino.

Benditas sejam as mãos que alicerçaram
na terra mojiãna²⁵
deste Estado paulista,
de gente acolhedora, nobre e altruísta,
que eu louvo, grata e ufana,
a casa de meu lar que foi o abrigo
dos seres que eu amei.

Benditas sejam as telhas que me amparam
no solo que eu palmilho comovida,
colhendo em cada canto uma lembrança
de um passado que foi minha esperança
de glória que sonhei
para a glória dos seres que eu amei.

Hoje, a casa vazia ainda é o meu templo
da lírica poesia
que eu cultuo e a contemplo
revelada em toda a natureza,
na obra original
do Artista e meu supremo Criador;
templo onde penso a sós, onde laboro,
sob a atração do ideal,
e, sonhando, no enlevo da beleza,
recordo, anseio e canto, sofro e choro
de saudade dos seres que eu amei.

Bendita seja a voz do meu tributo
que eu, conformada, no meu lar escuto
no silêncio de minha viuvez,
até que soe a imperativa vez
de minha noite escura.

25 Refere-se à cidade de Moji Mirim, no Estado de São Paulo, onde morou a maior parte de sua vida.

E, atenta à voz que escuto qual conselho
 ou decreto divino à humanidade
 ante o qual tudo passa,
 concentro-me na lei da Divindade,
 submissa me ajoelho,
 e, orando em seu louvor,
 eu bendigo a bondade do Senhor
 que meu deu da sua graça
 em todo o meu trajeto
 de sonhadora ideal,
 a luz que me alumia
 o espírito e a poesia;
 luz que encheu de afeto
 de glória e de ventura
 os seres que eu amei
 e a casa de meu lar.

POEMAS – FAMÍLIA

ANTINARBI^{26 27}

Ante o seu berço

Astro feito da graça de um sorriso,
 encarnação do beijo e do carinho,
 tu que na vida apontas indeciso,
 dorme feliz, e sonha em teu bercinho....

Dorme criança; e que n'um leve friso
 subindo, esse teu sonho, de mansinho,
 chegue à estrela maior do paraíso,
 – estrela que ilumine o teu caminho

26 CARDONA, Ibrantina. *Plectros*. São Paulo: 1897. LI – p. 153 e 154.

27 Antinarbi Padilha foi o sobrinho de Ibrantina, com quem teve muita proximidade e afeição. Seu filho, Antinarbi Padilha Filho, chegou a viver com a escritora, a qual participou ativamente da criação. Há mais de um poema que a autora dedica tanto a Antinarbi quanto a Antinarbi Filho, manifestando seu amor por eles. A ligação com o sobrinho Antinarbi se mostra desde a escolha do nome: sugerido pela poetisa, trata-se de um anagrama de Ibrantina.

circundado de pássaros e flores....
Anjos descerrem seu olhar divino
sobre ti; que derramem-se os dulçores

de bem pelo teu peito pequenino;
faça-se de bençãos e louvores
o sereno fanal do teu destino.

REVELAÇÕES^{28 29}

– Brancas, róseas alvoradas
das manhãs do belo outono,
oh! visões do céu, douradas,
que acordais meu doce sono;
cambiantes matutinos
coroando a luz do dia,
panoramas peregrinos
de infinita fantasia;

– doces sonhos de venturas,
aros feitos de bonanças;
auréola que fulguras,
afagando as esperanças;
alegria de alvas penas
que adejais neste meu peito,
a cantar crenças serenas
do Ideal, em luz desfeito;

oh! cantores das florestas
o das altas serranias
que soltais em ledas festas
doces trinos de harmonias;
verdes campinas viçosas

28 Publicado em *Plectros*, p. 155-157. CARDONA, Ibrantina. *Plectros*. São Paulo: 1897. LII – p. 155 e 157.

29 O poema *Revelações*, a poetisa dedica aos seus vinte e um anos.

onde as brisas modulando,
passam leves, sonoras,
agrestes flores beijando;

– borboletas, andorinhas,
insetos e pirilampos,
nível bando de ovelhinhas,
perpassando pelos campos;
gigantescos arvoredos,
catadupas prateadas,
rudes troncos e rochedos
das florestas ramalhadas;

rios, fontes cristalinas
entre renques de aroeiras,
luz, estrelas vespertinas,
auras tépidas, fagueiras,
sol, crepúsculos, amplitude,
céus, intérminos arcanos,
saudai minha juventude,
que eu completo vinte e um anos!

DENTRO DA VIDA³⁰

À memória de Francisco Cardona

Expressão da existência e dom sublime, vida,
sujeita a lei que marca o rumo limitado,
eu para o mundo vim; sou partícula unida
ao todo do universo, ao qual perscruto e invado.

Sou matéria do pó, e sou o destinado
ser, que pensa e evolui até a extrema subida,
até que ao pó retorne ao mando do meu fado;
mas, se acima do pó, para além da jazida,

30 CARDONA, Ibrantina. *Cosmos*. São Paulo: 1951. p. 210.

a consciência se eleva, e, ó vida te perscruta,
vida que és a minha alma em ascensão, impoluta,
liberta da matéria e do cárcere em ruína,

eu ouço na tua voz a voz da eternidade,
porque do criador que anima a humanidade
tu tens a essência eterna e tens a luz divina.

POEMAS – TRANSCENDÊNCIA/ VIDA E MORTE

SONHO³¹

Asas de luz abertas para a altura,
Asas que elevam a alma embevecida,
Sonho – bem que do céu chama a criatura
Para esquecer os males desta vida,

nunca faltes por essa rota escura
dos que trazem de dor a alma ferida,
dos que nas tuas asas a ventura
exoram da ilusão, após a lida.

Deliciosa mentira embaladora,
sol de um minuto que a existência doura,
sonho dá que ao clarão de que me imundo,

ao trazeres-me o bem que a dor compensa,
nas tuas asas de luz fique eu suspensa.
acima das misérias deste mundo.

31 CARDONA, Ibrantina. *Cosmos*. São Paulo: 1951. p. 57

POR QUE NÃO TENHO ASAS?³²

Por que não tenho asas
na estrutura de barro
e das veredas rasas
dos que vivem de rastros
um momento sequer não me desgarrar?...

Por que o Senhor de eterna sapiência
não me deu resistência
de voar para além da estratosfera?...
Por que minha alma em meus nervos se encarcera,
tão distante da sua procedência?...

Ó alma, vibração da voz sonora
da verdade de Deus à consciência,
porque de onde surgiste livre outrora,
baixaste à minha carne sofredora
para ver e sentir toda a maldade
da vida de tributo e sofrimento
que, sendo o meu tormento,
inda me faz mais triste e pecadora?...

Se na terra meu ser de transgressora
da lei divina, em transição fatal,
expurga o erro e a falta
entre os seres de vida malfeitosa,
por que o exemplo humano de virtude
não há de contemplar na excelsitude?...

Alma de luz divina que baixaste
ao cárcere corpóreo
para a luta em contraste,
gênio do bem oposto ao da maldade,
pudesse do meu transe expiatório
elevant-me contigo na amplidão
de outros mundos nos astros...

32 CARDONA, Ibrantina. *Cosmos*. São Paulo: 1951. p. 133.

Ah, sonho inútil da alma encarcerada
 nesta carne provada
 de dor e desengano!...
 Neste estreito reduto
 de barro, nervos, fósforo encerrada
 alma, em vão te debates de aflição,
 em vão te esforças cheia de ansiedade
 para o alcance de minha perfeição...

Provarás, como uma condenada,
 O meu tributo à vida de ânsia e dor,
 até que eu tombe enfim purificada
 e voando, retornes libertada
 para o reino de glória do Criador.

A CAMINHO DA PAZ³³

Eu vou indo, Senhor, a passo lento
 para o Pouso da Bem-aventurança,
 comigo vai, submissa ao julgamento,
 a alma cheia de fé e confiança.

Antes que tombe o corpo sem alento,
 agradeço-te o bem que a serva alcança;
 pois, da vida de luta e sofrimento,
 as dores se me apagam da lembrança.

Não levo queixas de outrem... Da fraqueza
 do meu ser, ó senhor, perdoa as faltas,
 a do verbo perdoa-me a aspereza.

Vencendo a custo os cardos dos caminhos,
 confio no perdão com que me exaltas,
 e vou indo, liberta dos espinhos.

33 CARDONA, Ibrantina. *Cosmos*. São Paulo: 1951. p. 245.



SOBRE OS AUTORES

Cecil Jeanine Albert Zinani é Doutora em Letras: Literatura Comparada (UFRGS) com estágio pós-doutoral na linha de pesquisa Memória e História (PUCRS). Foi professora, pesquisadora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura e dos cursos de Letras da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Entre outras, publicou *Literatura e gênero: a construção da identidade feminina* e *História da literatura: questões contemporâneas*. Organizou diversas obras, entre elas: *Imprensa feminista e literatura: contribuições da revista A Mensageira* e *Mulheres gaúchas na imprensa do século XIX: Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*.

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019) e à UNESP (2020). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e sessenta livros.

Maria Eunice Moreira é Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) com Pós-doutoramento pela Universidade de Lisboa, em Portugal. Foi professora titular da Escola de Humanidades (Letras da PUCRS), onde atuou nos níveis de graduação e pós-graduação; foi pesquisadora do CNPq e coordenadora do projeto “Retratos de camafeu: biografias de escritoras sul-rio-grandenses”, financiado pela CAPES. Atualmente integra, como pesquisadora, o Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL), da Universidade de Lisboa.

Mauro Nicola Póvoas é Professor Associado do Instituto de Letras e Artes (ILA) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), onde atua como docente de Literatura na graduação e na pós-graduação, pesquisando temas como história da literatura, literatura sul-rio-grandense e periódicos literários. Doutor em Letras (Teoria da Literatura) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Regina Kohlrausch é Doutora em Letras, Teoria da Literatura, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Realizou estágio pós-doutoral na Universidade de Vigo, Espanha, com bolsa CAPES-Fundación Carolina. É professora titular da Escola de Humanidades da PUCRS, com atuação na graduação e pós-graduação. Desenvolve projetos de pesquisa junto aos DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS.

Salete Rosa Pezzi dos Santos é Doutora em Letras: Literatura Comparada, pela UFRGS. Atuou como professora e pesquisadora nos Programas de Pós-Graduação em Letras *stricto sensu* e no Curso de Letras da Universidade de Caxias do Sul (UCS), sendo membro do Grupo de Pesquisa CNPq: Literatura: perspectivas e transformações (UCS), do Grupo de Pesquisa Memórias Brasileiras: Biografias (CAPES), do Projeto de Pesquisa Portugueses de Papel, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Viviane Viebrantz Herchmann é Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), realizando Doutorado-Sanduíche na Universidade de Lisboa (UL), em Portugal. Seu estágio pós-doutoral ocorreu na Escola de Humanidades (Letras) da PUCRS. Professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Docente no Colégio Marista Rosário e no ITIPOA – Psicanálise e Criatividade. Responsável pela Verbete Comunicação: assessoria em escrita, ensino e pesquisa.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação preñe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



**BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE**

